



DO  
RIO DE JANEIRO  
AO PIAUÍ PELO  
INTERIOR DO PAÍS

*Joaquim Nogueira  
Paranaguá*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

*Volume 260*



Joaquim Nogueira Paranaguá formou-se em medicina pela faculdade da Bahia e passou a exercê-la na terra em que nasceu, Corrente, praticando caridade e cuidando dos pobres onde ainda não havia nenhum médico. Ele publicou seus trabalhos e pesquisas em obras como: *Composição do Sangue e Higiene Social*. Quando se afastou da política, retornou para continuar sua luta pela vida e pela alma dos outros. Junto com seu irmão Benjamim, abraçou as orientações da igreja Batista, sendo um dos responsáveis pela sua introdução no Piauí. Acabaram fundando o instituto batista de Corrente, junto com a norte-americana Juliet Barlow, realizando uma revolução no ensino pelos novos métodos empregados e pela qualidade do que se lecionava. Faleceu em 1926, ciente de que tinha dedicado sua existência aos outros na vida privada, na política e na medicina.

Deputado Federal, em 1900, apresentou projeto de lei no sentido da criação de Brasília, ideia ainda de José Bonifácio de Andrade, o Patriarca da Independência. Para seu filho, Correntino Paranaguá, na obra *Terra de um Paladino*, publicada pela coleção Centenário da Academia Piauiense de Letras nº 72, “em sua Carta Aberta, continua a argumentar sobre as vantagens econômicas e geopolíticas que adviriam para o Brasil. Previsão patriótica que só a premonição dos iluminados poderia entender e, sobretudo corajosamente enfrentar e resolver, como o fez o maior estadista da República, Juscelino Kubitschek”.

*Por que construí Brasília*, de Juscelino Kubitschek. Trata-se de um circunstanciado depoimento sobre a construção de Brasília, feito pelo Presidente Juscelino Kubitschek, considerado visionário, que concebeu e fez construir a nova capital federal, já sonhada e anunciada desde o princípio do século XIX.

É o melhor documento sobre Brasília, já que relatado pelo próprio criador de uma das mais modernas capitais em todo o mundo.

*Viagem ao rio Prata e ao Rio Grande do Sul*, de Arsène Isabelle. Publicado em 1835, esta obra de Arsène Isabelle vem somar-se à bibliografia dos viajantes estrangeiros. Desta vez é o Rio Grande do Sul, tendo o Uruguai e a Argentina como parte de suas anotações. O estudioso desta região do país encontrará aqui material abundante sobre o Brasil e o Cone Sul da América Latina. Mesmo nas observações sobre o Brasil, nem sempre lisonjeiras, observa-se, contudo, um atento cronista e homem envolvido com as questões humanas e políticas. Arsène estava mais preocupado com o homem e a organização social do que com o elemento natural. Este livro não é um simples relato de viagem, mas um conjunto de notas relevantes sobre a geografia, economia, a formação geológica e sociológica das regiões por onde Arsène empreendeu sua viagem.



*Antigo Tesouro em Teresina/PI.*



*Joaquim Nogueira Paranaguá  
\*11 de janeiro de 1855 – †11 de janeiro de 1926  
Corrente/PI*



*Av. Rio Branco, Rio de Janeiro/RJ.*



.....

DO RIO DE JANEIRO AO PIAUÍ  
PELO INTERIOR DO PAÍS



*Mesa Diretora*

Biênio 2019/2020

Senador Davi Alcolumbre  
*Presidente*

Senador Antonio Anastasia  
*1º Vice-Presidente*

Senador Lasier Martins  
*2º Vice-Presidente*

Senador Sérgio Petecão  
*1º Secretário*

Senador Eduardo Gomes  
*2º Secretário*

Senador Flávio Bolsonaro  
*3º Secretário*

Senador Luis Carlos Heinze  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador Marcos do Val  
Senador Jaques Wagner

Senador Weverton Rocha  
Senadora Leila Barros

*Conselho Editorial*

Edison Lobão  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente, editor*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Wilson Roberto Theodoro

Ilana Trombka

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 260*

DO RIO DE JANEIRO AO PIAUÍ  
PELO INTERIOR DO PAÍS

IMPRESSÕES DE VIAGEM

*Joaquim Nogueira Paranaguá*



*Brasília – 2019*



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
Vol. 260

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país, e também obras da história mundial.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2019

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

cedit@senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho>

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-998-1

.....

Paranaguá, Nogueira, 1855-1926.

Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país: impressões de viagem / Joaquim Nogueira Paranaguá. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

164 p. : il., fots. – (Edições do Senado Federal ; v. 260)

1. Brasil, descrição, séc. XX. 2. Viagem, memórias, Brasil, séc. XX. I. Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

.....

## *Sumário*

### PREFÁCIO

À 3ª Edição de *Do Rio de Janeiro ao Piauí*  
*pelo Interior do País de Joaquim Nogueira Paranaguá* –  
Nelson Nery Costa  
*pág. 13*

Viagem Educativa – A. Tito Filho  
*pág. 17*

Joaquim Nogueira Paranaguá – Traços Biográficos  
– A. Tito Filho  
*pág. 19*

Prefácio  
*pág. 23*

### CAPÍTULO I

Da baía de Guanabara a Sabará  
*pág. 27*

### CAPÍTULO II

De Sabará a Guaicuí de Pirapora  
*pág. 43*

### CAPÍTULO III

De Pirapora à Cidade da Barra do Rio Grande  
*pág. 63*

### CAPÍTULO IV

Da Cidade de Barra à Vila de Corrente  
*pág. 77*

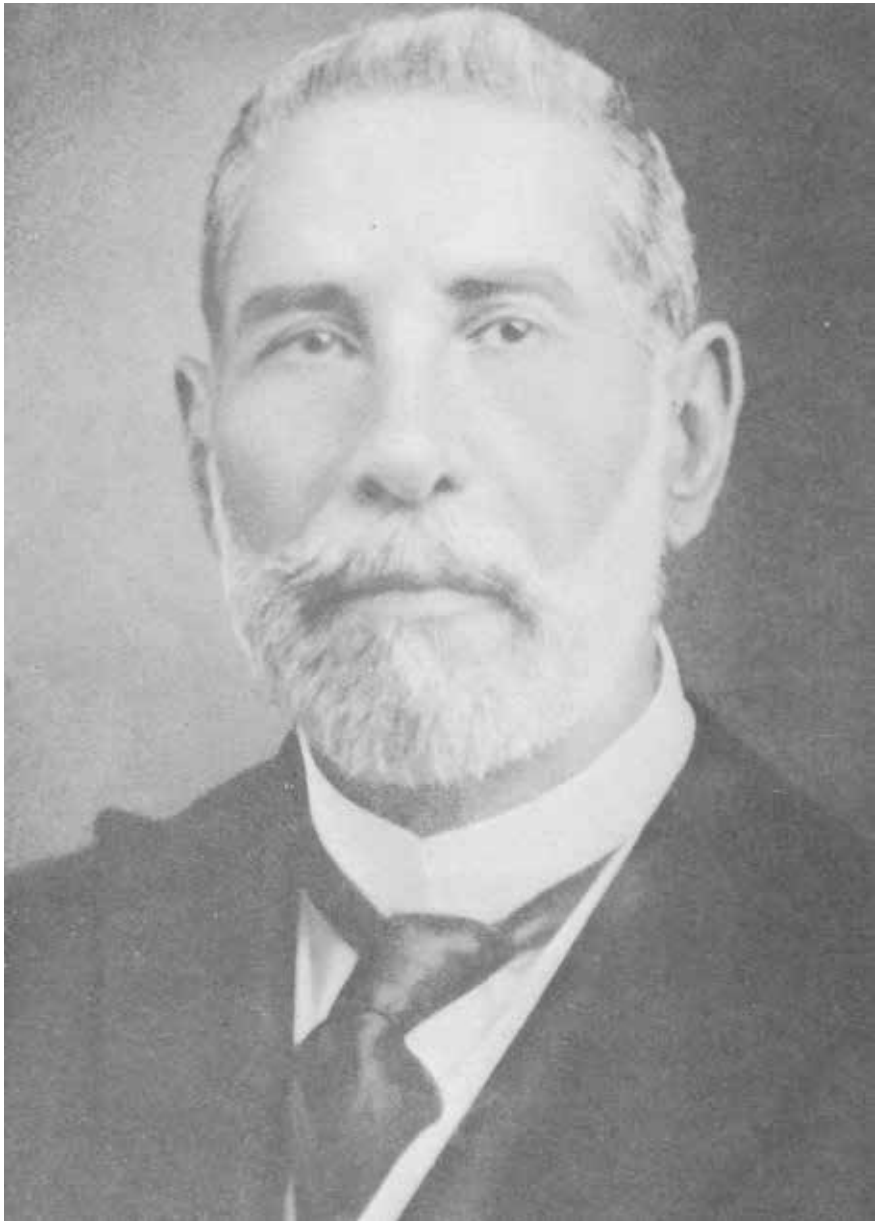
CAPÍTULO V  
Excursão pelos municípios de Corrente e Paranaguá  
*pág. 99*

CAPÍTULO VI  
De Corrente a Riozinho  
*pág. 119*

CAPÍTULO VII  
De Riozinho à Cidade de Floriano  
*pág. 130*

CAPÍTULO VIII  
Da Cidade de Floriano à baía de Amarração  
*pág. 143*

ÍNDICE ONOMÁSTICO  
*pág. 157*

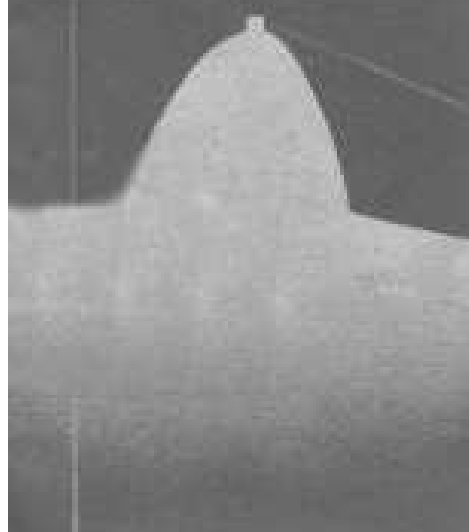


*Joaquim Nogueira Paranaguá*  
*(Corrente (PI), 1855-1926)*

**JOAQUIM NOGUEIRA  
PARANAGUÁ**

**DO RIO  
DE JANEIRO**

**AO  
PLAÚÍ  
PELO  
INTERIOR  
DO PAÍS**



**1984**

.....

DO RIO DE JANEIRO AO PIAUÍ PELO INTERIOR DO PAÍS  
IMPRESSÕES DE VIAGEM  
JOAQUIM NOGUEIRA PARANAGUÁ

A 1ª edição publicou-se pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1905.

A 2ª edição foi feita sob os auspícios dos filhos de Joaquim Nogueira Paranaguá (Therezina, Correntino, Augusto e Tancredo), da Academia Piauiense de Letras e da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo do Estado do Piauí, em 1984.

Ortografia atualizada em 1986. Capa da 2ª edição: Delci Maria Tito

A 3ª edição foi de responsabilidade da Academia Piauiense de Letras, por meio da Coleção Centenário nº 88.

Ortografia atualizada em 2016.

Capa da 3ª edição: Kennedy Costa e Nelson Nery Costa.



.....

## *Prefácio*

À 3ª EDIÇÃO DE DO RIO DE JANEIRO AO PIAUÍ PELO INTERIOR DO PAÍS  
DE JOAQUIM NOGUEIRA PARANAGUÁ

NELSON NERY COSTA  
PRESIDENTE DA APL

*J*OSÉ DA CUNHA LUSTOSA, que recebeu terras na região da lagoa do Parnaguá, em 1745, casou-se com Helena de Souza Lustosa, tendo por filho José da Cunha Lustosa (2º). Este comandou uma força vinda de sua região, para lutar na Guerra de Independência do Piauí, em 1823. Ele acabou casando com Inácia Antônia dos Reis Lustosa, tendo uma prole de nobres, como João Lustosa da Cunha Paranaguá, Marquês de Parnaguá, José da Cunha Lustosa (3º), Barão de Paraim, e José Lustosa da Cunha, Barão de Santa Filomena. No seio desta família ilustre nasceu o Comendador José Francisco Nogueira Paranaguá, Dignatário da Ordem da Rosa, que casando com Isabel de Jesus Pacheco Nogueira, em 1855, em Corrente, nasceram-lhes os filhos Joaquim e Benjamin, dentre outros.

Joaquim Nogueira Paranaguá ficou marcado na História do Brasil por ter sido um dos defensores da transferência da Capi-



*tal do Brasil do Rio de Janeiro para o interior do país no Planalto Central. Ainda deputado federal, em 1900, apresentou projeto de lei no sentido da criação de Brasília, ideia ainda de José Bonifácio de Andrada, o Patriarca da Independência. Para seu filho Correntino Paranaguá, na obra Terra de um Paladino, publicada pela Coleção Centenário da Academia Piauiense de Letras nº 72, “em sua Carta Aberta, continua a argumentar sobre as vantagens econômicas e geopolíticas que adviriam para o Brasil. Previsão patriótica que só a premonição dos iluminados poderia entender e sobretudo corajosamente enfrentar e resolver, como o fez o maior estadista da República, Juscelino Kubitschek”.*

*Joaquim Nogueira Paranaguá teve uma carreira política exemplar, começando como deputado provincial, em 1884 e 1888. Com o afastamento do governador Taumaturgo de Azevedo, de 4 de junho a 23 de agosto de 1890, exerceu como vice-governador o governo do Estado do Piauí. Foi, ainda, Deputado Constituinte de 1890 e 1891 e, também, deputado federal, de 1890 a 1896. Por fim, foi senador da República, de 1907 a 1905, sempre se havendo com denodo e retidão, às vezes até com excessiva boa fé. Via a política como um meio de desenvolver sua região, especialmente o território das terras do sul piauiense e sua Corrente.*

*Ele escreveu a obra Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo Interior do País, seguindo a tradição dos viajantes que descreviam o Brasil percorrendo suas entranhas, como fizeram Von Spix e Von Martins, no século XIX, e Paul Walle, no início do século XX. A obra de Joaquim Nogueira Paranaguá, publicada em 1905, descreveu as dificuldades do povo e as belas paisagens interioranas brasileiras, da baía de Guanabara ao sertão piauiense em 1892. Ao chegar no sul do Piauí, depois de descer o rio São Francisco, descreveu a chegada em sua terra natal: “Ao aproximarmo-nos da aba da serra do lado*

*oeste, avistamos uma região imensa, ondulada de colinas, montes e campos virentes, circundada por uma serra em forma de ferradura, de concavidade voltada para o norte, a estender-se indefinidamente. É o Piauí que surge e nossa alma ao contemplá-lo expande-se em íntimo júbilo”.*

*Joaquim Nogueira Paranaguá formou-se em Medicina, pela Faculdade da Bahia, e passou a exercê-la na terra em que nasceu, Corrente, praticando caridade e cuidando dos pobres onde ainda não havia nenhum médico. Ele publicou seus trabalhos e pesquisas em obras como Composição do Sangue e Higiene Social. Quando se afastou da política, retornou para continuar sua luta pela vida e pela alma dos outros. Junto com seu irmão Benjamin, abraçou as orientações da Igreja Batista, sendo um dos responsáveis pela sua introdução no Piauí. Acabaram fundando o Instituto Batista de Corrente, junto com a norte-americana Juliet Barlow, realizando uma revolução no ensino, pelos novos métodos empregados e pela qualidade do que se lecionava. Faleceu, em 1926, ciente de que tinha dedicado sua existência aos outros na vida privada, na política e na Medicina.*



.....

## *Viagem Educativa*

A. TITO FILHO  
(2ª EDIÇÃO)

*E*STAS IMPRESSÕES DE VIAGEM li-as faz tempo, em revista literária de Teresina. Antes se publicaram em livro, 1905, e para a presente edição se adaptou a ortografia dos primeiros anos do século XX.

Em 1892, Joaquim Nogueira Paranaguá deixou o Rio de Janeiro, capital do país, em busca do Piauí. Resolveu viajar pelo interior brasileiro, quando normalmente políticos e estudantes voltavam a penates em navios mercantes até São Luís e daí seguiam para Teresina por terra, a cavalo ou de trem de ferro.

\*\*\*

Extensos os caminhos percorridos e descritos nas páginas seguintes. Vário o meio de transporte: comboio ferroviário, barco, navio gaiola, cavalo. Andanças muitas: Estado do Rio, Minas, Bahia. Do longo roteiro, das dificuldades encontradas e vencidas, dos episódios vividos, das paisagens vistas e admiradas resultou a narrativa sincera que entidades culturais

e os filhos de Joaquim Nogueira Paranaguá ora reeditam, homenageando-lhe a memória digna de louvar.

\*\*\*

Médico, político, parlamentar, educador, homem de ciência, – havia em Joaquim Nogueira Paranaguá também o jornalista e o cultor das boas letras, do que dá testemunho exuberante esta lembrança; de viajor, composta com a preocupação de convocar os brasileiros para os recursos nacionais.

\*\*\*

Aspectos históricos e sociais, hábitos e costumes comunitários, quadros naturais, imigração, comércio e indústria, riquezas minerais, flora e fauna, transportes – de muitos assuntos se fez o livro, – páginas de ensinamentos, de lições da vida, sobremodo.

\*\*\*

Admire-se a linguagem que se realiza pela vontade, consistente na harmonia das ideias com o que elas representam; pela beleza, característica do modo de sentir; pela decência, que consubstancia o fundo da intenção. E mais: o modo claro de dizer e de convencer.

\*\*\*

Joaquim Nogueira Paranaguá doou-se aos semelhantes, em benefícios sem conta. Dele disse o profundo amor filial de Correntino: “Sua presença continua e continuará a existir como um farol de altruísmo, perseverança e honradez, enquanto houver memória de sua personalidade, simultaneamente forte e suave, combativa e conciliadora, equânime na prosperidade como na adversidade, digno e simples nos elevados cargos que ocupou como no meio do povo humilde que viu e chorou o seu encontro com a eternidade”.

De feito e por ato de justiça: enquanto houver lembrança da virtude, Joaquim Nogueira Paranaguá permanece presente, da forma que está nesta viagem educativa.

.....

*Joaquim Nogueira Paranaguá*

– TRAÇOS BIOGRÁFICOS –

A. TITO FILHO  
(2ª EDIÇÃO)

**N**ASCEU a 11.1.1855, na fazenda Cruz, município de Corrente (PI). Pais: comendador José Francisco Nogueira Paranaguá e Isabel de Jesus Pacheco Nogueira. Coursou o Seminário das Mercês, de São Luís, deixando os estudos eclesiásticos. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia (1882), com curso brilhante e defesa de tese. Na capital baiana recebeu influência das ideias de liberdade aos escravos e do regime republicano e a elas aderiu. Viajou para o Rio de Janeiro, objetivando manter contatos com as lideranças políticas. De volta ao Piauí, percorreu longo trecho do interior, a pregar a extinção do escravismo e a adoção da República. Ingressou no Partido Republicano e tornou-se líder político prestigioso e aplaudido. Deputado provincial. Vice-governador, assumiu o governo de 4.6.1890 a 23.8.1890, período curto em que pôde ainda adotar medidas de interesse público e paz partidária. Deputado aos trabalhos da primeira constituição republicana e à primeira legislatura (1891-1893). Reeleito. Dedicou esforços, na esfera parlamentar, ao sul do Piauí e ao Brasil Central. Defendeu novos processos educacionais. Ofereceu projeto de lei em

que autorizava o Poder Executivo a demarcar as terras da futura sede do governo brasileiro, indicando-se as fontes de despesas necessárias, inclusive para edificar prédios públicos (Projeto Paranaguá). Pretendia uma *cidade moderna*, mas desprovida do *sentimento de luxo e de grandeza*. Senador de 1897 a 1905. No exercício da medicina, dedicou-se aos pobres, lutou pela saúde nos sertões piauienses e no Rio de Janeiro. Estudou a flora e empregou-a na cura de males. Combateu o fumo. Publicou trabalho sobre educação sexual, numa época em que o tema constituía tabu. Fez patrióticas defesas da ecologia. Entusiasta da agropecuária, multiplicou gados e terras que houve por herança. Melhorou os rebanhos, sobretudo os bovinos e caprinos. Numa segunda viagem do Rio ao Piauí, deu ingente combate às verminoses e à malária. Atraiu educadores evangélicos para o município onde nasceu e criou instituto educacional, de ensino secundário e artesanato. Nos primeiros tempos da vida de médico e de político, no setor educativo teve constante e decidida ajuda do irmão gêmeo Benjamim, que, como ele faleceu no mesmo dia (11 de janeiro), mas de anos diferentes. No primeiro centenário do seu nascimento, homenagearam-lhe a memória, em discursos na Câmara e no Senado, o deputado Sigefredo Pacheco e o senador Joaquim Pires Ferreira. Desde cedo trabalhou e lutou. O estudo persistente dotou-o de formação filosófica. Cidadão digno, de virtudes morais inexcedíveis, sempre contra o mandonismo e a prepotência. Desenvolveu esforços supremos junto ao partidarismo político para evitar que se verificassem as desavenças e combates armados que envolveram famílias no sul do Piauí, entre as quais a sua. Não conseguiu que o ouvissem. Depois de duras refregas, a pacificação se deu no governo Matias Olímpio, mas os fatos lhe impuseram grandes aflições espirituais, que talvez lhe tenham apressado a morte. Foi casado com Emma Weguelin, descendente de suíços. Do casal nasceram os filhos que tanto honram a memória dos pais: Therezina, Augusto, Tancredo e Correntino.

DO RIO DE JANEIRO AO PIAUÍ

PELO INTERIOR DO PAÍS

IMPRESSÕES DE VIAGEM





.....

## *Prefácio*

**A**LGUNS AMIGOS nos pediram a publicação, em folheto, dos artigos que fizemos inserir na edição vespertina do Jornal do Brasil sobre a nossa viagem DO RIO DE JANEIRO AO PIAUI, pelo interior do país.

*Desejámos transmitir aos nossos leitores as impressões que recebemos, ao percorrer tão vasta e interessante região, com as cores genuinamente locais; mas, não nos sendo isso possível, julgamos de alguma conveniência a divulgação de elementos que possam facilitar o conhecimento da natureza deslumbrantemente rica de uma porção deste incomparável país sul-americano, tão vasto quanto desconhecido.*

*Para fazer-se ideia aproximada dos seus recursos, da sua civilização e dos seus costumes, é indispensável o seu percurso, desde o litoral até a região central.*

*Quanta cousa interessante, curiosa, e que assombra mesmo, não existe no interior de tão abençoado país!*

*Quem nele se internar, compreenderá, de modo evidente, a importância dos magnos problemas que deverão ser resolvidos em bem do nosso progresso, como a mudança de sua capital para o planalto central.*

*Este fato virá contribuir, não só para o povoamento do Brasil, como para o desenvolvimento regular e harmônico da América Meridional.*

*O imigrante, ao desembarcar, desejando aproximar-se da capital, seguirá para a região central; e, encontrando no planalto solo ubérrimo e o melhor clima da terra, facilmente vincular-se-á ao solo, desenvolvendo a policultura e assimilando-se à nossa nacionalidade.*

*O europeu que respirar o suave perfume das flores embalamadas de nossas campinas e experimentar a influência do ambiente purificador das matas oxigenadas dos nossos sertões, não deixará de identificar-se com a pátria carinhosa, que amoravelmente o acolhe. Reconhecerá, ao mesmo tempo, que as mais elevadas posições sociais e políticas são acessíveis ao homem de mérito, qualquer que seja a sua raça e religião, neste país, que tem tido por fanal, em sua evolução, o amor e a justiça.*

*Eis por que os estrangeiros são facilmente assimilados à nossa nacionalidade e por que as grandes potências europeias procuram desviar seus filhos do Brasil, onde, sabem, perderão os sentimentos nativistas, para adotar a nova pátria que lhes oferece novos e mais dilatados horizontes às suas nobres aspirações.*

*Mudada a capital para o local já escolhido e demarcado, a viação férrea e fluvial terá desenvolvimento prodigioso.*

*Propaganda, a mais brilhante e eficaz, será então feita em favor do nosso país, já pelos excursionistas, que visitarem a maravi-*

*lhosa região do Brasil Central, já pelo corpo diplomático, que terá ocasião de conhecer este belo país e de ir fixar residência na mais salubre zona da América do Sul.*

*Os milhares ou milhões de europeus, que precisarem sair da mãe-pátria, terão certeza de que encontrarão agasalho e conforto no solo propício da grande e generosa nação brasileira, que fidalgamente sabe compensar a inteligência produtiva e o amor ao trabalho.*

*Que venham, venham quanto antes, milhares de cooperadores do progresso brasileiro, são os nossos votos.*



.....

## *Capítulo I*

### DA BAÍA DE GUANABARA A SABARÁ

**N**UMA TARDE CÁLIDA DO MÊS DE NOVEMBRO [de 1892], sob a dulcíssima impressão do suave marulhar das ondas, que se quebravam de encontro à poética praia de Icaraí, em Niterói, tivemos ocasião de observar o mais esplêndido crepúsculo que se possa imaginar.

A vasta baía de Guanabara, admiravelmente tranquila, refletia os últimos raios do sol, que se ia deitando em macio e verde leito, preparado no cimo da cordilheira que cinge a capital do Brasil.

Céleres barcas, singrando as águas da formosíssima Guanabara, punham em comunicação os habitantes das duas grandes capitais: Niterói e São Sebastião do Rio de Janeiro.

O crepúsculo apresentava ao espectador extasiado o belíssimo conjunto de coloridos diversos e deslumbrantes, como se as bem harmonizadas tintas de ideal palheta ali momentaneamente figurassem, para jamais se reproduzirem noutra tela de tão delicados matizes.

As próprias montanhas, que cingem a mais bela região do globo, pareciam partilhar da indescritível coloração do firmamento.

O morro do Pico, em Niterói, e o do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, aparentemente ligados, fechavam a entrada da barra. Sentinelas

infatigáveis, ao lado das soberbas fortalezas que fiscalizam a entrada do porto, formam a guarda avançada do Gigante de Pedra, guerreiro em letargo, que nem se apercebe do rebuliço levantado em torno de si.

Os Dois Irmãos, além do Corcovado, lançam olhares perscrutadores para o imenso pélagos; e mais além, envolto em tênue nevoeiro, qual túnica purpurina, avista-se o admirável sofá da Glávea, destinado, por sua grandeza e soberania, à reunião dos deuses!

Como era deslumbrante aquele pôr do sol!

Diante daquela radiante cena, que refulgia de esplendorosa luz, desde os píncaros dos montes até às verdes e feéricas ilhas, um desejo invencível de viajar, de percorrer o interior do nosso vastíssimo país, se apoderou de nós.

Dirigimo-nos à ponte de São Domingos e embarcamos para a capital fronteira, admirando as indescritíveis belezas da baía mais formosa do universo!

Que incomparável crepúsculo aquele, tão cheio de esplendor, que mais parecia uma aurora boreal, fazendo realçar a magnificência da paisagem que, da serra dos Órgãos se estende pelo oceano em fora.

Inúmeras embarcações sulcavam as águas da majestosa baía, ora entre as duas capitais, ora em busca de aprazíveis sítios nas risonhas e férteis ilhas que, às dezenas, surgem na suntuosa baía, como surpreendentes jardins flutuantes.

Desembarcando no Rio de Janeiro, um doloroso sentimento invadiu nossa alma, em presença do estado em que achamos a imunda praia do Peixe ou Largo do Paço, tão inqualificavelmente feia, naquela época, quão linda é, atualmente, a praça Quinze de Novembro, em que se transformou, e onde se ergue o artístico monumento que perpetua no bronze o vulto lendário do glorioso general Osório.

Esta praça, com seus velhos monumentos restaurados, com renques de belíssimas e variadas árvores, e deslumbrantes jardins, cobertos de lindas e perfumadas flores, é o testemunho da nossa evolução.

O presidente, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, desfraldou o programa dos melhoramentos que visam ao engrandecimento do nosso caro Brasil, já estando alguns em execução, como as obras do porto, abertura de avenidas e outros.

A desleixada Sebastianópolis dos tempos antigos vai-se transformando em cidade moderna, elegante e asseada, em harmonia com os seus lindíssimos arrabaldes, de incontestáveis belezas naturais.

Quem deixará de admirar o imponente e majestoso arrebentar das ondas do mar em Copacabana? A formosura encantadora do morro de Santa Teresa, pontilhado de magníficas habitações, maravilhosas encrustações em dossel de verdura?

Quem não admirará esse soberbo Corcovado, verdadeira maravilha, de cujo altivo píncaro se dominam as duas suntuosas capitais, a majestosa baía e o vasto oceano, a confundir-se com o firmamento, apresentando às nossas vistas os panoramas mais belos e mais variados que na Terra se possam encontrar? E a encantadora Tijuca, coberta de formosos jardins e de virentes matas, cortadas de límpidas fontes e de estrepitosas cascatas, que se escoam em alvíssimos aljôfares, quem deixará de admirar?

Mas, deixando de parte o conjunto de belezas da grande capital da antiga América Portuguesa, voltemos ao nosso objetivo. Ao chegarmos ao nosso domicílio, iniciamos os preparativos da nossa viagem.

\*\*\*

Eram 5 horas da manhã de 17 de novembro de 1892, quando tomamos passagem no expresse mineiro, na estação inicial, a mais vasta e importante da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Muitas outras viagens temos feito nesta Estrada, de então para cá; e, por isso, citaremos as modificações havidas.

A locomotiva arfava; e, dado o sinal de partida, um sibilo anunciou que o trem ia entrar em movimento.

Uma espessa cerração dificultava a observação dos objetos situados a poucos metros de distância.

O trem, atravessando a espessa neblina, velozmente se afastava da estação inicial e, com dificuldade, através do cerrado véu, observávamos as admiráveis paisagens que margeiam a estrada.

A emoção de quem ia executar uma longínqua viagem, jamais realizada até então, assim como os suaves sentimentos de saudades do meio em que havíamos passado alguns meses, nos dominavam ainda, quando



anunciaram a estação de Cascadura. Nesse populoso subúrbio entraram alguns passageiros e, depois da demora do horário, a locomotiva continuou sua vertiginosa carreira e foi parar em Belém, atravessando grande número de estações, como a de Sapopemba, de onde parte o ramal de Santa Cruz e outras, cujos núcleos de população parecem destinados a tornar-se contínuos com a grande cidade da América Lusitana.

Belém tem sempre considerável movimento; parte, pouco adiante dali, o ramal de Macacos, em cuja estação terminal se encontra uma grande fábrica de tecidos. Passando rapidamente pela bifurcação, o trem continuou sua marcha através da fechada neblina; e, à proporção que subia, a neblina se tornava mais tênue, e o sol brilhava com todo o esplendor, iluminando os elevados cimos da serra do Mar, marchetada, aqui e ali, de flocos de neve, como alvas pastas de algodão sobre tapete esmeraldino.

Lançando um rápido olhar do cume da montanha para sua base, via-se desdobrada uma espessa camada de nevoeiro, semelhante a um vasto coradouro. “Linda paisagem!” – repetiam os passageiros, maravilhados.

E, se as belezas naturais são arrebatadoras, não menos dignas de admiração são as obras de arte que se encontram nesse trecho da serra do Mar. Os cortes colossais, praticados em diversos sítios da elevada montanha, e a quase intérmina sucessão de túneis, por onde se estendem as fitas metálicas, que se enroscam em espirais, como serpentes gigantescas, são atestado seguro, legítimo, incontestável e vivo, do mérito íngente da engenharia brasileira. O viajante não sabe o que mais admirar: se o esforço e a capacidade do engenheiro brasileiro, a vencer dificuldades aparentemente insuperáveis; se as maravilhas da natureza majestosamente bela, por suas cascatas, despenhadeiros, montes, florestas, vales e campos.

É sempre debaixo da mais agradável impressão de paisagens e panoramas arrebatadores e imponentes que vamos deixando as encantadoras localidades desse trecho. Assim, Mendes, semelhando um ninho de águia, colocado no alto da serra, logo após o túnel grande, é um saudável retiro, em que parte da classe abastada da capital federal passa a canícula, fugindo ao rigor do calor estival de serra abaixo.

Nessa pitoresca localidade, além da pequena, risonha e atraente ermida, colocada no cimo de um outeiro e que parece estar convidando

os fiéis a erguerem preces ao Altíssimo, encontram-se também estabelecimentos industriais de valor, como as importantes fábricas de fósforos, papel, salsichas e cerveja.

Ao deixarmos Mendes, avistamos outras estações da serra, como Morsing, Santana, e chegamos, finalmente, à cidade de Barra, na raiz da serra. Desta estação parte o ramal paulista, construído à esquerda de quem vem da capital federal, e que liga esta à rica e próspera capital do Estado de São Paulo; a linha principal continua à direita. Depois da demora do horário, abandonamos a velha cidade e, pouco tempo depois, contemplávamos o majestoso rio Paraíba, por cujo vale se estira a Estrada de Ferro Central.

O sinuoso Paraíba e suas ilhas e pedras soltas, a se mostrarem à flor das águas irisadas e aljofradas, constituem novos encantos contrastantes com a dilatada planície por onde se estende a Central, e as tranquilas e modestas habitações levantadas nas eminências às margens do rio. As antigas fazendas, outrora tão ricas de cafeeiros, estão transformadas em campos de criação, onde, descuidoso, o gado pasce.

É com o espírito aguçado por novidades, sempre a surgirem de surpresa, que o viajante atravessa aprazíveis povoados, alguns de considerável importância, como a cidade de Paraíba do Sul, onde nos achamos.

Pelo movimento que se nota na estação, reconhece-se a importância do comércio e lavoura do município.

É uma das mais importantes cidades do Estado do Rio de Janeiro; ali se encontram todas comodidades e conforto dos centros adiantados.

Ao deixarmos a bela Paraíba, ansiosos esperávamos a chegada a Entre Rios, onde almoçaríamos, quando ouvimos o grito “Entre Rios! Demora de vinte minutos”. Esta estação está 269,410 m de altitude, acima do mar. É mais baixa e quente, de serra acima.

Os passageiros, céleres, abandonam os carros e tomam lugar em torno das mesas, que não chegam para tão grande número de comensais. Todos procuram aproveitar bem o tempo destinado ao almoço; mal, porém, estão alguns no princípio da refeição, quando é dado o sinal de partida. O movimento recomeça, o tempo urge, e lá vão eles, em busca dos seus lugares, uns levando pão e presunto, outros perna de frango, outros

doce e queijo. O trem parte e muitos passageiros continuam nos carros a refeição iniciada.

Novas estações vão aparecendo e, à proporção que avançamos contra a corrente do rio, divisamos algumas de pequena importância, como Fernandes Pinheiro, Serraria e Sousa Aguiar, outras de maior movimento e aspecto agradável, como Paraibuna, perto da qual desliza o rio que lhe dá o nome e que, correndo em leito pedregoso, despenha-se em catadupas, indo engrossar as águas do Paraíba.

Sobragi e Barão de Cotegipe são estações de pequeno movimento; Matias Barbosa revela mais importância, provavelmente por estar equidistante de Paraibuna e de Juiz de Fora, de que nos vamos aproximando, passando rapidamente pelas pequenas estações de Cedofeita e Retiro.

Sendo Juiz de Fora a mais populosa, rica e próspera cidade do Estado de Minas Gerais, não queremos deixar de fazer da mesma ligeira descrição.

A cidade fica a 675,506 m de altitude, e está situada no vale do rio Paraibuna, que aí forma extensa vargem limitada por montanhas, algumas de difícil acesso, como o morro do Imperador. Possui, dentre muitas ruas regulares, algumas verdadeiramente dignas de menção, como a Rua Halfeld, que, além de bem alinhada é bem larga, representa a parte mais comercial da cidade; a Rua Direita, a mais bela e extensa de Juiz de Fora, é uma verdadeira avenida, onde crescem lindos arvoredos e onde se encontram edifícios de aprimorada construção e elegante estilo.

Um arrabalde digno de nota é o da colônia alemã, em Mariano Procópio, destacando-se a Rua Mascarenhas, onde se veem casinhas admiravelmente bem tratadas, com os seus pequenos jardins carinhosamente cuidados pelas alvas mãos benfazejas das filhas da Germânia ou suas descendentes.

Como são poéticas essas casinhas em que, numa ou noutra janela, trinam passarinhos alegres belíssimas melodias, ao mesmo tempo que brancas e rendadas cortinas parecem anunciar a felicidade que respiram os moradores dessas singelas, risonhas e invejáveis habitações.

Outra colônia alemã, a de São Pedro, prospera também, num outro arrabalde da cidade.

O fórum, o passeio público, o ginásio, com um curso comercial completo, e o Hospital da Misericórdia, são monumentos dignos de ser conhecidos.

Diversas fábricas existem e, entre elas, as de tecido de algodão, as de manteiga e de cerveja.

A cidade é cortada por linhas de bondes. Tem um sistema de esgoto bem regular, abastecimento de água razoável, assim como boa iluminação elétrica.

Enfim, para uma cidade de uma população de cerca de 20.000 habitantes, Juiz de Fora tem excelentes acomodações e bons hotéis, onde se goza de algum conforto.

O seu comércio é o mais ativo do Estado. A importante Estrada de Ferro de Juiz de Fora a Piau, que tanto contribui para o progresso de Minas, parte desta cidade.

Antes da construção de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, instalada a 12 de dezembro de 1897, era Juiz de Fora considerada a *sala de visitas* do Estado, por ser a mais bela, industrial, rica e populosa.

Pouco adiante da elegante cidade mineira, encontra-se Mariano Procópio, com seus belos edifícios e imenso parque.

Mariano Procópio lembra o notável brasileiro, a cujo espírito de iniciativa os Estados do Rio e Minas devem consideráveis melhoramentos, como a estrada de rodagem *União e Indústria*.

À proporção que o trem avança, outras estações surgem, como Benfca, Dias Tavares, Chapéu d'Uvas, centros de população destinados a se tornarem outras tantas cidades, como já o é Palmira, que, pela sua altitude, a 837,443 m, na subida da serra da Mantiqueira, goza de bom clima e tem comércio regular.

É de Palmira que parte a Estrada de Ferro do Rio Doce, a qual muito concorre para a importância desta cidade, célebre pelos seus queijos, modelo holandês.

Mantiqueira, em posição mais elevada do que Palmira, é notável, principalmente, pela sua fábrica de manteiga, talvez a mais bem montada da América do Sul.

Graças à iniciativa da família Sá Fortes, da qual o Dr. Carlos P. de Sá Fortes é proeminente membro, as fazendas dos arredores dessa estação são as que possuem o melhor gado de raça holandesa; e, tal é a quantidade de leite que produz o gado dessa região, que, além do empregado no fabrico do queijo – queijo *mineiro*, propriamente dito, e o melhor que conhecemos – abastece a fábrica de manteiga para a sua extraordinária produção, fornecendo, ainda, diariamente, 5.000 a 7.000 litros de leite, que vem gelado ao mercado da capital federal.

Uma pequena estrada de ferro, passando pela fábrica, vai à casa de residência do Dr. Sá Fortes.

A estação de Rocha Dias, com uma altitude de 998,413 m, acima do nível do mar, com suas ricas pastagens artificiais, é de clima saudável, ameno e quase frio. Como é agradável a sensação que se experimenta com a mudança gradual da temperatura! Como é suave o ar que se respira nestas alturas, onde o perfume das ervas odoríferas, embalsamando a atmosfera, vivifica os nossos pulmões e nos fortifica o organismo.

Contemplando as admiráveis belezas da serra da Mantiqueira; as suas pastagens de capim-gordura, que perfumam todo o ambiente; as matas, com as suas flores roxas e amarelas; assim como os profundos vales e elevados cumes, cobertos de pinheiros, fomos, distraidamente, até João Aires, esse verdadeiro sanatório, situado a 1.115,418 m acima do nível do mar.

Um grande e espaçoso hotel, em frente à estação, é o abrigo daqueles que, perseguidos por diversas enfermidades, principalmente as contraídas em lugares quentes e pantanosos, ou as moléstias dos órgãos respiratórios, ali vão buscar lenitivo.

Os altos pinheiros são numerosos, mesmo próximo ao hotel, onde também se encontra uma espessa e aprazível floresta.

Que situação encantadora! Que clima ameno, saudável e reparador, o deste lugar!

Possuindo tão admiráveis qualidades climatéricas, com excelente e cristalina água potável em tão grande quantidade, por que não é essa localidade uma cidade próspera?

Simplemente porque os grandes proprietários se recusam obstinadamente ao parcelamento de suas terras.

Se os Estados, que são cortados por estradas de ferro e rios navegáveis, promulgassem leis que onerassem os grandes latifúndios, facilitando o desenvolvimento das pequenas propriedades, muito lucrariam, não só a União como esses próprios Estados, e também as empresas de transporte, com a condensação da população, com o considerável aumento de produção que, com o dos passageiros, viriam elevar sensivelmente, não só as rendas da União, como a dos Estados, dos municípios e das empresas de transporte fluviais ou ferroviárias.

Fazíamos conjecturas a respeito do futuro grandioso que aguarda essa região, desde que se torne bastante povoada e suas quedas-d'água forem aproveitadas convenientemente, quando o sibilo da locomotiva nos anunciou a estação de Sítio.

Como já tenhamos passado uma temporada calma nesta pitoresca povoação, vamos descrevê-la em poucas linhas.

Situada entre montanhas, sua altitude é de 1.039,248 m acima do nível do mar, e dista 363 km 390 m da estação inicial. Possui dois espaçosos e confortáveis hotéis, consideravelmente frequentados, e ambos construídos por um italiano, de nome Amadeo Lemuchi, que muito se tem esforçado pelo desenvolvimento da localidade; fez ele doação do terreno para a escola, tendo sido ainda o construtor do edifício.

O mesmo obstáculo ao desenvolvimento de João Aires se encontra nesta povoação; mas, graças aos esforços ultimamente empregados por algumas pessoas que aí, recuperando a saúde, fixaram residência, é hoje sede do distrito; tem uma aula primária, uma pequena fábrica de manteiga e outra de cigarros. Aí residem diversas famílias italianas e alemãs.

Não só os italianos de Sítio, como também os da colônia Rodrigo Silva, abastecem as respectivas populações, e Barbacena, de verduras e frutos, assim como de aves e ovos.

Nestes últimos anos, a população de Sítio tem crescido bastante, e é de esperar que esse lugar se torne, dentro de pouco tempo, uma das mais procuradas cidades mineiras, durante o verão, por ser dotado de excelente clima, em que a temperatura desce, no rigor do inverno, a 3°C, abaixo de zero.

Dentre os diversos pequenos pomares, que tivemos ocasião de visitar em Sítio, nos é grato mencionar os dos senhores Amadeo Lemuchi

e coronel Francisco de Araújo; aí encontramos, vicejando com robustez e dando saborosos frutos, cerejeiras, ameixeiras, pereiras, macieiras e outras árvores frutíferas, aclimadas.

Além do ribeirão denominado Bandeirinhas, afluente do rio das Mortes, muitas outras vertentes cristalinas abastecem os moradores da povoação.

É da estação de Sítio que parte a estrada de ferro Oeste de Minas, uma das linhas férreas mais extensas do Brasil.

Liga Sítio a São João d'el-Rei, a cidade mais importante que atravessa, e em cujos arredores existem núcleos coloniais consideravelmente prósperos.

Registro é a estação que serve à próspera colônia Rodrigo Silva.

Visitamos esta importante colônia, onde foram dados lotes intercalados a brasileiros ex-escravos e a italianos. O terreno pouco se presta à agricultura e os lotes são pequenos.

Os brasileiros, ali localizados, estão em deplorável atraso, ao passo que os italianos, graças à sua reconhecida sobriedade e considerável atividade, se acham em próspero estado.

Além de aves, ovos, legumes e frutas, que fornecem aos mercados vizinhos, vendem-se também leite e manteiga fresca, entregando-se, com solicitude e amor, ao cultivo da amoreira, indispensável ao desenvolvimento da indústria sericícola, que ali vai progredindo.

No centro da colônia, encontra-se uma montanha de manganês, que bem poderia ser explorada se deixasse resultado.

Registro pode ser considerado um arrabalde da risonha cidade de Barbacena, aonde vamos entrando.

A altitude desta cidade é de 1.120,000 m, acima do nível do mar; ela é, com justiça, considerada uma das mais salubres do Estado de Minas.

Além de confortáveis hotéis, encontram-se ruas arborizadas com muito gosto e um pequeno, mas limpo, bem tratado e frequentado, passeio público.

Barbacena é um dos principais centros de instrução de Minas; e, graças ao seu benemérito filho Dr. Bias Fortes, tem conquistado ultimamente consideráveis melhoramentos, de entre os quais lembramos o ginásio.

Na chácara do coronel Rodolfo de Abreu encontram-se os mais apreciados frutos asiáticos e europeus.

Italianos domiciliados nos arredores de Barbacena muito contribuem para tornar barata a vida nesta cidade, onde se encontram, com abundância, verduras, frutos dos climas frios e leite.

Na praça do Conde do Prado, ergue-se o monumento comemorativo da Inconfidência Mineira, mandado erigir por Saldanha Marinho.

Na estação de Sanatório, encontra-se bem montado estabelecimento para tuberculosos e outros enfermos.

É um atraente arrabalde, situado no extremo da cidade.

As zonas que estamos atravessando são geralmente formadas de campos que não se recomendam pela excelência das pastagens; e as estações, que vamos avistando, como A. Vasconcelos, Ressaquinha, Hermilho Alves, Carandaí, H. Pena, Pedra do Sino, C. Ottoni, Buarque de Macedo e Quilômetro 454, não são dignas de nota, senão pelo excelente clima de que gozam e pelas riquezas mineralógicas que encerram.

A cultura, em toda esta extensão, é muito rudimentar, assim como a indústria pastoril, que se faz notar pela má qualidade do gado, criado sem os cuidados indispensáveis para o seu desenvolvimento.

Lafaiete é uma cidade de movimento e onde a exploração de manganês tem adquirido sensível importância.

A estação de Gagé nada tem digno de nota; mas a de Congonhas, por ocasião da peregrinação que anualmente ali fazem os fiéis, torna-se digna de ser citada.

O panorama de Bocaina, e principalmente o de Miguel Burnier, com seu vastíssimo horizonte, onde colinas e vales se sucedem ao infinito, produz uma impressão agradabilíssima no espírito do turista, ainda aumentada pelas casinhas cobertas de zinco, suspensas nos despenhadeiros das montanhas, de onde tiram anualmente milhares de toneladas de riquíssimo manganês.

É desta estação, de 1.126 m, 134 m/m, de altitude acima do nível do mar, que parte o ramal para a cidade de Ouro Preto, capital do Estado de Minas Gerais, antes da fundação de Belo Horizonte.

Prosseguindo nossa viagem, passamos pela estação Engenheiro Correia e fomos parar em Itabira do Campo.



Em pequena e pouco confortável casinha, que tinha o nome de *hotel*, passamos a noite e, no dia seguinte, pela manhã, tomamos lugar no trem, que partiu, seguindo o seu itinerário.

O ar fresco da manhã era com prazer aspirado por nós e por um pequeno número de companheiros, que tinham iniciado conosco a viagem no Rio de Janeiro. Tênuê neblina cobria os campos e os montes; uma faixa esbranquiçada no vale, nascendo por sobre a copa das árvores, indicava o leito de um pequeno rio.

As estações de Aguiar Moreira, Rio Acima, às margens do rio das Velhas, marcam trechos notáveis pelos precipícios e despenhadeiros, que muito impressionam e horrorizam os transeuntes.

A de Honório Bicalho merece especial menção, por causa da rica mina de ouro, a conhecida *Mina do Baiú*, pertencente ao distinto e amável Dr. Urbano Marcondes, há pouco falecido. Nesta estação é que é embarcado o ouro da célebre *Mina do Morro Velho*, uma das mais ricas do mundo<sup>1</sup>.

A estação de Raposos, se bem que situada em região de onde se extraiu considerável quantidade de ouro, nos tempos coloniais, não tem, na atualidade, importância.

Ansiosos esperávamos chegar a Sabará, ponto terminal, em 1892, da Estrada de Ferro Central do Brasil, e notável, não só pelas suas minas de ouro, como pela guerra civil de que foi centro, na revolução de 1842, da qual foi chefe Feliciano Pinto Coelho.

Afinal, depois de quase um dia e meio de viagem, a 18 de novembro, chegamos a essa importante cidade mineira, de grande movimento comercial, por ser, naquele tempo, o ponto terminal do tráfego da linha.

Como de 92 para cá tenha o Estado de Minas passado por considerável transformação, antes de prosseguirmos nossa viagem de Sabará em diante, pelo rio das Velhas, queira o leitor acompanhar-nos à nova capital mineira, onde estivemos recentemente.

Deixando Sabará, seguimos para a estação general Carneiro, de forma triangular, partindo do lado esquerdo o ramal para a cidade de Belo Horizonte.

---

1 No dia 3 de março de 1902, foi inaugurado o serviço da Companhia The Rotulo, Limited, que vai explorar as ricas jazidas de Descoberto.

A linha principal prolonga-se, atualmente, até a estação de Curvelo, pouco mais de 200 quilômetros, além da estação general Carneiro.

As estações de Itaoca, Araçá e Cordisburgo foram inauguradas no dia 28 de novembro de 1903; e as de Maquiné, Riacho Fundo e Curvelo, a 4 de agosto de 1904, com a presença dos eméritos senhores Rodrigues Alves, presidente da República, e Lauro Muller, ministro da Viação. Cordisburgo dista 734 km, 443 m da estação inicial; é Curvelo, 800 km<sup>2</sup>.

Seguindo nosso caminho para Belo Horizonte, fomos-nos afastando das margens do rio das Velhas, em ligeira ascensão, e passamos pela estação de Marzagão, que se acha na encosta de um vale, à margem esquerda da linha. Ali, vê-se um grupo de casinhas de operários, em torno de um grande edifício, no qual está estabelecida uma fábrica de tecidos. Dali, avista-se um ribeirão que, em catadupas, vem trazer cristalina água ao núcleo de trabalhadores dedicados à conquista do bem-estar particular e da prosperidade da região, que enriquece com seu trabalho. Além, avistam-se novas quedas-d'água e a cachoeira que fornece força motora para a produção da eletricidade com que se ilumina a cidade de Belo Horizonte<sup>3</sup>.

---

2 Do *Jornal do Comércio*, de 28 de novembro de 1903, transcrevemos o seguinte: “Cordisburgo (Vista Alegre), onde já hoje encontra o viajante algum conforto, será em breve um centro de atração, pelas belezas naturais que encerra. Em suas proximidades ficam numerosas grutas calcárias, de grande extensão e cheias de encantos, as quais já têm sido visitadas e descritas por naturalistas e viajantes. A 6 quilômetros se acha a famosa gruta de *Maquiné*, a mais bela de todas, à qual se referiu o grande sábio dinamarquês Lund, que a estudou e descreveu nos seguintes expressivos termos: “*A imaginação poética, a mais rica, não saberia criar uma tão esplêndida morada para seres maravilhosos; diante desta notável gruta, ela seria forçada a confessar sua impotência. Meus companheiros permaneceram, durante muito tempo, mudos, na entrada deste templo; depois, involuntariamente, ajoelharam e, persignando-se, exclamaram diversas vezes; MILAGRE! DEUS É GRANDE! Foi-me impossível dissuadi-los da ideia de que este templo devia servir de morada a NOSSO SENHOR. Quanto a mim, confesso que nunca meus olhos viram nada de mais belo e magnífico nos domínios da natureza e da arte*”.

3 A Constituição de Minas Gerais, promulgada a 15 de junho de 1891, em seu artigo 13, das Disposições Transitórias, estabelece: “É decretada a mudança da capital do Estado para um local que, oferecendo as precisas condições higiênicas, se preste à construção de uma grande cidade.” Em 12 de dezembro de 1897, o presidente Dr. Crispim Jaques Bias Fortes, o mesmo que como presidente do Congresso promulgou a lei adicional nº 3, de 17 de dezembro de 1893, baixou o seguinte decreto, nº

À proporção que o trem avança, sempre em suavíssima ascensão, montanhas, aqui e ali, vão aparecendo, ao mesmo tempo que vão surgindo os pontos culminantes dos edifícios mais elevados.

Ao nos aproximarmos da estação terminal, a cidade, como por encanto, surge aos olhos ávidos do curioso viajante.

É Belo Horizonte que aparece no centro de uma elevação, de onde se avistam, cercando-a, elevadas montanhas, em distâncias mais ou menos consideráveis.

Em consequência de achar-se este planalto aparentemente cercado de montanhas, deram-lhe os antigos o nome expressivo de *Curral d'El-Rei* e servia também de *solta* ou de internada aos animais, arrecadados pelo fisco nos tempos coloniais.

Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, simboliza a vitalidade do povo mineiro; sendo tão recentemente construída, é a mais moderna das capitais dos Estados do Brasil e pode ser considerada como a cidade-modelo da América do Sul. Suas ruas são extensas e largas; e tem bem arborizadas avenidas, cujos nomes recordam: umas, os Estados que constituem a Federação brasileira; outras, as principais tribos de indígenas que ocupavam o vasto território nacional, na época do seu descobrimento; e, ainda outras, literatos e estadistas do país. Os serviços de esgotos e abastecimento d'água talvez não tenham rivais na América; a iluminação nada deixa a desejar.

Os edifícios públicos são grandiosos, de construção sólida e verdadeiramente artística; os particulares, quer pela variedade de estilos, quer pelo bom gosto artístico que predomina em suas construções, e ainda pelo conforto que neles se encontra e pelos floridos e risonhos jardins que os

---

1085: “O dr. presidente do Estado de Minas Gerais, no uso das atribuições que lhe confere a Constituição do Estado e em cumprimento do art. 13 de suas disposições transitórias e da lei nº 3 adicional à mesma Constituição, decreta: Artigo único. É declarada instalada a cidade de Minas e para ela transferida a sede dos Poderes Públicos do Estado de Minas Gerais. Os secretários de Estado dos Negócios do Interior, da Agricultura, Comércio, Obras Públicas, e das Finanças, assim o tenham entendido e façam executar. Palácio da Presidência do Estado de Minas Gerais, na cidade de Minas, 12 de dezembro de 1897”.

completam, fazem desta capital a mais alegre, bela, confortável e salubre, das cidades americanas.

O seu magnífico parque, com suas torrentes e lagos naturais, ocupa imensa área da cidade, onde, ao lado da flora indígena, viceja exuberantemente a exótica.

Fechando esta ligeira descrição da capital mineira recém-construída, voltemos a Sabará, uma das mais antigas cidades do Estado de Minas Gerais.

O rio das Velhas recebe, no perímetro da cidade, o Sabará, seu afluente, pela margem direita; dando, este último rio, nome à cidade, que fica situada entre os dois.

A cidade tem um aspecto montanhoso e oferece em alguns pontos belíssimas paisagens, dignas de serem reproduzidas pelos mais célebres pintores.

Os seus bairros comunicam-se por pontes solidamente construídas<sup>4</sup>. Os edifícios, com raras exceções, apresentam o estilo arquitetônico das construções portuguesas, dos tempos coloniais, havendo também alguns modernos, de edificação diferente, além de mais belos e confortáveis.

A estação da Estrada de Ferro Central do Brasil está situada à margem esquerda do rio das Velhas, numa esplanada; é bem construída e tem excelentes acomodações.

Nesta cidade, existem vários hotéis; 13 igrejas, algumas das quais ornadas de trabalhos artísticos de notável valor; 6 escolas primárias; uma, normal; 2 hospitais, o da Santa Casa da Misericórdia e o de São Lázaro, ambos fundados nos tempos coloniais pelo benemérito coronel Manuel de Abreu Lusitano, natural de Portugal.

Este ilustre cidadão, cujo nome será sempre pronunciado com veneração pelos sabaraenses, deixou um patrimônio de trezentos contos de réis, para a manutenção destes pios estabelecimentos, fundados por sua iniciativa.

---

<sup>4</sup> A mais importante destas pontes foi construída pelo engenheiro Dumont, pai do célebre aeronauta Santos Dumont.

Em homenagem ao humanitário morto, colocaram seu retrato nos lugares de honra dos dois hospitais já mencionados.

A cadeia é um vasto edifício, apresentando boas condições higiênicas e de segurança.

Ainda se encontram em Sabará: 3 farmácias, 2 jornais, de bastante circulação, bem redigidos e nitidamente impressos, atendendo-se ao centro em que são publicados; 1 teatro; 1 clube, bastante frequentado pela melhor sociedade local; e 3 padarias, sendo 2 italianas e 1 alemã.<sup>5</sup>

Encontram-se ainda, naquela cidade, os estaleiros da Companhia Viação Central do Brasil, onde examinamos 2 vapores que estavam sendo construídos pelo inteligente cidadão Virgílio Machado, comissionado pelo benemérito brasileiro, de saudosa memória, Dr. João da Mata Machado, o incansável apóstolo, o denodado propulsor da navegação do majestoso rio São Francisco, rio que, com os seus imensos e importantíssimos afluentes, pode ser comparado a um mar mediterrâneo.

O Dr. Mata Machado era então presidente da Companhia Viação Central do Brasil. Este ilustre mineiro, que tão relevantes serviços prestou à pátria, com o seu gênio empreendedor, organizador e criador, é digno da maior gratidão de seus conterrâneos.

Os filhos da vasta e fértil zona do rio São Francisco e seus tributários jamais olvidarão o nome do Dr. Mata Machado<sup>6</sup>.

Em Sabará conseguimos obter uma barquinha que, apesar do seu pequeno tamanho, oferecia as necessárias comodidades para emprendermos a descida do rio das Velhas.

Demoramos seis dias em Sabará e levamos gratas recordações de seus hospitaleiros habitantes, principalmente dos distintos cidadãos Virgílio Machado e Dr. Joaquim Sepúlveda, digno e ilustrado clínico daquela cidade.

---

5 As duas nacionalidades que estão fornecendo atualmente maior contingente, para o povoamento do Estado de Minas Gerais, são a italiana e a alemã.

6 Este benemérito mineiro, que tanto se esforçou pelo engrandecimento de sua pátria, e desenvolvimento de seu Estado natal, faleceu no ano de 1901, em Belo Horizonte, deixando a família brasileira consternada.

.....

## Capítulo II

DE SABARÁ A GUAICUÍ DE PIRAPORA

**N**O DIA 24, às 4:30 da tarde, resolvemos tomar lugar na barquinha, que nos aguardava, deixando a cidade, célebre pelas suas ricas minas de ouro.

Não mencionaremos detalhadamente a importância das diversas minas auríferas de Sabará e seus arredores, como a de Morro Velho, Baú e outras, porque são bastante conhecidas no Brasil e mesmo fora daqui, por se haverem delas ocupado profissionais de subido valor e competência. Veja-se a *Brazilian Mining Review*, de Alcides Medrado & Cia.

Feita a indispensável provisão de mantimentos, arrumada a bagagem pela melhor forma na barquinha, e a postos os tripulantes da mesma, demos o sinal da partida.

As últimas despedidas foram feitas e a embarcação afastou-se do porto, singrando as águas do rio, ao mesmo tempo que se agitavam os lençóis transmitindo os adeuses dos que ficavam e dos que eram transportados pela frágil barquinha.

Ao chegarmos a Borges, encontramos duas barcas carregadas com maquinismos, destinados, segundo nos informaram, à fábrica de tecidos São Vicente.

Nas praias, de distância em distância, viam-se lotes de gado vacum, pastando ou ruminando.

O gado desta região tem o pelo muito grosso, e o couro tão estragado pelo berne que causa compaixão. Apesar do mau estado destes pobres animais, o seu preço era elevadíssimo.

O gado das boas fazendas do Piauí, tal como se encontra nos fins dos invernos, pela beleza, pela gordura e pelo tamanho, valeria muitas vezes mais que o desta zona.

Do lugar denominado Terceiro Armazém, avista-se a cidade de Santa Luzia, que se ergue numa eminência à margem direita do rio.

Os santaluzienses estavam animados com a notícia de que, até ao fim daquele mês (novembro de 1892), seria inaugurada, naquela cidade, a estação da linha férrea de Sabará a Santa Luzia, com uma extensão de 27 quilômetros; e, por aqueles dias, seria aberto ao tráfego alguns quilômetros, além de Santa Luzia.

O clima da vasta região do Estado de Minas Gerais é em geral ameníssimo e, com raríssimas exceções, muito salubre.

Chegamos a Ponte Grande, um quilómetro de Santa Luzia, pouco antes das 6 horas da tarde; e, em consequência aos sucessivos rasos que tínhamos de encontrar daí em diante, segundo fomos informados pelo prático, resolvemos pernoitar neste lugar.

Às 5:30 horas da manhã do dia 25, seguimos viagem; a ponte grande foi transposta sem dificuldade, por causa do aumento das águas durante a noite.

Um quilómetro abaixo de Ponte Grande, estão as casas de Volta, lugar que fica à margem direita.

Ao passarmos, um pescador tirava do rio o seu jequi, aparelho indígena destinado à pescaria e muito em uso no rio das Velhas.

Fazenda Comprida, tão falada pelos habitantes dali, fica do lado oposto, sendo a casa de residência do fazendeiro um sobrado antiquíssimo e conservando boa aparência.

Na fazenda Moreira, do lado esquerdo do rio, tivemos ocasião de ver o vapor *Harggreaves*, destinado à navegação no rio das Velhas. Ao avistarmos este pequeno vapor, recordamo-nos do notável engenheiro Hargreaves, com quem travamos relação em viagem, quando ele tratava de organizar as oficinas da Companhia Viação Central, na importante cidade de Juazeiro, no Estado da Bahia.

Muito perdeu a Companhia Viação com a morte do engenheiro ilustre, que trabalhou pelo desenvolvimento do Brasil Central, com verdadeira e decidida abnegação. Morreu na capital federal, deixando a mais profunda saudade no coração daqueles que tiveram o prazer de admirar sua notável erudição e elevados sentimentos humanitários.

Apesar das chuvas e extraordinário aumento das águas do rio, verificamos ser impossível, em qualquer tempo, estabelecer-se, neste trecho, navegação regular.

Ao passarmos pelo ribeirão da Mata, os tripulantes chamaram nossa atenção para as águas deste ribeirão, afluente da margem esquerda do rio das Velhas, e que estava extraordinariamente cheio.

Acreditávamos fazer boa viagem com este reforço de água; em pouco tempo, porém, ficamos desiludidos.

Encalhou a barquinha e tornou-se necessário o concurso de toda a tripulação a fim de fazê-la flutuar.

Muitos outros encalhes tivemos daí em diante, nos lugares em que o leito do rio se tornava muito largo e, conseqüentemente, pouco profundo. As ondulações, muito acentuadas, do terreno tornam o rio excessivamente sinuoso.

As florestas virgens não são numerosas.

As plantações estão em ótimas condições e as colheitas são superiores ao consumo local.

Observamos uma bem montada fazenda, pertencente ao major Frederico, a qual fica à margem esquerda do rio. Tem um moinho e engenho de moer cana-de-açúcar, movidos a água; a casa de residência é um sobrado em boas condições.

Às 10 horas, chegamos ao primeiro dique, construído pela Empresa de Viação, e destinado, como os outros que se encontram daí em diante, a represar as águas e aumentar a profundidade do rio.



Uma barca, completamente carregada, estava ancorada do lado direito, em frente ao primeiro dique. Os barqueiros, que se conheciam, fizeram muitas exclamações afetuosas e indagaram das pessoas que lhes eram caras. As despedidas e recomendações foram feitas quase ao mesmo tempo, visto não ter a nossa barquinha diminuído a marcha.

Nesta parte, notam-se, às margens do rio, macaibeiras em crescido número, com abundantes cachos de frutos.

A macaibeira é uma bela palmeira, disseminada pelos diversos Estados do Brasil e conhecida no Rio de Janeiro pelo nome de coqueiro de catarro.

Algumas roças, plantadas de bananeiras, milho, cana e outros vegetais úteis, fomos encontrando, à proporção que descíamos.

Avistamos uma pequena povoação, à margem direita, cujo nome, disse-nos o prático, é Pinhões.

Às 11 horas, chegamos à povoação de Macaíbas, situada logo abaixo da foz do ribeirão que lhe dá o nome e é afluente do rio das Velhas. Fica ela deste mesmo lado; é bem situada e tem um antigo recolhimento, que é o edifício mais importante da localidade.

Este recolhimento ou convento não goza de boa tradição, segundo nos informaram, em consequência de fatos graves, que ali se deram contra os bons princípios da moral ensinada pelo Catolicismo. Mas, qual o convento que não tem, em sua crônica, fatos mais ou menos idênticos ao de Macaíbas?

O celibato, imposto ao clero católico, além de ser uma iniquidade, traz, de quando em vez, a necessária reação.

Porventura não é nos conventos que, ao lado da virtude, mais germina o vício? Não é ainda nos conventos que se ensina uma moral antagônica com as leis naturais e, conseqüentemente, contrária aos princípios do Cristianismo, que se funda nas leis estabelecidas pelo Supremo Criador do Universo? Não é o celibato para a humanidade o que a filoxera é para a videira?

Desculpe-nos o leitor amigo esta ligeira digressão, e continuemos nossa jornada.

O rio das Velhas, ao receber o ribeirão de Macaíba, torna-se mais fundo, adquirindo melhores condições de navegabilidade.

Desta localidade em diante, as margens do rio tomam aspecto diferente; e as florestas, um pouco mais espessas e extensas, são povoadas por

centenares de aves diversas, que deleitam o viajante com seus harmoniosos cantos.

A indústria pastoril está sendo regularmente desenvolvida; mas, só de longas em longas distâncias, se encontram fazendas, que deviam ser mais bem tratadas.

Às 3 horas da tarde, passamos pela foz do ribeirão Taquaruçu, afluente da margem direita do rio das Velhas. A povoação de Taquaruçu fica à margem do ribeirão do mesmo nome, 2 léguas acima da sua foz; 2 léguas abaixo, está situada a fazenda Minhocas.

Observam-se, nas circunvizinhanças da fazenda, roças de plantações, em que sobressai a bananeira, com as suas longas e verdes folhas de mais de metro de comprimento.

Contemplávamos as belezas naturais daquela futura região, quando fomos despertados pelo piloto da barca, que nos indicava dois veados, que, tímidos, corriam de nós. Pedimos a arma, excelente *Winchester* que conosco levávamos; mas, ao tomarmos-la, já se não avistavam os ligeiros animais, que se embrenharam na mata.

A curtos trechos, daqui em diante, vêem-se pequenos sítios, sendo para notar que, nesta parte, a que vimos de referir-nos, a população é muito atrasada, sem ambição nem estímulo. Nas fazendas e arraiais, quase nada se encontrava para comprar, a não ser carne de porco, e isto mesmo raramente.

Temos percorrido grande parte do interior do Brasil; mas nunca encontramos tanta dificuldade na aquisição de gêneros alimentícios, indispensáveis à manutenção do organismo humano, como nesta região do rio das Velhas.

Vendo nós uma fazenda de bela aparência, dissemos ao prático: “Aporte e vá procurar algum gênero de primeira necessidade”.

Ao que nos respondeu ele: “Aqui é Ponte Velha, lugar onde nunca se encontra coisa alguma para comprar. Melhor será caminhar, para chegar onde se possa encontrar recursos”.

À vista do exposto, não aportamos.

O sol já ocultara os seus raios luminosos, quando fomos despertados por fortes detonações. Pegamos da arma, preparando-a com 12 tiros.

A barquinha singrava ligeiramente as águas e com rapidez nos aproximávamos do local de onde partiram os tiros. Canções vieram ferir nossos ouvidos.

– Festa! – gritaram os barqueiros.

Com efeito, uma multidão de trabalhadores manifestava, por meio de cantigas e tiros de mosquete, o prazer de haverem concluído a carpa da extensa roça, que se mostrava diante de nós e parecia ir acabar com a tradicional penúria daquela região.

Silenciosamente, por alguns segundos, contemplamos aquela gente feliz e laboriosa, enquanto a nossa barquinha, impelida pelos remos e pela própria velocidade das águas, afastava-se do grupo alegre e festivo, tão em antagonismo com a hora triste do morrer do dia, em que o astro-rei, fazendo as suas despedidas, ia ocultar, sob um manto de trevas, as maravilhas da natureza.

Contemplando-os, e como que lhes invejando a felicidade, dissemos conosco: “Quantos milionários não invejariam a felicidade destes pobres roceiros! Quantas famílias europeias, que vivem na miséria, não encontrariam no centro do Brasil o bem-estar e a felicidade? O Brasil muito lucraria se concedesse passagem gratuita, em suas estradas de ferro, para o interior do país, a todos os estrangeiros com a família, que a requisitassem, e até mesmo aos residentes no país por mais de um ano, se provassem ter adquirido imóvel na região para a qual se dirigissem. Se a nossa capital já estivesse no planalto central, esta corrente do litoral para o interior se faria espontânea e naturalmente. O contato e cruzamento das raças laboriosas da Europa com a vigorosa raça indígena, sóbria e resistente como nenhuma outra, se faria mais rapidamente, e muito contribuiria para a evolução do nosso vastíssimo país”.

Deixando de parte esta ligeira digressão, voltemos a percorrer as águas do rio das Velhas.

Ao lusco-fusco, víamos garças brancas e pardas, e outras aves aquáticas, esvoaçando, por entre as árvores ribeirinhas, em busca de poleiro, quando avistamos o arraial da Quinta, aonde fomos pernoitar.

Pela madrugada do dia 26, às 5 horas da manhã, abandonamos a povoação da Quinta e continuamos nossa rota.

A natureza ostentava-se majestosa e o firmamento, de um azul límpido, sem uma nuvem que o manchasse, dava-nos esperança de um belo dia.

Era uma dessas manhãs lindas e tão frequentes no interior e norte do Brasil, menos comuns, porém, no litoral e sul de nossa pátria.

Sem incidente, chegamos a Bebedor, onde fizemos uma ligeira parada. Apenas em terra, mandamos comprar leite e outros gêneros alimentícios.

De volta dessa incumbência, se não nos trouxeram leite, deram-nos, em compensação, a delícia de um excelente almoço para viajante – refeição variada em que figuravam 2 galinhas, compradas pelo preço de 800 réis cada uma.

Deixando este lugar, à margem esquerda avistamos um pequeno povoado sem importância, denominado Córrego Seco.

Às 9,30 horas, passamos pela fazenda Jaguará, belo estabelecimento pertencente ao Dr. Paula Santos, e situado à margem esquerda.

Chamou-nos a atenção uma velha igreja e, movidos pela curiosidade, perguntamos ao prático, conhecedor daquelas regiões, a quem tinha pertencido outrora aquela fazenda; e conseguimos saber que pertencera ao benemérito Abreu Lusitano, o fundador dos hospitais de Sabará.

Sempre águas abaixo, passamos por Jaguará, Jabuticatuba e Palmas, afluentes do rio das Velhas, sendo, o primeiro à margem esquerda e as dois últimos à direita.

Na margem do último, não muito distante do rio das Velhas, avista-se a povoação de Palmas.

Ainda pela margem direita, recebe o rio, por onde navegamos, o tributário Pontal, ribeirão que dá o seu nome a uma pequena povoação, sita na sua confluência com o rio das Velhas.

Outros ribeiros, por uma e outra margem, deságuam no rio por onde deslizava nossa barquinha.

Ainda tivemos ocasião de passar por 2 bons estabelecimentos: um, à margem esquerda, denominado Casa Branca, banhado por um lindo regato que serve de motor aos maquinismos usados na fazenda; outro, à margem direita, e chamado Santana.

O gado que pasta nas margens do rio, nesta região por onde estamos passando, é tão bom que rivaliza com os das boas fazendas do Piauí.

Ao chegarmos em frente a um buraco, verdadeira caverna dos tempos pré-históricos, à margem direita, curiosos, indagamos o seu nome,

ao Américo, companheiro e prático da barquinha, que nos respondeu ser a Lapa<sup>1</sup>.

A furna imensa, denominada Lapa do Pau de Cheiro, observada neste lugar, acha-se no barranco do rio e segue, através da rocha que a constitui, até ao alto da montanha, a grande distância do rio, onde ela é vista no centro de um campo.

Na margem esquerda, logo abaixo de Lapa, desenrola-se um lindo panorama de efeito fantástico, produzido pelos grandes talhados e pequenas colunas que se destacam da rocha, formando figuras diversas.

Nas fazendas Tranqueira e Gameleira, sitas abaixo de Lapa do Pau de Cheiro, o gado, que de longe vimos, nos pareceu de boa qualidade.

O dia conservou a mesma beleza da manhã; e, à tardinha, quando o sol havia tombado para o ocaso, os sabiás saudavam o seu desaparecimento, desferindo notas tristes e melodiosas.

A hora crepuscular, em plena natureza virgem, numa região deserta, em que a solidão e o silêncio eram interrompidos pelas notas plangentes dos pássaros ou pelo ranger dos ramos de árvores seculares, que imitam gritos indescritíveis de animais selvagens, transmitiam-nos uma

---

1 Nesta região existem muitas cavernas, estudadas pelo sábio Lund. Do “Jornal do Comércio”, de 13 de dezembro de 1903, transcrevemos o seguinte:

“Regressa hoje de Belo Horizonte o Sr. Dr. J. B. de Lacerda, diretor do Museu Nacional, que ali foi concertar os meios de realizar, por conta do Museu, uma exploração científica da caverna de Maquiné, a que já nos temos referido por vezes.

Esta caverna, que jaz à distância de 5 quilômetros da estação de Cordisburgo, da Estrada de Ferro Central, é uma das mais notáveis curiosidades do Estado de Minas Gerais.

Ela pertence ao número das cavernas que Lund explorou, há mais de meio século, naquela região, e das quais retirou a ossamenta de muitas espécies de animais hoje extintos, e ossos humanos, cuja antiguidade ele acreditou que devia ser dilatada até a época geológica quaternária.

A exploração da caverna de Maquiné, sob esse ponto de vista, não foi, naquela época, tão completa quanto a de outras que se encontram abundantemente espalhadas em toda a região.

Há conveniência de se voltar a explorá-la, empregando todos os modernos recursos da ciência, para se ter dessa belíssima feitura natural uma representação tão completa e exata quanto possível.

E com essas vistas que o Dr. Lacerda pretende, no ano próximo, levar a efeito esse empreendimento, que interessa igualmente à geologia, à paleontologia e à antropologia.”

sensação de inefável delícia, impossível de gozar-se nas cidades, mas que se experimenta quando, percorrendo o interior do Brasil, nos identificamos com as magnificências desta terra privilegiada, onde o amor da humanidade tem conseguido suplantado o egoísmo atrofiador de outros povos.

A sagacidade e agilidade do indígena, com a inteligente penetração e cálculo do europeu, de que a Itália e a Alemanha nos fornecem grande contingente, de par com o excesso de sentimento afetivo e bom humor africano, preparam para o futuro brasileiro o primeiro lugar entre os povos cultos.

Os rápidos movimentos dos remos, impelidos pelos músculos titânicos de dois mamelucos que estavam de hora, deslocando velozmente a barquinha, arrancaram-nos do êxtase em que nos achávamos.

A claridade, então observada, já não era produzida pelos raios solares. A lua, lâmpada misteriosa, presa à abóbada azul do firmamento por invisíveis correntes, em substituição ao sol, espargia seus argentinos e luminosos raios sobre a superfície da terra, realçando as belezas da região grandiosa que íamos atravessando.

O céu, como um vastíssimo manto de azulada cor, bordado de estrelas de vários tamanhos, tornava essa noite de rara beleza, principalmente para quem seguia do sul para o norte do Brasil.

Absortos na contemplação de tantas maravilhas, procurávamos calcular as distâncias das estrelas pela intensidade do brilho de cada uma, quando um rapazinho, esperto e inteligente, interrompendo-nos, apresentou uma xícara de café, dizendo-nos:

– Estamos em Jequitibá; aquela música de sapos é na lagoa do arraial.

– Que música bonita e alegre! – dissemos em tom de troça.

– Se é bonita, – retrucou ele – é Deus quem dá esta música aos pobres.

Enquanto isso se passava, sorvíamos a pequenos tragos o saboroso café, tão aromático e delicioso como o do sul do Piauí, batizado pelo nosso sempre lembrado amigo Francisco Alves do Nascimento, de saudosa memória, de *néctar dos deuses*.

Às 9:30 horas da noite, chegamos a Jequitibá, onde pernoitamos.

No dia 27, pela manhã, desembarcamos na florescente povoação, situada à margem esquerda do rio das Velhas, nas proximidades da foz do ribeiro Jequitibá.

Uma vasta ponte de madeira liga o arraial à fazenda de residência do tenente-coronel Caetano Mascarenhas. Este ilustre cidadão, para quem levávamos cartas do nosso distinto amigo Dr. Pacífico Mascarenhas, fez-nos demorar em Jequitibá mais tempo do que pretendíamos.

Em casa do tenente-coronel Mascarenhas reuniram-se diversas pessoas, entre as quais se achavam o Dr. Antônio Viana, clínico da localidade, o coronel Francisco Mascarenhas, notável industrial da comarca de Curvelo, e um velho irlandês que tem servido de mestre nas importantes fábricas de tecidos do norte de Minas Gerais, fazendas estabelecidas pela iniciativa da família Mascarenhas, que personifica a democracia tradicional e o progresso daquela região.

Às 10 horas da manhã desse dia, foi servido um opíparo almoço, onde a cozinha, genuinamente mineira, ostentou em variadas iguarias o recurso de que dispõe.

Depois dessa refeição, percorremos uma parte da fazenda, onde tivemos ocasião de apreciar alguns animais de raça, entre eles um touro holandês, um cavalo de corridas, puro-sangue inglês, e um jumento italiano.

Mais tarde fomos ao arraial, que estava em festa, por ser domingo. Da casa do cidadão Claudino da Fonseca observamos a passagem da procissão, que teve lugar logo depois da missa.

A entrada do arraial se nos deparou uma grande praça, no centro da qual há uma lagoa, cercada de palmeiras diversas, e povoada de peixinhos e aves aquáticas.

Em casa do cavalheiro Luís de Assis Guimarães, onde fizemos algumas compras, tivemos ocasião de admirar a perfeição dos produtos das fábricas de tecidos de Curvelo, principalmente a dos de algodão, linho e lã.

Percorrendo o lindo arraial, que, com razão, aspira aos foros de vila. Fomos até a casa do coronel Francisco Mascarenhas, onde se achavam reunidas diversas pessoas da família daquele ilustre brasileiro e grande industrial. Ali, encontramos um retrato do sábio Lund, de La-

goa Santa<sup>2</sup>. Jamais nos esqueceremos das agradáveis horas que passamos em companhia de tão distinta família e das muitas finezas que nos dispensou.

Eram 5 horas da tarde, quando deixamos o porto de Jequitibá; e, à proporção que íamos descendo o rio, observávamos fazendas e sítios.

Auxiliados pelo luar, fizemos boa viagem até Pindaíbas, onde dormimos nessa noite.

No dia 28, às 6 horas da manhã, continuamos nossa viagem.

De espaço a espaço, as capivaras eram surpreendidas e feridas, mortalmente umas; outras, porém, incólumes ou levemente feridas, precipitavam-se no rio.

As garças e outras aves aquáticas levantavam o voo, à proporção que a barca se lhes aproximava.

Na margem oposta do rio, e a grande distância, um socó, julgando-se seguro, não quis voar; e, como um dos tripulantes quisesse conhecer a distância que atingia a arma *Winchester* que tínhamos, fizemos alvo na infeliz ave, que imediatamente caiu fulminada.

Às 2 horas da tarde chegamos a Traíras, povoação antiga, situada à margem direita do rio das Velhas.

Esta povoação é cortada por um ribeiro de água cristalina, de que se serve a população.

Em Traíras, encontramos uma família piauiense, cujo chefe, o Sr. José Pereira de Oliveira, nosso antigo conhecido, nos prestou relevantes serviços, dispensando-nos inolvidáveis finezas.

Neste lugar, demoramo-nos mais do que pretendíamos, a fim de prestar serviços médicos aos clientes que nos buscavam.

No dia 29, às 4 horas da tarde, consideramo-nos desobrigados dos deveres profissionais e seguimos para bordo, acompanhados de algumas pessoas com quem nos relacionáramos, entre as quais lembraremos o nome do amável cidadão Joaquim Campeio, que conosco seguiu na embarcação, até légua e meia abaixo de Traíras.

---

2 Este sábio, que tanto trabalhou pelo Brasil, bem merecia que se lhe erigisse um monumento em Lagoa Santa, como já aconteceu ao benemérito sueco Dr. Regnell, em Poços de Caldas.



O Sr. José Pereira de Oliveira seguiu, em nossa companhia, de Traíras para baixo, prestando-nos, nesse percurso, os maiores serviços.

Não deixaremos de referir dois fatos, por nós presenciados em Traíras, e que são dignos de menção para os piauienses.

Tendo eu sido chamado para ver uma senhora que tinha dado à luz, poucos dias antes de nossa chegada a Traíras, depois de receitar os medicamentos julgados convenientes, perguntou-nos a parturiente qual a alimentação de que devia fazer uso.

Respondemos-lhe que se alimentasse de galinha e carne de vaca. Ao que retorquiu-nos a senhora, muito surpreendida:

– Virgem Nossa Senhora! Senhor doutor, pois mulher de resguardo pode comer carne de rês?

– Pode, – respondemos. No Piauí, as parturientes dão preferência a carne de gado vacum a qualquer outra.

Ela, porém, ainda acrescentou:

– Nós aqui, quando estamos de resguardo de parto, fazemos uso da carne de porco, com exclusão de qualquer outra.

Uma senhora piauiense, ouvindo tal, se horrorizaria.

O outro fato é o seguinte: vendo nós uns chibarro gordos, nas ruas da povoação, manifestamos desejos de comprar um para suplemento das provisões de viagem. A essa intenção manifestada, respondeu-nos o Sr. Oliveira ser isso muito fácil, visto como só ele e a família comiam carne de cabra em Traíras. Este fato foi confirmado pelo Sr. Campeio, que estava presente na ocasião.

Destarte, conseguimos comprar por baixo preço (4\$000) o que, em outra qualquer parte, teria muito maior valor.

Estes dois fatos causaram-nos estranheza, máxime sendo Minas um Estado em que a indústria pastoril se acha bastante desenvolvida.

Os mineiros devem diminuir o consumo da carne de suíno, prejudicial, quando usada em excesso, à saúde do homem, substituindo-a pela do gado vacum e caprino.

As moléstias da pele e, com especialidade, a morfeia, figuram em alta escala no Estado de Minas.

Não contribuirá também para isto o abuso da carne de porco?

No sul do Piauí, onde nascemos e residimos, nunca vimos um só caso de morfeia em pessoa natural do Estado.

Deixando a povoação de Traíras, fomos dormir em Violas, onde moram poucos lavradores.

No dia 30, pouco viajamos. Tendo ficado um dos remadores em Traíras, nos demoramos em alguns pontos habitados, a fim de contratar-mos um outro, que o substituísse.

A nossa maior demora, neste dia, foi em Saco Grande, onde ainda não nos foi possível encontrar remador. Em compensação, porém, os moradores nos venderam ovos à razão de seis *cobres* a dúzia, o que equivale, em seu calão, a 240 réis.

Seguindo viagem, sem conseguirmos alcançar o remador de que necessitávamos, fomos aportar no risonho arraial de Santa Rita do Cedro recente povoação, destinada a grande desenvolvimento, já pela atividade de seus habitantes, amáveis, fortes e sadios, já pela fertilidade das terras do município. A igreja de Santa Rita fica situada no cimo de uma alegre colina, de onde se goza de um vastíssimo horizonte visual, descortinando-se, a grande distância, azuladas serras e verdejantes montanhas nas proximidades do arraial. O rio serpeia ao lado da povoação, contornando-a em parte.

Aqui, ainda não nos foi possível contratar o remador, de que tanto carecíamos.

Dormimos nesta povoação e, aí, tivemos ocasião de ouvir algumas canções, ao som da viola, de tom triste e langoroso, que contrastava com a vivacidade dos movimentos e olhares ardentes das morenas cantoras.

No dia 1 de dezembro, às 6 horas da manhã, saímos de Cedro, encarregando-se um dos barqueiros de tocar, de quando em vez, uma buzina, conforme é uso entre eles, para chamar remadores que quisessem viajar. Abaixo do porto de Jeremias, vimos uma ave cantora, para nós desconhecida. O seu tamanho e forma são idênticos aos da graúna, pássaro preto: mas é pintada de amarelo e preto, como o corrupeirão, e o seu canto, conquanto se pareça com o da graúna, tem tons diferentes e variações mais consideráveis. Indagando dos habitantes do lugar o nome ave, não nos souberam responder, dizendo-nos que tal ave havia ali aparecido há poucos anos e que só era vista naquele sítio.

Será alguma ave de arribação, ou o resultado do cruzamento do corrupião com o gaudério, ou graúna?

Essa hipótese nos parece razoável, porque o gaudério, segundo dizem no Rio, tem por hábito pôr os ovos nos ninhos de outras aves, que se carregam da sua incubação e da alimentação das avezinhas, até que estas possam por si procurar a necessária subsistência. Mas poderia-se tal cruzamento em plena liberdade?

Logo abaixo do porto de Jeremias, a canabrava cresce extraordinariamente, o que indica ser o terreno apropriado à cultura da cana-de-açúcar.

Ao aproximarmo-nos de uma pequena ilha, cujo nome não nos souberam dizer, vimos alguns paturis e, fazendo fogo sobre eles, conseguimos pôr um em terra.

Às 7 horas da noite, passamos a barra do rio Paraúna, afluente do rio das Velhas; e, às 8 horas, aportávamos no arraial da Glória, depois de havermos feito uma esplêndida viagem.

O célebre prestidigitador Wander, sabendo que havíamos chegado ao arraial, foi logo nos visitar. Este cidadão tem percorrido grande parte do Brasil Central e esteve em nossa comarca natal durante algum tempo.

No dia 2, despedimo-nos das pessoas que vieram ao porto, entre as quais se achavam os Srs. Wander e José Pereira da Silva Oliveira, tendo este último viajado conosco desde Traíras até ao arraial da Glória.

Depois de alguns dias de íntima convivência, é sempre desagradável a separação de um companheiro, principalmente quando este é dedicado e atencioso como o Sr. José de Oliveira.

Cheios de recordações nossa terra natal, desejávamos que a nossa barquinha voasse para mais depressa chegarmos ao Piauí. Felizmente, no arraial da Glória, encontramos dois remadores, que faziam deslizar rapidamente pela superfície das águas a nossa barquinha.

O gado vacuum, que íamos avistando nas margens do rio, era bem sofrível; o cavalariço, porém, era pequeno e feio, indicando não haver o menor gosto, nos fazendeiros daquela região, por esse ramo de indústria pastoril, tão útil quão necessário.

Quando o governo do nosso país ligar mais interesse à indústria pastoril, criando escolas zootécnicas e estabelecendo prêmios que estimu-

lem os industriais a melhorar as raças já aclimadas no país e à introdução de novas espécies, adaptadas aos diversos misteres a que são destinadas, o Brasil Central representará o mais importante papel em relação à indústria pastoril, abastecendo os nossos mercados e os europeus de todos os produtos que esta importante indústria pode fornecer.

É do maior interesse, para a realização desse *desideratum*, que o governo empregue sua melhor atividade, e até mesmo grandes sacrifícios pecuniários, para que brevemente esteja realizado o plano geral da viação, tendo como centro de convergência a futura capital, no planalto central.

Este fato muito contribuirá para o desenvolvimento da riqueza pública e particular, dando-nos assim elementos para vivermos com aquela independência, de que tanto carecemos. O silvo da locomotiva é o melhor estímulo para a prosperidade de um povo.

À proporção que íamos descendo, víamos aves aquáticas de diversas espécies levantarem-se, aqui e ali.

Um quarto de hora depois do meio-dia, avistamos, do lado do norte, a fértil serra do Cabral, coberta de verde floresta.

Às 5 horas da tarde, aportamos no lugar denominado Porto da Manga.

Nesta localidade encontramos grande número de emigrantes: uns, que se dirigiam do Estado da Bahia para o oeste de São Paulo, estes constituindo a maior parte; e outros, que de São Paulo, seguiam para a Bahia.

Durante as duas horas que nos demoramos no Porto da Manga, passamo-las a conversar com os emigrantes, fazendo-os emitirem suas opiniões.

Dentre os que voltavam, uns traziam economias bem regulares e vinham resolvidos a empregá-las em terrenos de lavoura ou campos de criação, para se entregarem ao desenvolvimento da indústria pastoril.

Outros confessavam que, se na Bahia empregassem a mesma atividade, não teriam que fazer tão grandes viagens a São Paulo; e que, se o primeiro destes dois Estados não produzia tanto café como o segundo, era devido tão somente à incúria e falta de energia de seus grandes fazendeiros, que não faziam como os paulistas, que se dedicam ao trabalho, sem tréguas nem desprezo. E, como estas, muitas outras considerações.

Os que se dirigiam a São Paulo iam esperançosos de, com alguma fortuna, voltar dentro de pouco tempo aos seus penates.

Alguns boiadeiros, seguindo a mesma estrada, dirigiam-se da Bahia para Minas e São Paulo, conduzindo grande número de bois, comprados no Piauí e internados na Bahia.

Apesar da grande distância a percorrer, contavam tirar grandes lucros, atenta a diferença do preço do gado, no lugar da compra, Piauí, e nos da venda, Bahia, Minas e São Paulo. O gado, que se compra no Piauí por vinte e trinta mil réis, custa, no sul dos Estados de Minas e São Paulo, duzentos e trezentos mil réis.<sup>3</sup>

Em outros gêneros, porém, a desproporção dos preços, entre os Estados do Piauí e São Paulo, ainda é mais sensível. Em São Paulo e sul de Minas, o passadio é caríssimo; no Piauí, pelo contrário, é mais barato que em parte alguma do Brasil<sup>4</sup>.

Mas, deixemos de lado essas considerações, que se prestariam a grande desenvolvimento, se quiséssemos estudar as causas que determinam a diferença extraordinária do valor nos diversos Estados da República brasileira, para seguirmos nosso itinerário.

Às 7 horas da noite, prosseguimos nossa viagem e fomos ancorar acima da barra do rio Curimataí, importante afluente da margem direita do rio das Velhas. Algumas colheiteiras, patos e outras aves aquáticas, voavam em busca de mais seguro abrigo, à proporção que nossa barquinha se aproximava das árvores em que estavam pousadas.

A região que estamos percorrendo atualmente, do arraial do Cedro à jusante do rio das Velhas, se bem que menos povoada, é, todavia, mais fértil, e proporciona ao viajante, com maior facilidade, gêneros de primeira necessidade.

No dia 3 de dezembro, pela manhã, passamos pela foz do rio Curimataí. Depois de uma hora de viagem, notamos, perto de uma ilha, uma porção de guigós, que atroavam os ares com seus gritos agudos.

---

3 Em 1892, observava-se tão extraordinária desproporção, atualmente, porém, já não é tão considerável.

4 Nas ocasiões de secas, devido ao transporte difícil, torna-se caríssima a vida naquele Estado; mas, nos tempos normais, é baratíssima.

O guigó da margem do rio das Velhas, é um macaco de cor vermelho-escura e muito ligeiro.

Logo que esses animais nos viram, desapareceram subitamente.

O seu grito muito se assemelha ao da guariba, ou barbado do Piauí; mas o guigó difere sensivelmente deste, pelo tamanho, cor e movimentos.

Nesta ocasião, o sol se levanta e o frio era bastante sensível, por causa de um vento fresco que enrugava a superfície das águas.

A tripulação reclamou um pouco de aguardente, e foi atendida. O vento tornava-se mais rijo e parecia querer inverter o curso das águas, com sua violência. As ondas erguiam-se revoltas, alterosas.

A barquinha, suspensa pelas vagas, já não obedecia com facilidade aos remos; e, apesar do esforço, os remadores não conseguiram fazê-la descer. Então, fomos obrigados a arribar.

Depois de uma hora, tornando-se o vento mais brando, partimos; mas, apenas havíamos andado meia hora, quando o vento redobrou de intensidade, e as ondas se encapelaram de modo a aterrar os remadores.

Mandamos que encostassem a embarcação à margem próxima; e, nessa manobra, já perto da praia, uma das varas arrebenta. Um dos remadores procura encontrar o fundo do rio com uma outra vara, mas não o consegue. As ondas encrespam-se, levantam-se ameaçando submergir a nossa frágil barquinha. A tripulação tenta, com um novo esforço, impelir-nos para a margem, mas partem-se os remos e o perigo torna-se iminente.

Entretanto, vendo nós que com mais um impulso estaríamos salvos, ordenamos que os remadores se servissem novamente das varas. Com duas delas tocaram o leito do rio e a barquinha, recebendo forte impulso, foi ter à margem, onde nos agarramos aos ramos das árvores, facilitando-nos segurar a embarcação.

Livres do perigo, preparávamos novas vogas ou remos, mais resistentes, quando a ventania desapareceu, e continuamos a viagem.

Às 3 horas, encontramos duas barcas, tripuladas por 8 pessoas cada uma.

Avistamo-las do ponto em que, do alto da serra Cabral, jorram em catadupas as águas cristalinas de um ribeirão.

Uma faixa branca, à guisa de tela de linho, estendendo-se do cabeço ao sopé da montanha, indica a superfície das águas do ribeirão, cuja força motora deve ser considerável.

Ainda tendo sob as vistas este poético panorama, observamos um outro não menos digno de nota: um belo e caudaloso rio esverdeado, cujas águas transparentes serpeiam graciosamente pela margem esquerda do rio das Velhas, no qual se lançam, tornando-se cada vez mais caudaloso.

Às 5 horas da tarde, avistamos um outro regato, mais lindo que o primeiro, o qual, também como aquele, se despenha do alto da serra, e sua queda assemelha-se a muitos lençóis de linho alvíssimos, estendidos a pequenos trechos, uns dos outros.

Viajamos neste dia até as 10 horas da noite, aluminados por um belo luar, às vezes interrompido por grossas e pesadas nuvens. Aportamos pouco acima do lugar em que uma árvore secular havia caído sobre o rio.

A 4 de dezembro, pela manhã, lutamos com dificuldade para vencer aquele obstáculo.

Abaixo da cachoeira de Taboquinha, avistamos mais uma linda faixa, descendo ao alto da colina, e idêntica a outras de que já falamos. Quando terão aplicação, na indústria, tão poderosos motores?

Às 10 horas, passamos pela barra das Pedras, onde se encontra um bom porto, sombreado por uma gameleira nova, tão bela e copada, que se destaca graciosamente das outras árvores que a cercam.

A serra do Cabral – ora aproximando-se, ora afastando-se do rio das Velhas, com suas belas florestas e verdes campinas, cortadas de regatos de águas cristalinas, que, em cachoeiras, caem do monte no vale do rio – apresenta ao viajante paisagens tão numerosas e variadas, como admiravelmente lindas. Quanto nos sentimos felizes em contemplá-las e admirá-las!

Como é agradável respirar o ar livre e puro dos sertões, ligeiramente perfumado pelo aroma das flores e das plantas odoríferas. Quem não se sente bem no seio desta natureza virgem, envolvido nesta atmosfera pura e balsâmica, respirando o ar oxigenado, vivificador, que atravessa o interior do nosso país?

Lastimamos os filhos das grandes cidades do litoral do Brasil, que ainda não tiveram a fortuna de viajar pelo interior do seu país. Quanto lucrariam se o fizessem!

A maravilhosa região do Brasil Central, pela amenidade do seu clima, pureza do ar atmosférico e notável beleza da abóbada celeste, exerce tão benéfica reação sobre os depauperados, que lhes revigora o organismo e rejuvenesce o espírito.

Sob a influência deste esplêndido clima, que de sentimentos bons não nos invadem a alma, dominando nossa existência!

Esquecemo-nos das lutas, esvaecem-se os ressentimentos e dissipam-se nossos excessos de ambição e vaidade, quando percorremos essa região abençoada, admirando-lhe as prodigiosas belezas.

Quantos infelizes das grandes cidades do litoral europeu não encontrariam o paraíso no centro do Brasil.

Fazíamos estas rápidas considerações, quando um dos tripulantes nos chamou a atenção para um lote de gado vacum, reunido num barreiro, à margem direita do rio, onde um novilho laranja estava preso a um caminho fundo.

Em seguida, vimos algumas casas cercadas de laranjeiras, também na margem do rio, notando-se um esperto sagui, que, de um arbusto, observava atento a descida de nossa barquinha.

Às 9 horas da noite, ao aproximarmos-nos de Guaicuí, descobrimos o farol do vapor *Saldanha Marinho*, que havia chegado às 6 horas deste dia e se achava ancorado na barra do rio das Velhas, na sua confluência com o São Francisco.

Logo que aportamos, dirigimo-nos para bordo do vapor. Ali encontramos o Sr. Libânio Antônio Falcão, comandante do mesmo, e mais alguns conhecidos, com os quais conversamos até meia-noite, narrando-lhes os fatos mais importantes ocorridos no país.

Entre outros conhecidos, achavam-se o Dr. Aurélio Pires de Carvalho e Albuquerque, que tão dignamente exerceu o cargo de juiz de direito na comarca de Juazeiro, no Estado da Bahia, e que, tendo ficado em disponibilidade, por não querer continuar a árdua missão de distribuir justiça, preferiu a carreira comercial, para a qual, além de grandes aptidões, tem conhecimentos especiais; o Sr. Emílio Maia e seu filho, 1º e 2º maquinistas do vapor, os quais, em fevereiro daquele ano, conosco haviam feito a viagem de exploração do rio Preto, afluente do rio Grande, na Bahia.



No dia 5, pela manhã, mandamos transportar a nossa bagagem da barquinha para o vapor *Saldanha Marinho*; e, logo que os tripulantes da primeira terminaram sua missão, despedimo-nos deles, dando a cada um, além do salário estipulado, uma gorjeta, por se terem portado dignamente, durante a viagem.

Às 8 horas, já no vapor *Saldanha Marinho*, fomos visitar a corredeira de Pirapora, situada entre a parte navegável do Médio e do Alto rio São Francisco, cachoeira – ou melhor, corredeira – tão notável quanto difícil de ser desobstruída. A Estrada de Ferro Central do Brasil brevemente terá de transpor esta cachoeira, para ir ter ao local demarcado, no planalto central, para a futura capital<sup>5</sup>.

Durante a viagem, na qual despendemos 2:30 horas, os anfíbios e aves aquáticas foram perseguidos pelos passageiros, conseguindo o Dr. Pires e Albuquerque matar uma bela e grande garça parda e um jacaré de tamanho considerável.

---

5 A hegemonia sulamericana pertence ao Brasil. Mas, para que à sua benéfica ação se exerça sobre o continente, é indispensável que sua capital seja removida para o centro do país. A natureza mostra que os órgãos vitais, como o cérebro e o coração, centros da maior sensibilidade vital para o organismo, como a capital o é para a nação, se acham em condições de não ser atingidos facilmente, estando assim garantidas suas funções, em bem de todo o organismo.

.....

### *Capítulo III*

#### DE PIRAPORA À CIDADE DE BARRA DO RIO GRANDE

**D**ESEMBARCAMOS no porto da povoação de Pirapora, que percorremos, assim como a extensíssima corredeira.

A povoação, situada à margem direita do majestoso rio, recorda os aprazíveis sítios de beira-mar; e o ruído causado pelas águas das corredeiras sobre as pedras e a constante viração que ali se nota mais fiel tornam essa ilusão.

Logo que a Estrada de Ferro Central do Brasil atinja a cachoeira de Pirapora, o humilde arraial, que aí se formou pela facilidade da extração dos diamantes da corredeira, que tranca a navegação entre o Alto e o Médio São Francisco, se transformará numa cidade rica e industriosa, tendo por base de sua prosperidade a indústria pastoril, a piscicultura e indústrias conexas. De fato, em Pirapora, onde termina a navegação do Médio São Francisco, encontra-se peixe em tão grande quantidade que a companhia, ali fundada para explorar semelhante riqueza, não deixará de se tornar imensamente próspera e remuneradora. O mesmo acontece em relação à indústria pastoril, que tem aí as melhores condições de progresso. A exportação de carne fresca e em salmoura é uma indústria a desenvolver-se em Pirapora,

logo que aí chegue a Estrada de Ferro Central e, com ela, os mercados do litoral – a porção mais povoada do Brasil – se tornem facilmente acessíveis.

Depois deste agradável passeio, voltamos a Guaicuí. Essa futura vila está situada à margem direita do rio das Velhas, na confluência deste com o São Francisco. Nada apresenta de notável, a não ser a fertilidade da planície em que está assente.

Nesta localidade, recebeu o vapor uma boa carga de fazendas das fábricas de tecidos da cidade de Curvelo, alguns sacos de feijão e arrobas de borracha de mangabeira.

À noite, uma bem organizada banda de música veio a bordo e executou lindas e variadas peças, com muito gosto e maestria.

Relâmpagos e trovões manifestaram-se logo após sua retirada, caindo às 11 horas um forte aguaceiro, que durou até às 10 horas da manhã do dia seguinte.

No dia 6, a chuva tornou-se mais fina.

Mandamos acondicionar algumas mudas de jabuticabeiras grandes, ou de São Paulo, que não conhecíamos em nosso município, e para lá as transportamos.

Às 11 horas da manhã, o vapor levantou ferro e, às 3 da tarde, fundeou no arraial de Extrema, povoação situada à margem direita do São Francisco, 10 léguas abaixo de Guaicuí.

O traçado da estrada de ferro da cidade de Montes Claros para o rio São Francisco tem, como ponto terminal, este arraial, onde se vêem diversas casas em construção, o que denota a sua prosperidade.

Neste ponto, recebeu o vapor muitas arrobas de borracha e peles. Poucos metros acima da ribanceira, existe uma gameleira (*ficus dolia-ria*), que mede 11 metros de circunferência.

Às 5 horas e 20 minutos da tarde, partimos de Extrema e, às 8.30, chegamos à barra do rio Paracatu, 8 léguas distante de Extrema.

O vapor entrou um pouco pelo rio Paracatu, que é, até este ponto, descendo o rio São Francisco, o seu afluente mais caudaloso, fundeando em frente à casa do Sr. Jesuíno, fornecedor de lenha para os vapores da Companhia Viação Central.

No dia 7, amanheceu chovendo. Recebeu o vapor o combustível necessário para viagem até a cidade de São Francisco. O comandante comprou, junto à foz do rio Paracatu, uma antinha bem domesticada.

Às 7:30 horas da manhã, o vapor levantou ferro; e, pouco antes das 10 horas, chegamos a São Romão, povoação célebre pelas lúgubres tradições que conquistou, quando cabeça de comarca, no tempo da Monarquia. Os crimes de toda sorte e a impunidade dos criminosos tornaram-na temida e detestada. Ainda hoje se ouvem, no interior dos Estados de Minas e da Bahia, imprecações, como está: “Persiga-te a justiça de São Romão”. E quando se deseja obter informações sobre a localidade, a resposta é:

“São Romão, São Romão,  
Ruim p’ra os que lá vivem,  
Pior p’ra os que lá vão!”

Na época atual, porém, esta povoação vai-se modificando consideravelmente. As comunicações fáceis, pelos vapores da Companhia Viação Central do Brasil, e as enérgicas medidas empregadas pelo governo estão fazendo desaparecer as tradições deponentes contra os costumes dos habitantes de São Romão.

Neste porto recebeu o vapor um sofrível carregamento de farinha de mandioca, borracha de mangabeira e bananas. Às 11,30 horas, saímos de São Romão e, 11 léguas abaixo desta povoação, avistamos a cidade de São Francisco, situada à distância de uma légua.

Às 4:30 horas da tarde, chegamos a esta cidade, situada à margem direita do caudaloso rio que lhe dá o nome, e que se acha protegida por um cais natural de pedra granítica, avaliado em soma fabulosa, se fosse construído pela mão do homem.

No porto, havia muita gente à espera do vapor.

O movimento comercial desta pequena cidade de 3.000 habitantes é considerável; e a barca, rebocada pelo vapor em que viajávamos, recebeu 15.000 quilos de mercadorias, avultando a borracha entre outros gêneros de exportação.

A Companhia Viação Central vai dando tão considerável desenvolvimento ao comércio e à indústria do grandioso vale do rio São Francis-

co e seus inúmeros afluentes, que, quando a Estrada de Ferro Central do Brasil chegar a Pirapora, poderão rivalizar com os do majestoso Amazonas.

Em companhia dos nossos amigos Drs. Aureliano Porto Gonçalves, juiz substituto, então, desta comarca, e Aurélio Pires, percorremos a cidade, visitado ao mesmo tempo alguns amigos, entre os quais lembraremos os nomes dos cavalheiros Dr. Antero Simões Cuim Atuaú, de saudosa memória, então juiz de direito da comarca, e o coronel Canabrava.

No dia 8, percorremos a cidade e seus arrabaldes, observando as condições favoráveis ao desenvolvimento da população.

O clima da comarca é temperado e salubre, excetuando-se, entretanto, as margens do rio, onde os casos de febres intermitentes são frequentes. As geadas, durante o inverno, não são abundantes nem repetidas. No mês de dezembro, a temperatura é bastante agradável. Quantos capitalistas residentes em cidades populosas do Brasil não pagariam grandes somas para gozar de temperatura igual à que se experimenta aqui, mesmo na estação calmosa?

Às 2 horas da tarde, em companhia de alguns amigos, que se dignaram acompanhar-nos, dirigimo-nos para bordo. O vapor, pouco depois, deu sinal de partida; e, às 2:45, levantou ferro e partiu, deixando após si a pequena e esperançosa cidade de São Francisco.

Novas paisagens se desenrolam aos olhos dos passageiros: garças brancas em bandos e gaivotas em constantes revoadas cortam os ares; nas ribas jacarés e capivaras, aqui e ali, faziam esquecer o tempo que corria, como o vapor singrando as águas, a favor da corrente.

Às 7 horas da noite, chegamos à povoação de Pedras de Maria da Cruz.

Um formidável temporal revolve a superfície das águas do grande rio e, logo em seguida, desaba uma chuva torrencial.

No dia 9 de dezembro, pela manhã, ainda caía uma chuva fina. O vapor suspendeu ferro muito cedo, de sorte que, às 7 horas da manhã, chegamos à cidade de Januária, a mais populosa do Médio São Francisco, sita na margem esquerda do rio, numa vasta planície.

Nas proximidades desta cidade, existem algumas povoações aprazíveis, onde a indústria agrícola muito se tem desenvolvido: Mocambo, Brejo e Arraial da Quinta.

Em companhia dos cavalheiros Dr. Cícero Diocleciano da Silva Torres e comendador Lindolfo Caetano de Sousa e Silva, percorremos a cidade, cuja população é, aproximadamente, de 12 mil almas.

Faz poucos anos que chegaram a Januária os primeiros estrangeiros, de nacionalidade italiana; um deles é, atualmente, possuidor de elevada fortuna e todos gozam de recursos regulares.

O Dr. Cícero Deocleciano da Silva Torres apresentou-nos algumas amostras de minerais do município de Januária, carbonato e grafite, que atestam sua riqueza mineralógica. A agricultura, com especialidade a cana-de-açúcar, cuja planta vive de 20 a 30 anos, sem necessidade de replantação, constitui a principal riqueza do município.

As geadas, nos invernos rigorosos, visitam esta comarca; mas, ordinariamente, os danos causados são pouco consideráveis e passam-se muitos anos sem que este fenômeno se manifeste.

As ruas da cidade são muito estreitas, mas bem alinhadas. Os edifícios antigos são de aparência desagradável; os modernos, porém, são de elegante arquitetura.

A instrução pública é ministrada em quatro escolas, sendo 2 para o sexo masculino e 2 para o feminino. O único hotel da cidade oferece conforto aos passageiros, que nele se hospedam, graças ao zelo e atividade do seu proprietário.

O major Torquato de Oliveira Lins, pai dos Srs. capitão Odilon, com quem temos relações amistosas de muitos anos, Canuto e Firmo de Oliveira Lins, convidou-nos para jantar em sua casa. Nesta lauta refeição figuraram, de preferência, pratos alagoanos, em recordação daquele Estado, de onde é originária a família do major Lins. Depois do jantar, que correu animadíssimo e durante o qual foram erguidos brindes, demos um ligeiro passeio e jogamos uma partida de bilhar.

No dia seguinte, fizemos despedidas e algumas compras de gêneros da indústria local.

Em Januária existe a interessante indústria das redes de seda de buritizeiro. São elas tão bonitas, bem feitas e cômodas, quanto módicas em preço. Durante o calor do verão, as redes, principalmente as de fibras macias, sedosas e frescas, são preferíveis a quaisquer outros móveis para repouso. Poderiam ser exportadas com vantagem para os Estados do norte.

Em Januária ficaram diversos passageiros; muitos outros, porém, embarcaram neste porto, e entre os quais o Dr. Alcides de Castro, clínico da cidade de Juazeiro, e o cidadão José de Sousa Oliveira, natural de Portugal e um dos abastados proprietários da próspera cidade mineira.

O Dr. Cícero Torres, comendador Lindolfo Caetano, major Oliveira Lins e filhos, além de outros mais nos acompanharam até ao vapor, e a todos, ainda uma vez, manifestamos nossa gratidão pelas inúmeras gentilezas que nos dispensaram.

Ao meio-dia, o vapor levantou ferro, tendo sido previamente dado o sinal de partida. Os lenços, tanto em terra como a bordo, se agitaram por algum tempo, em mútuas despedidas.

Logo abaixo da cidade, uma enorme cobra cascavel atravessava o rio: cabeça erguida, vibrando a longa língua bífida, pescoço em aro, fendendo a água com velocidade incrível! Alguns tiros foram disparados sobre o medonho réptil, mas nenhuma só bala atingiu o alvo e o monstro penetrou por entre os arbustos da margem oposta.

Às 3 horas da tarde, passávamos pelo arraial de Jatobá, seis léguas distante de Januária; e, às 5, o vapor recebia lenha na povoação de Jacaré, quatro léguas abaixo de Jatobá e três acima do morro de Itacarambi, visível daquele povoado. Pernoitamos num sítio, poucas léguas abaixo de Jacaré.

No dia 11, pela manhã, saímos do porto e fomos parar no lugar denominado Arraial da Manga, onde recebemos combustível.

Este arraial fica à margem esquerda do rio, 10 léguas abaixo de Jacaré. As ruas desta aprazível povoação são largas e já têm alguma arborização.

Continuando nossa viagem, passamos por outro povoado, com o nome também de Jacaré, e fomos dormir em Pedras de Fogo, à margem direita do rio, quatro léguas abaixo da povoação de Morrinhos.

Nove léguas abaixo da povoação de Manga, fica Malhada, posto fiscal do Estado de Minas Gerais, mas situada em território do Estado da Bahia; fica também 5 léguas abaixo do rio Verde Grande e quase em frente ao rio Carinhanha, rios esses que servem de limite entre os Estados da Bahia e Minas Gerais, sendo ambos afluentes do São Francisco.

Em Malhada, nos demoramos o tempo necessário, e que não foi pouco, para que a agência de Minas verificasse as mercadorias exportadas para a Bahia.

Logo depois de concluída a verificação, o vapor deu sinal de partida e seguimos para a vila de Carinhanha, erguida sobre uma planície encantadora, à margem esquerda do rio. É uma vila de bela aparência, situada em posição saliente.

Os edifícios são simples e elegantes. As praças regularmente arborizadas, para o que tem concorrido o Dr. Lopes Rodrigues.

Às 5:30 horas da tarde, partimos e fomos pernoitar na fazenda Prata, 3 léguas abaixo de Carinhanha.

No dia 12, às 5 horas da manhã, continuamos nossa viagem; e, às 2 da tarde, chegávamos à vila de Bom Jesus da Lapa.

Neste lugar, existe a gruta da Lapa<sup>1</sup>, que deu seu nome à vila. Foi descoberta, no fim do século XVI, por frei Francisco da Soledade. Vila e gruta estão situadas à margem direita do rio São Francisco.

A gruta se acha transformada num belíssimo templo católico e é digna de ser conhecida de todos os que procuram admirar as grandiosas maravilhas do interior do Brasil.<sup>2</sup>

A montanha, em que se vê a gruta, é encantadora; quando observada de longe, assemelha-se a um vastíssimo edifício, construído em degraus simétricos, desde a base até ao vértice. Nestes degraus, cresce um arbusto lindíssimo, mantendo notável igualdade e desenvolvimento cada arvoredor, ali metodicamente plantado pelas mãos do Supremo Criador. Em alguns pontos da montanha, afastados da gruta, destacam-se rochas, que, pela sua disposição e forma, representam, a certa distância, figuras variadas.

É pelo lado de sudoeste que se penetra nesta espaçosa e clara gruta, havendo do lado do ocidente uma grande abertura, de onde se descortina um horizonte vastíssimo. Deste lado, as águas da plácida ipueira do majestoso São Francisco banham a base da montanha.

Quando visitamos a gruta, narraram-nos um curioso milagre, de que já tínhamos conhecimento e que também vamos referir, porque o

---

1 Na Bahia encontram-se outras grutas admiráveis, como a de Mangabeira, em Brejo Grande, e a de Salitre, em Juazeiro.

2 Duas grutas notáveis, dignas de serem conhecidas, são a dos Túmulos, no município de Aparecida do Castelo, no município do mesmo nome, no Estado do Piauí.



achamos merecedor de ser conhecido: uma senhora, que prometera a varrer a igreja da Lapa, desejando cumprir seu voto, e tendo um filhinho de nove meses, levou-o consigo, colocando-o no centro da igreja. Em seguida, tratou de cumprir sua promessa; e, ocupada como se achava, não reparou que a criança se aproximava pouco a pouco da abertura. No momento, porém, em que a inocente criança ia cair no abismo, a desolada mãe vê o terrível perigo, sem poder chegar mais a tempo de salvar o filhinho. Grita, implorando ao Bom Jesus da Lapa; e, desvairada, precipita-se para a fenda que deita sobre o abismo. Seus gritos aflitivos atraem as pessoas que se achavam perto do templo, as quais, entrando aí, encontraram-na inclinada para o precipício profundo. Quando buscavam arrancá-la da posição em que estava, ela, voltando a si o prodígio que acabava de presenciar, mostra-lhes, na superfície das águas, o seu interessante filhinho, que, assentado, brincava, batendo com as pequeninas mãos no líquido em que sobrenadava. Imediatamente seguiram em canoas alguns pescadores, e tiraram das águas a gentil criança, que nem se assustara com a desolação colossal feita, e que, em condições normais, bastaria para determinar-lhe a morte.

Quem conhecer a altura de onde caiu a criança à superfície das águas da ipueira, assim como a grande quantidade de piranhas nela existente, peixe esse tão terrível que, em menos de 5 minutos, deixa de um boi, por maior que seja, apenas os descarnados ossos – não encontrará meios para explicar esse fato, e não ser por fenômeno sobrenatural, que geralmente é denominado milagre.

Tendo referido acidentalmente este curioso fato, continuaremos a descrição da interessante gruta, transformada em templo católico.

Como dissemos, penetra-se na gruta pelo lado de sudoeste, subindo por uma ladeira facilmente acessível. Ao transpor o pórtico, nota-se uma grande área perfeitamente clara, tendo 3 altares, ficando um dele que é o altar-mor, em frente à entrada.

Encontram-se algumas colunas de estalactites, que se formaram na abóbada do subterrâneo pela infiltração de águas calcárias, e que são anualmente, retiradas e distribuídas, como relíquias, aos milhares de romeiros que aí vão.

A festa ao Senhor Bom Jesus da Lapa realiza-se no mês de agosto e é considerada a mais importante das solenidades das povoações das margens do rio São Francisco.

As mesmas águas, que se infiltram e dão lugar à formação das estalactites, são recolhidas, engarrafadas e vendidas aos crentes como águas miraculosas, com a propriedade de curar todas as moléstias.

A verdade é que, nas moléstias do sistema nervoso, onde a sugestão exerce incontestável ação, elas produzem curas admiráveis.

Perto do altar-mor, ao lado esquerdo de quem entra na memorável lapa, está a sepultura do monge frei Soledade, hoje transformada em furna, por continuamente levarem dali os fiéis pequenas porções de terra, que consideram santa.

Quem sabe quanto não teria sofrido em sua longa e espinhosa missão o eremita, que ali foi sepultado! Era considerado um santo; e vivia solitário em sua escolhida gruta, junto à imagem do Divino Redentor, pedindo-lhe paz e boa vontade aos homens e, ao mesmo tempo, ensinando a estes a tolerância e a resignação evangélicas.

Quantos infelizes, iguais a frei Soledade, não encontramos na vida!? Bem feliz é o ser humano que sabe sentir e compreender o delicado afeto que o liga à família, quando encontra o seu ideal; mas, por vezes, quantos obstáculos imprevistos se lhe antepõem, separando-o do ente gerido, a quem idolatra e que domina sua existência!

Quanta criatura, procurando conciliar o sono, não dedica o seu último pensamento ao ser divino, a quem ama apaixonadamente, mas do qual não se pode aproximar, tornando-se destarte o mais desgraçado dos mortais, quer se chame *Cavaleiro Negro*, *o Terror dos Exércitos*, de que nos fala Alexandre Herculano, quer seja um santo, como frei Soledade!

Nesta vila, de grande futuro, presentemente tão fácil de ser visitada com a Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco, que já se acha inaugurada, e com a navegação do São Francisco, da cidade de Juazeiro a Pirapora, por barcos a vapor, que vai tomando sensível desenvolvimento, ainda não existe um hotel!

Os mendigos também não encontram um abrigo; entretanto, os romeiros ali deixam dezenas de contos de réis em esmolas, sendo que uma parte dessas quantias poderia ser aplicada a um asilo, se os procuradores melhor se compenstrassem dos seus deveres de caridade.

Da imensa renda, só alguns fogos de bengala, queimados no dia da festa, tornam-se de domínio público.

E censurável que não apliquem uma parte dos donativos, oferecidos pelos devotos, a algum estabelecimento de instrução e hospital ou asilo para o grande número de paralíticos e cegos que ali se aglomeram.

A temperatura da vila, em consequência de sua situação entre a ipueira e a montanha em que está a gruta, é bastante quente.

Veem-se, nesta vila, algumas ruas, notando-se que as casas são, em geral, de má construção.

E existem escolas primárias para ambos os sexos.

Em vista da penúria da pobreza, os passageiros se cotizaram para oferecer algum dinheiro aos necessitados. Depois de distribuídas as esmolas, nos dirigimos para bordo e, às 5 horas da tarde, deixamos o porto da vila de Lapa.

Fomos passar a noite na barra do rio Corrente, grande tributário da margem esquerda do São Francisco; e aí visitamos o local outrora designado para a edificação da capital da província de São Francisco.

Este projeto infelizmente não vingou, pois sua realização muito poderia ter acelerado o desenvolvimento daquela riquíssima região do centro do Brasil, – a pérola, pode-se dizer, do Estado da Bahia, – não só pela amenidade do clima, excetuando-se as margens do rio, que favorece o início proveitoso de todas as culturas europeias, como também pela extraordinária uberdade do solo, onde a cana-de-açúcar atinge a altura de 30 palmos e os canaviais duram de 25 a 35 anos!

Fatos iguais são observados nas margens do rio Grande, onde, como no Corrente, já se acha inaugurada a navegação por barcos a vapor.

O local, outrora escolhido para capital da província de São Francisco, elevado e salubre, situado na confluência do rio Corrente com o que dera o nome à província, tornar-se-á, em futuro não muito remoto, uma cidade próspera, se para a Bahia estabelecer-se uma corrente regular de imigração, como é de esperar, atentas as consideráveis riquezas naturais, quer em minerais, quer em vegetais, encontradas neste importante Estado.

O Estado da Bahia, além de suas riquíssimas jazidas de pedras preciosas, possui opulentas minas de ouro, ferro, cobre e manganês, e terrenos ubérrimos, dos quais, conforme a altitude, são feitas variadíssimas culturas, ao mesmo tempo que se desenvolve a indústria pastoril em seus férteis campos naturais, que se aproximam dos do Piauí.

Quando o Brasil se tornar mais conhecido e mais bem julgado, o que acontecerá quando tivermos mudado para o planalto central a nossa capital, o europeu deixará de avaliá-lo pela cidade do Rio de Janeiro, a qual, se bem que sem rival em belezas naturais, tem contra si, por causa da febre amarela, a fama de insalubre.

O benemérito presidente Rodrigues Alves, reconhecendo os terríveis efeitos que sofria nossa cara pátria, em consequência de fama tão desanimadora, iniciou a regeneração da nossa metrópole. O serviço, que está prestando ao país, é incalculável; pois, saneada esta grande cidade, sede do futuro Estado da Guanabara, e mudada a capital do Brasil para o planalto central, estará resolvido o problema do povoamento de nossa cara pátria e estabelecidos laços da mais íntima solidariedade não só entre os Estados, que constituem a nossa grande nacionalidade, mais ainda entre os países da América do Sul.

O europeu, encontrando facilidade em penetrar no interior do Brasil, reconhecerá que não só é este país salubérrimo, mas que possui terrenos fertilíssimos e ao alcance de todos.

No dia 13, quando nos levantamos, caía uma chuva fina.

O vapor, sulcando as águas da mais poderosa artéria fluvial do oriente do Brasil, fazia levantarem-se bandos de garças e gaivotas, que esvoaçavam formando nuvens.

O maquinista E. Maia, com certo tiro, fez uma gaivota cair morta sobre o tombadilho.

Passando pelos povoados Sítio da Mata, Bandeira, Conceição e Mangai, chegamos à cidade do Urubu, à margem direita do São Francisco, 11 léguas abaixo da confluência deste com o Corrente. O maior núcleo de população fica afastado da margem do rio, por causa das grandes cheias, que determinam inundações, mais ou menos consideráveis.

No regime passado, a vila do Urubu foi, por algumas vezes, conflagrada; mas, presentemente, tem havido paz, aparecendo, como natural e lógica consequência, tranquilidade, ordem, trabalho e o progresso crescente, que se vai tornando cada dia mais sensível, pela facilidade de comunicação com todo o Médio São Francisco, facilidade proporcionada pela Companhia Viação Central do Brasil, que faz a navegação, não só neste grande rio, como até nos seus numerosos afluentes.

Próximo à cidade de Urubu, encontram-se algumas fontes termais, conhecidas pelo nome de água do inferno ou de Pedro Botelho, e situadas em um lugar elevado e salubre. Estas águas são pouco conhecidas fora dali e, apesar de sua reputação de maravilhosas, quando empregadas na cura de muitas enfermidades ainda não foram analisadas.

É admirável que os baianos, tão inteligentes e laboriosos, ainda não promovessem dedicadamente o desenvolvimento das riquezas naturais da Bahia, de modo a torná-la o mais próspero dos Estados da União, fadada como está pelos seus próprios recursos e tesouros ainda não explorados.

Depois da necessária demora para o embarque dos passageiros, carga e combustível, deixamos o porto da vila de Urubu (hoje cidade do mesmo nome) e seguimos para a povoação de Bom Jardim, também situada à margem direita do rio que navegamos, e 12 léguas abaixo de Urubu.

Em frente à povoação de Bom Jardim, com uma população e comércio em desenvolvimento sensível, acha-se a fazenda de Passagem, teatro de indescritíveis cenas de horror, que se deram nos últimos anos do regime monárquico. Os adversários da situação dominante, no regime passado, foram exterminados pela bala e pelo incêndio das propriedades, como aconteceu na fazenda de Passagem, a qual, depois de um cerco de alguns dias, foi queimada, morrendo um grande número de homens, mulheres e crianças, e tendo ficado muitos, dentre eles, reduzidos a cinzas. Bem poucos se salvaram de tão tremenda carnificina!

Os habitantes das margens do São Francisco, no regime passado, viviam em lutas frequentes, na indigência e cobertos de luto. Mas, com a República, uma era feliz surgiu-lhes; e hoje, com o sibilo da locomotiva, uma nova fase de paz, amor ao trabalho e desenvolvimento da riqueza regional, pela facilidade das comunicações, se torna bem sensível aos olhos do menos perspicaz observador.

Estamos convencidos de que recurso algum é tão benéfico ao progresso de um país como a facilidade de comunicações, quer sejam elas efetuadas por barcos a vapor, quer por estradas de ferro.

Será sempre esta facilidade o veículo mais eficaz ao desenvolvimento da instrução, da ordem e da riqueza de nossa cara pátria.

Firmadas as comunicações, teremos estabelecido o trabalho, a paz e a liberdade, fatores importantíssimos de nossa grandeza futura e, de

uma vez, aniquilado as conflagrações, tão frequentes, em outros tempos, nas margens do São Francisco, e que ali fazem justificar as palavras de João de Deus:

“A ideia, esse verbo criador,  
Há de fazer que, um dia e não distante,  
Só o nome de império inspire horror”.

No dia 14, às 5:30 horas da manhã, o vapor suspendeu âncora. As chuvas que, incessantemente, caíam desde a nossa partida de Guaicuí, ora fortes, ora tenuíssimas, cessaram de um modo completo.

O sol brilhou no oriente, dando um tom alegre e vivificador a toda a natureza.

Os barqueiros, que subiam e desciam o rio, afixando os musculosos peitos sobre as longas e pesadas varas, faziam suas embarcações vogar com velocidade.

O vapor em que viajávamos, rebocando uma barca com 50.000 quilos de mercadorias, fazia 8 milhas por hora.

As localidades mais importantes, de Bom Jardim para baixo, são: Roçado, à margem direita, e Boavista, do lado oposto, Limoeiro, Fazenda Grande, também à margem esquerda, Caraíbas, Sabonete, Fazenda Nova, à margem direita.

Nestes lugares, cresce uma população de pescadores e lavradores.

Riacho das Canoas, à margem esquerda do rio, é um povoado de alguma importância e é um dos pontos obrigatórios da passagem de gados que, do sul do Piauí, são conduzidos para a Bahia. Este povoado fica 11 léguas abaixo de Bom Jardim.

À margem direita do rio e 2 léguas abaixo de Riacho das Canoas, está a povoação denominada Morro do Pará-Mirim. Este povoado tem grande movimento comercial de gêneros alimentícios.

Uma légua abaixo e à margem esquerda, vê-se a povoação de Torrinhas, onde se notam alguns bons edifícios.

Uma légua além e do mesmo lado, está Timbó, à jusante do qual, cerca de 2 léguas, acha-se Itaquiara.

Duas léguas distante de Itaquiara, encontra-se a povoação de Tapera; e, uma légua depois desta, Angical. Praias numerosas, surgindo

aqui e além, dão-nos a impressão de uma viagem ao longo do litoral do norte do Brasil; e, à proporção que continuamos a descer o grande rio, outros lugares, como Curralinho, Icatu, Juaz, Conceição, Madeira Seca e a importante cidade de Barra do Rio Grande surgiram à nossas vistas.

.....

## *Capítulo IV*

### DA CIDADE DE BARRA À VILA DE CORRENTE

**A** CIDADE DE BARRA DO RIO GRANDE fica situada à margem esquerda, na confluência do rio que lhe dá o nome com o majestoso São Francisco, com razão considerado o *Mediterrâneo* do centro-leste do Brasil.

D. João de Lencastre, em obediência às ordens régias, de 10 de novembro e de 2 de dezembro de 1698, para fazer face às invasões que os selvagens *Acoroazes* e *Mocoazes* faziam constantemente aos estabelecimentos pecuários da população civilizada, mandou fundar uma aldeia de índios mansos, no local em que se acha a florescente cidade de Barra. Foi nesta mesma ocasião que fez também fundar as povoações de Rio Preto e Paranaguá, a fim de, reunidos os seus habitantes com os do São Francisco, pudessem opor a necessária resistência aos repetidos ataques dos índios ferozes *Rodeleiros*, *Mocoazes* e *Acoroazes*. Não achando suficiente esta medida, fez marchar da Bahia uma força considerável em cumprimento às



cartas régias, de 10 de fevereiro e 17 de novembro de 1699, com o que conseguiu reduzir os ditos índios.

A pequena aldeia de índios começou a florescer, e, pelo meado do XVIII século, seus habitantes requereram a elevação de sua povoação a vila, no que foram atendidos. O conde de Atouguia, em obediência à provisão régia de 5 de dezembro de 1752, a qual atendia ao pedido dos moradores da aldeia, mandou levantar a nova vila pelo ouvidor de Jacobina, desembargador Henrique Correia Lobato, que a instalou em 23 de agosto de 1753. Por lei provincial, sob o nº 1.320, de 16 de junho de 1873, foi então elevada à categoria de cidade.

O Sertão das Rodelas, onde está a cidade de Barra, pertenceu primitivamente à Bahia; mas, em virtude do decreto régio de 11 de janeiro de 1715, passou a pertencer a Pernambuco, no que diz respeito à parte administrativa e eclesiástica, continuando a judiciária sujeita à Bahia. O decreto de 15 de janeiro de 1810 criou a comarca do Sertão de Pernambuco, mandando que a vila de Barra, que até então era da correição de Jacobina, não obstante pertencer à Capitania de Pernambuco, por lhe estar mais próxima do que da cabeça da comarca respectiva, ficasse, no tocante a correição, pertencendo à nova comarca.

O decreto de 3 de junho de 1820 criou nova comarca, desmembrada da do Sertão de Pernambuco, denominando-a comarca do Rio São Francisco, e que compreendia, como cabeça, a vila de Barra. Esta comarca, que começava no lugar chamado Pau da História (hoje limite entre os Estados de Pernambuco e Bahia) e terminava no rio Carinhanha (limite entre Bahia e Minas), foi, por decreto de 7 de julho de 1824, desmembrada de Pernambuco e anexada à Província de Minas Gerais. A resolução de 15 de outubro de 1827 desligou-a de Minas, incorporando-a à Bahia, da qual havia estado separada 112 anos!<sup>1</sup>.

Barra do Rio Grande teve a singularidade de ter filhos pertencentes a três províncias: Minas, Pernambuco e Bahia, cabendo-lhe a glória de dar dois senadores, um pela Bahia, o barão de Cotegipe, e outro por

---

1 Em 1896, o senador João Barbalho apresentou um projeto restituindo ao Estado de Pernambuco o território da antiga comarca de São Francisco, provisoriamente anexada à Bahia, pela resolução de 15 de outubro de 1827. Depende de votação.

Pernambuco, o barão do Bom Conselho. Além dos ilustres varões acima mencionados, poderemos lembrar mais os seguintes: barão da Vila da Barra, dr. Antônio Mariani do Bonfim, desembargador Antônio Roberto de Almeida, conselheiros José Francisco e Pedro Mariani, comendador João Augusto Neiva, desembargador Benedito de Sousa e o notável clínico dr. Benício de Abreu. Além destes filhos distintos, Barra tem tido muitos outros, quer na carreira eclesiástica, quer nas belasartes e nas artes mecânicas, em que vários deles se têm mostrado exímios.

O Sertão das Rodelas, de que Barra faz parte, manteve-se sujeito à Diocese de Pernambuco, até que, por decreto n° 693, de 10 de agosto de 1853, e decreto consistorial de 25 de maio de 1854, passou a pertencer à Bahia.

Situada numa extensa planície circundada de várzeas e lagoas que acumulam porção de água, nas épocas das grandes cheias dos rios, é a cidade transformada em península, ficando mesmo à parte inferior da cidade, Aldeia Velha, sobre o rio São Francisco, completamente inundada. Devido à cheia periódica dos rios, a cidade acha-se dividida em dois bairros: um, que se estende pela margem esquerda do rio São Francisco até à foz do rio Grande; e o outro, mais moderno e não sujeito a inundações, prolonga-se da foz do rio Grande, pela sua margem esquerda acima.

As ruas, paralelas às margens dos rios, são regulares, mas as transversais são tão estreitas que podem ser consideradas verdadeiros becos.

Dentre as grandes ruas, a do Comércio e a do Rosário são as mais importantes; esta última liga as duas espaçosas e arborizadas praças do Rosário, no bairro novo, e da Câmara, no bairro velho.

Os edifícios públicos, dignos de nota, são: o templo do Bom Jesus da Boa Morte, situado à margem esquerda do São Francisco, pouco abaixo na praça da Câmara, no centro da antiga aldeia dos índios; o de São Francisco das Chagas, colocado na praça do mesmo nome, devido à iniciativa do benemérito desembargador Tomás Garcez Paranhos Montenegro, a quem muito deve a cidade de Barra; e o de Nossa Senhora do Rosário, na praça assim denominada.

Nesta praça se acha também o Hospital de Misericórdia, criado ainda por iniciativa do Dr. Montenegro. Este estabelecimento é digno das maiores atenções dos poderes públicos pelos serviços que tem prestado e

há de prestar, graças aos desvelos e dedicação dos distintos clínicos, que se encarregam dos doentes, e do zelo dos farmacêuticos, na manipulação dos medicamentos.

Esperamos que, na primeira oportunidade, os poderes públicos auxiliares tão útil instituição, que, graças à caridade particular, vai prestando relevantíssimos benefícios.

É tradicional o amor à instrução dos habitantes da comarca de Barra. O ensino das línguas latina e francesa, por muitos anos, foi ali mantida O dr. Abílio César Borges, barão de Macaúbas, fundou, nesse lugar, colégio, que produziu benéficos resultados. O conselheiro Luís Vana, quando governador da Bahia, prestou à cidade de Barra o inestimável serviço de dotá-la com uma escola normal, instalada num belo e espaçoso edifício, com as acomodações necessárias, e um curso completo para o preparo de professores.

Barra conta também com um ginásio, onde se estudam os preparatórios e 4 escolas públicas primárias, sendo 2 para cada sexo, e ainda muitas escolas particulares.

Graças a um grupo de homens adiantados, à frente do qual, denodadamente, tem trabalhado o sr. João Oscar de Almeida Santos, possui a cidade de Barra do Rio Grande uma importante biblioteca, intitulada Grêmio Bibliófilo Barrense.

Nas reuniões que ali têm lugar, não é raro se observarem discussões dos mais graves e profundos problemas que preocupam o espírito humano: a ciência, a literatura, a política, a religião e a moral, em sua mais alta acepção, encontram nesta cidade verdadeiros e dedicados cultores. E, como não há de ser assim, se os habitantes de Barra representam a população do São Francisco, e esta é a resultante dos bandeirantes paulistas e mineiros (latinos), que do sul se dirigiam para o norte, e dos holandeses e indógenas, que do nordeste seguiam para sudoeste?!

E por este motivo que em Barra, ao lado de uma grande maioria católica, encontram-se protestantes, espíritas, positivistas, evolucionistas, ecléticos e livres-pensadores.

Dentre as famílias que ali mais se salientaram, notaremos a Wanderley e a Mariani.

A agricultura do município de Barra, se bem que regularmente desenvolvida, deveria estar mais adiantada do que se acha. As culturas mais comuns são: a da cana-de-açúcar, algodão, mandioca, milho, arroz e feijão. A pomologia vai-se desenvolvendo, sendo excelentes as uvas, imbus, laranjas e abacaxis. A indústria pastoril encontra, nos magníficos prados naturais, as melhores condições de desenvolvimento; entretanto, ainda é muito rudimentar a indústria dos lacticínios.

O peixe, nos rios e lagoas, é tão abundante, que acaba de ser fundada uma companhia de pesca e preparo de peixe, pelos srs. Simões & Cox. Os produtos, preparados e exportados, têm tido a melhor aceitação e oferecem séria concorrência aos similares estrangeiros. Conta também uma pequena fábrica de cerveja, que necessita ser melhorada.

Sendo a cidade de Barra passagem obrigatória de milhares de reses que, dos Estados de Goiás\*, Maranhão e Piauí, se dirigem aos mercados da Bahia, Minas e outros Estados, a fundação de uma charqueada ou estabelecimento, que tenha por fim o preparo da carne para exportação, não poderá deixar de trazer enorme compensação ao capital empregado em semelhante empresa e indústria acessórias. Os mercados, para o consumo do charque, são os Estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, banhados pelo São Francisco.

O comércio da cidade de Barra do Rio Grande cresce, de modo sensível, de ano para ano, e, conjuntamente, o progresso da localidade. E, com razão, o empório do Médio São Francisco.

O clima, apesar de quente, é suportável, sendo as noites, de ordinário, muito agradáveis, assim como os dias dos meses de maio até setembro.

A moléstia, observada mais frequentemente, é o impaludismo, causado pelas inundações, o que se não dá, porém, anualmente. Pode-se, pois, afirmar que as condições de salubridade são, em geral, boas.

Estendemo-nos propositadamente na descrição desta cidade, não só pela sua real importância, como também para significarmos a afinidade e solidariedade que unem os filhos do sul do Piauí aos do oeste da Bahia, obedecendo assim ao sentimento tradicional de origem e fins para que foram criadas as três povoações: Barra, Rio Preto e Paranaguá.

---

\* Hoje, Tocantins (n. rev.).

Até o dia 17, aqui permanecemos, continuando então a cavalo nossa viagem, partindo numa tarde esplendorosamente clara.

A estrada prolonga-se à margem do rio Grande, numa planície extensa, onde, ao lado de uma variada arborização, se ostenta a bela carnaubeira, com as suas folhas em leque e que produzem um cicio especial, ao mais leve sopro da brisa.

Cavalgando uma besta magnífica, a passos lestos, íamos apreciando as variadas modificações que se faziam sentir nas paisagens, à proporção que nos afastávamos da cidade.

Diversas localidades foram sendo por nós observadas, entre elas as seguintes: Lava, nome derivado dos banhos forçados por que tinham de passar as pessoas que atravessavam uma represa neste lugar, formada por ocasião das grandes cheias, mas antes da construção da ponte que atualmente existe; Fazenda de Fora, Gonçalves Coelho e Serra, a 4 léguas a sudoeste da cidade de Barra.

Em Serra, passamos a noite. Uma verdejante serra, que dá o nome à fazenda, estende-se ao norte, paralelamente ao rio Grande, que serpenteia ao sul.

A flora do rio Grande, se bem que análoga à do São Francisco, todavia não lhe é igual, no trecho que estamos atravessando.

Conforme a constituição do terreno, tivemos ocasião de observar vegetação diversa: aqui, carnaubeiras; ali, imbuzeiros; e além, marizeiros e pequizeiros.

Pela manhã do dia 18, depois do clássico almoço de feijoada, carne-de-sol assada e arroz, assistimos ao arrear dos animais, de modo que ficassem as cargas bem acondicionadas. Marcamos o lugar do descanso e seguimos a estrada, que, em linhas paralelas, formada pelos sinais dos cascos dos animais, se estendia pela planície afora.

Passamos por diversas localidades, das quais mencionaremos Estreito, Desterro, Jatobazinho, Imbu, caipira e Riachinho. Fomos descansar em Pedrinhas.

Enquanto esperávamos os tropeiros, fomos fazer uma caçada, em matamos algumas pombas-amargas e uma verdadeira. À tarde, levantávamos acampamento; e, passando por Agreste e Coqueiro, fomos pernoitar em Boca da Caatinga.

Aí encontramos grande porção de imbus, de que tomamos uma fartação.

No dia 19 pela manhã, passando por Piranhas, atravessamos um chapadão arenoso, onde cresciam frondosos pequizeiros e vastos baixões com ricas forragens se mostravam, aqui e além, até que chegamos arraial de Boqueirão, na confluência do rio Grande com o Preto, 15 léguas ao sudoeste da cidade de Barra<sup>2</sup>. Ao aproximar-se do rio, nota ali o viajante um fenômeno interessante: é a resistência que oferecem águas dos dois rios a se misturarem.

Pelo lado esquerdo, revela-se uma fita azul, formada pelas águas tio Preto; pelo lado direito, uma outra cor-de-rosa, constituída pelas águas do rio Grande. Depois de assim correrem por algum tempo, sem se confundirem, entram em luta e as invasões vão tendo lugar. Ora uma marcha cor-de-rosa surge nas águas aniladas do rio Preto; ora uma nódoa azulada, na massa rósea do rio Grande.

E assim persistem, até que, fatigados da peleja, num supremo amplexo, ligam se unem e, transformados num corpo homogêneo, cristalino, desliza essa massa líquida, constituída em poderosa artéria, majestoso veículo do progresso.

Á tarde, deixamos o arraial de Boqueirão, com sua pequena ermida circulada de casinhas quadradas; e tomamos a direção de oeste, acompanhando a margem esquerda do rio Preto<sup>3</sup>.

O terreno é plano ou ligeiramente ondulado, ora coberto de gramineas, ora de carrascais, como acontece nos areais de Tamanduá ou, então, cheio de palmeiras, como nos campos de Buritizinho, lugar em que fomos pernoitar.

Pela manhã do dia 20, o amável dono da casa ofereceu-nos café e ovos estrelados no saboroso e aromático óleo de castanhas de pequi.

Nesta região é encontrado o precioso pequizeiro, que bem podia merecer a proteção dos poderes públicos.

---

2 É deste lugar que deverá partir a estrada de ferro que ligará o rio Grande ao Parnaíba ou a bacia do rio São Francisco à do Amazonas, cujas riquezas naturais, muitas já conhecidas e em exploração, nos parecem incalculáveis.

3 É na confluência destes grandes rios navegáveis, Grande e Preto, que se encontra o melhor local existente na Bahia, para a fundação de uma charqueada ou conserva de carnes.

É árvore alta e frondosa, de lenho extraordinariamente resistente, de onde o seu frequente emprego para pilões, rodeiros de carro, prensas e outros utensílios, que exigem madeira reconhecidamente forte.

As flores e folhas da árvore e o pericarpo do fruto são excelentes forragens para o gado. O mesocarpo do fruto, ora branco, ora amarelo, é polposo, e fornece, além do óleo aromático e ligeiramente amarelo, uma assa alimentícia saborosa e nutriente. A amêndoa, encontrada no centro do endocarpo espinhoso, também fornece um óleo claro, transparente, aromático e saboroso, que é muito empregado como condimento e mais apreciado do que o óleo obtido do mesocarpo.

No dia 21, continuando nosso itinerário, já nos aproximando, já nos afastando da margem do rio Preto, observando as planícies e várzeas tapetadas de relva e os alagadiços onde, ao lado das gramíneas rasteiras, se erguem imponentes as carnaubeiras, víamos estender-se para o lado norte a serra que corre paralela ao rio Preto e se vai entroncar na que separa o Estado da Bahia do de Piauí.

Nessa região, encontram-se chapadões cobertos de arvoredos, onde o pequizeiro e o puçazeiro predominam. São muito interessantes as profundas depressões de terreno, ordinariamente de forma circular, aqui encontradas. Parece que, nesta zona, se deu um abalo profundo, ocasionando essas depressões regulares, cuja quantidade chama a atenção do viajante. Essas profundas depressões tornam-se grandes lagos ou poços durante o inverno, tempo de trovoadas, e as águas que encerram são preferidas pelo gado.

Brejos, ribeirões, onde os buritizais formam espessa mata, estendem-se pela encosta da serra; e, além, nas campinas alcatifadas, crescem os carnaubais.

Ao chegarmos à vereda de Formigueiro, notável pela propriedade do terreno para o desenvolvimento da criação do gado cavalariço, na casa situada à margem esquerda do ribeirão nos acampamos.

À tarde, prosseguindo nossa rota, notávamos as modificações que se manifestavam na floresta. O buritizeiro, em maior número do que as outras espécies, aparecia nas margens do rio; e a umbrosa mamoinha, cuja semente fornece abundante óleo, convidava-nos ao descanso, sob sua espessa copa.

Na povoação de Barrinha, onde o rio faz uma imensa volta, com um porto abrigado, passamos a noite de 21.

No dia 22, despachamos a tropa pela vereda de Caiçara, seguindo nós pela vila de Rio Preto.

Situada à margem esquerda do rio, que lhe dá o nome, sobre uma vasta planície, e com uma população de 3.000 habitantes, é um centro de grande importância comercial.

Os habitantes de nordeste de Goiás, sul do Maranhão e Piauí procuram, de preferência, este mercado para se abastecerem dos gêneros de importação de que necessitam.

O rio Preto oferece segura navegação até a subida para o planalto goiano, 15 léguas além da florescente vila de Formosa. Numa viagem de experiência, subimos, sem grande dificuldade, até a referida vila, embarcados num vapor velho, de pouca força e calando um metro. Em vapores apropriados, fácil será a navegação.

O solo ubérrimo e o clima ameno de Formosa merecem referências especiais e honrosas<sup>4</sup>.

Depois de pequena demora na vila de Rio Preto, onde os gêneros de exportação, como a borracha, couros secos e salgados, peles miúdas, queijos e outros muitos, avultam, principalmente por ser aí o ponto terminal da navegação regular por barcos a vela, seguimos em busca da tropa que nos devia esperar em Duas Passagens.

Ricas pastagens possui esta fazenda e condições notavelmente favoráveis à criação do gado cavalari.

Um fenômeno raro, que teve lugar nesta comarca, e que convém não deixar de ser mencionado, foi o seguinte: uma mula teve crias de um cavalo, em três anos consecutivos.

Esta mula, com 2 crias, e em vésperas de dar à luz uma terceira, foi vendida a um negociante do litoral da Bahia.

Aí, porém, o gado vacum é miúdo, o que demonstra não ser essa região tão propícia ao seu desenvolvimento, como o é ao do cavalari.

Os tropeiros, satisfeitos e ansiosos, desejavam chegar; e, à tarde, continuamos nosso itinerário, em rumo de noroeste. A estrada, no tempo

---

<sup>4</sup> V. *Jornal do Comércio*, de 1º de outubro de 1892.



das águas, torna-se bastante inundada, aparecendo bandos de aves aquáticas: mas, na época da seca, as águas desaparecem da superfície do solo, sendo encontradas em lençóis subterrâneos. Os poços artesianos poderiam aqui dar excelente resultado.

Por ocasião da terrível seca de 98 e 99, que tão profundamente assolou os Estados da Bahia e Piauí, na região habitualmente inundada no tempo das águas, só se encontrava este líquido perfurando-se o solo, fazendo-se *cacimbas*, como dizem os sertanejos. Nesta mesma época, os emigrantes, que da Bahia se dirigiam às regiões férteis e não sujeitas à seca, ao sudoeste do Piauí descobriram uma batata, semelhante à inglesa, neste e em outras veredas, que se prolongam até a serra que divide os dois Estados.

Esta batata, denominada batata de vaqueiro, tornou-se um alimento providencial e precioso para os pobres famintos, naquele tempo cruel de miséria.

Os habitantes desta região, como os das regiões do sertão, são fortes e perseverantes, labutando na indústria pastoril e pequena lavoura, que lhes fornecem o necessário à subsistência.

As veredas vão-se tornando estreitas e ficando muito alcantilados os espigões ou contrafortes que as formam e as dividem, à proporção que se aproximam da Serra Grande, que separa os dois Estados. Esta serra, até certo ponto, pode ser comparada à imensa coluna vertebral de quadrúpede, em que os alcantilados contrafortes representariam o papel de costelas e as veredas ou vales o de espaços intercostais.

A flora dos elevados e secos espigões compõe-se de catinga-de-porco, cuja flor amarela e aromática, depois de seca, fornece um chá saborosíssimo, conhecido pelo nome de *maravilha do sertão*, e imburana-de-cheiro, cuja semente aromática, torrada e moída, é empregada com vantagem contra os acessos asmáticos e mordeduras de cobras, assim ramo a tintura extraída das mesmas sementes.

Estas, quando torradas, são ainda empregadas para aromatizar o rapé ou simonte, de que usam os sertanejos.

A madeira da árvore é muito estimada para trabalhos de marcenaria; a barriguda-embiruçu, que fornece uma paina sedosa para colchões e travesseiros, tirando-se da casca da árvore um extrato empregado pejos sertanejos na redução de hérnias; a jurema e outras.

A flora das veredas ou vales, diferente da primeira, consta de buritizeiros, muricizeiros, jenipapeiros, sambaibeiras, jatobazeiros, pereira, pau-d'arco e outras, geralmente muito úteis, não só pelos saborosos e nutrientes frutos, como pelos agentes medicinais que fornecem.

Ao cair da noite, depois de subirmos uma lomba, descemos a Sapé, onde existem muitas mangueiras e laranjeiras, em diversos lugares da vereda.

Na morada mais próxima à Serra Grande, pernoitamos e, pela manhã do dia 23, partimos, seguidos de um estafeta do correio, que ali nos alcançou, em viagem para Paranaguá.

Na subida da serra, seguiu o estafeta pela estrada à direita, que vai ter a Riacho Fresco, no Piauí, onde residiu por muitos anos o tenente-coronel José Francisco Nogueira, que foi quem introduziu o primeiro casal de jumentos e a primeira mangueira no sul do Piauí.

A seguinte narração liga-se a este fato: quando o casal de jumentos chegou à fazenda, o tenente-coronel Nogueira reuniu seus vizinhos, caboclos, e, mostrando-lhes os animais, fez-lhes ver que não deviam mais caçar o tapir, à noite, nos arredores da fazenda, a fim de, por engano, não matarem algum dos jumentos.

Todos prometeram cumprir a ordem. Mas, por uma bela noite de luar, dois caboclos, amigos e bons caçadores, resolveram matar uma anta e se dirigiram para a espera, distante, onde sabiam ser infalível o aparecimento do animal. Logo que tomaram lugar na espera, uma anta surgiu. Atiraram imediatamente e o animal caiu morto. Mas, no mesmo instante, recordando-se eles da recomendação que havia recebido, ficaram possuídos de tal temor de terem matado algum dos jumentos, que puxaram o animal, certos de ser um deles e, atirando-o numa gruta, cobriram-no, seguindo logo o rumo de casa.

Ao amanhecer, muito desconfiados, foram à fazenda, convictos de que faltava um dos jumentos. Qual não foi, porém, o espanto e a alegria dos sertanejos, ao depararem com o proprietário tratando de seus preciosos animais. Refeitos do susto, contaram o que lhes havia acontecido, no que o bom do fazendeiro achou graça, mandando que fossem desenterrar e trouxessem à sua presença a anta, que lhes havia feito passar tão aborrecidos momentos.

Ao chegar a anta, depois de o tenente-coronel Nogueira admoestá-los a que não mais facilitassem, forneceu-lhes *sal do mar*, para que bem aproveitassem a sua caça e disse-lhes que não matassem mais anta ali.

Voltando à nossa viagem, do lugar em que nos separamos do estafeta, seguimos vale acima; e, transpondo, uma serra de suave declive, atingimos a linha de divisão das águas, cuja altitude é de 760 metros, acima do nível do mar.

Uma vasta campina, de terreno argiloso e duro, com poucas árvores bem desenvolvidas, foi o que observamos em nosso horizonte. Dentre as árvores mais copadas, é digna de referência uma umbrosa sucupira, bela árvore ornamental de flores roxas, que cresce à margem da estrada e no tronco da qual se encontram gravadas muitas iniciais e nomes.

Os frutos desta árvore passam como miraculosos e são de notável eficácia contra as cólicas e reumatismo. Contra as cólicas empregam a semente torrada e moída, para ser ingerida com água; e no reumatismo dividem uma semente em duas ou quatro partes, para meia garrafa de aguardente e, depois de dois dias de maceração, passam a usar meio cálice da bebida assim preparada, na ocasião do almoço e do jantar. O efeito benéfico se manifesta em pouco tempo.

Outras árvores vão sendo notadas, quer pela beleza de suas folhas, quer pelas propriedades medicinais de que gozam.

Neste número, estão as faveiras-de-anta, com as suas flores de cores variadas e em forma de bolas flocadas, cujo perfume é tão ativo que aborrece. É uma bela árvore de ornamentação, que dá boa sombra e cuja casca é, em pequena dose, muito empregada contra as febres palustres. E a catuaba, árvore cujas propriedades afrodisíacas são geralmente conhecidas e preconizadas.

Ao aproximarmo-nos da aba da serra, do lado do oeste, avistamos uma região imensa, ondulada de colinas, montes e campos virentes, circundada por uma serra em forma de ferradura, de concavidade voltada para o norte, a estender-se indefinidamente.

É o Piauí que surge e a nossa alma, a contemplá-lo, expande-se em íntimo júbilo<sup>5</sup>.

---

5 Antes de Domingos Afonso empreender a conquista do Piauí, já tinha sido este visitado, em sua região setentrional, desde 1614, por missionários e Elias Herkmen, agente do conde Maurício Nassau. O Piauí limita-se ao norte com o Atlântico; ao oeste, com o Maranhão; ao sul, com os Estados de Goiás e Bahia; e a leste, com os Estados da Bahia, Pernambuco e Ceará.

Ao descermos a serra, avistamos a fazenda de Brejo, outrora cheia de mananciais, quando ali se estabeleceu o nosso tataravô, o coronel José da Cunha Lustosa, natural de Santos, em São Paulo; mas hoje tão seca, que só encontra água em um pequeno açude. E, nas secas prolongadas, como as de 1898 e 1899, as águas desapareceram completamente, obrigando os moradores a procurar refúgio em regiões mais felizes.

Sendo esta fazenda uma estação forçada, por causa da proximidade da serra que limita o Piauí com a Bahia, o governo já deveria ter tomado a iniciativa de construir uma grande represa neste lugar, logradouro público forçado, a fim de evitar a interrupção do trânsito na época das grandes secas, como, infelizmente, está acontecendo.

A região, em que acabamos de entrar, tanto tem de atraente nas estações chuvosas, quanto de detestável durante o flagelo das secas.

Muitas árvores de construção, notáveis pela resistência, como a aroeira, encontram-nos baixões; e, na encosta da serra, a mangabeira, a pucínea, que, além do saboroso fruto, fornece o leite com que se prepara borracha de qualidade quase igual à obtida com o leite da maniçoba, que viceja caatingas que dali se estendem para o norte.

Depois de animada palestra, os atuais fazendeiros, nossos parentes e amigos, ofereceram-nos magníficas jabuticabas, enquanto esperávamos mais nutrientes refeição.

Finda esta, seguimos para Mocambo, berço do marquês de Paranaguá<sup>6</sup>, dos barões de Paraim e Santa Filomena, e aí descansamos.

Na velha fazenda, onde, por toda parte, se encontrava vestígio de sua passada prosperidade, agora tudo denunciava dolorosa decadência. Os próprios moradores conservam na fisionomia uma indefinível melancolia.

O pomar, outrora tão bem cuidado, estava em completo abandono, já havendo morrido as parreiras, que ali vicejaram, e também mui-

---

6 Este notável estadista nasceu a 21.8.1821. Exerceu a magistratura, presidiu diversas províncias e entrou em várias organizações ministeriais, tendo ocupado a pasta da Fazenda, com a presidência do Conselho. Sempre moderado e extremamente justo, o seu procedimento político é digno de imitação.

tas árvores frutíferas. O velho açude, tendo sofrido um pequeno rombo, conservava pouca água e esta mesma coberta de impurezas e vegetais em decomposição. A casa da fazenda, com as viçosas e copadas árvores, que tanto encantavam a quem ali chegava, parecia presentemente de uma tristeza desoladora!

Fomos, finalmente, à igreja, visitar os túmulos de pessoas da nossa família, como fossem o da baronesa de Paraim (Inácia Nogueira) e do seu consorte, barão de Paraim, e do tenente-coronel José Francisco Nogueira.

Estes parentes, que haviam feito daquela célula do Estado um centro de conforto e paradisíaca felicidade, deixaram, desgraçadamente, para a família e para quantos os conheceram um vácuo impreenchível.

Depois de levantarmos ao Altíssimo fervorosas preces em benefício daquelas almas generosas e benfazejas, deixamos essa residência, tão feliz em outros tempos e agora em ruína, triste e desoladora!

Na estrada, que de Mocambo vai à vila de Paranaguá, com 10 léguas até a lagoa deste nome, não se encontra uma gota d'água, por ocasião das secas.

Em lugar da estrada que acabamos de mencionar e se dirige para noroeste, seguimos a que toma rumo de sudoeste, em direção à vila de Corrente.

Uma légua a oeste de Mocambo está o sítio denominado Lagoa Nova, onde aparecem lagoas e várzeas entre as caatingas, com excelentes forragens.

No tempo das águas, estas lagoas ficam juncadas de aves aquáticas, não se sabendo o que mais admirar, se a quantidade ou a variedade. Desde o minúsculo mergulhão paturi até o pato selvagem e o jaburu, todos ali são encontrados. As garças, marrecos e colheireiras, com suas cores vistosas, dão àquelas paragens ares festivos.

Que contraste inconcebível, com o que se observa depois, no tempo da seca! Onde vimos lagoas habitadas por milhares de aves aquáticas, riquíssimas forragens crescendo nas várzeas e as caatingas virentes confundirem-se com os capões e com as matas, logo que chega a estação seca as gramíneas e leguminosas fenecem, as folhas das árvores tornam-se

amarelas e caem, as lagoas secam e as aves fogem! E quando também seca o pequeno açude, produto da previdência e supremo esforço do sertanejo isolado, medonha, horrorosa mesmo é a situação do pobre trabalhador sertanejo, em meio desta natureza devastada.

A retirada do gado, magro e sedento, deve ser feita imediatamente. Impossível é fazê-la de um modo completo.

O gado que não for retirado para lugares em que haja água morrerá de sede; e o que, faminto e sedento, beber demais, também dificilmente escapará. É necessária muita vigilância por parte do criador, a fim de evitar os casos extremos, em tão tristes emergências.

Por ocasião da grande seca de 1898 e 1899, a que já nos referimos, a lagoa, que dá o nome à fazenda e é alimentada pelas águas pluviais, a ela conduzidas por um canal ou, antes, rego, de cerca de 1.500 metros de extensão, sobre uma profundidade máxima de 12 metros, ficou completamente seca. O mesmo aconteceu com o açude aí existente. Em direção ao sul, só se encontrava água a distâncias inatingíveis com um só dia de viagem; e, em direção ao nordeste, a falta d'água é tão grande, que ainda hoje não é conhecida esta região! Tão considerável zona de terreno, onde se encontram extensos baixões, cobertos de frondosos arvoredos, ficou reduzida a medonho deserto!

Deixando Lagoa Nova, atravessamos caatingas, capões e baixões, de terreno humano, chegamos ao terreno pedregoso onde está a fazenda Morros.

Tanto tem esta fazenda de aprazível, no tempo das águas, quanto de detestável, na época das secas. Situada a 540 metros acima do nível do mar, na encosta de uma colina, é muito salubre e excessivamente seca.

Por causa dos morros, cavernas e tocas, ali disseminados por entre as caatingas e matos, é esta fazenda covil predileto das onças e considerada o berço de tão terríveis carnívoros. O prejuízo que causam é incalculável!

O tenente-coronel Felisberto Francisco Nogueira, no século XVIII, manteve um grande caçador nesta fazenda, conhecido pelo nome de *Capitão-dos-Cachorros*, e que deu terrível combate aos carnívoros destruidores. Apesar das constantes perseguições, movidas contra tão nocivos animais, continuam eles prejudicando consideravelmente a criação.

Na seca de 1899, em que os moradores abandonaram seus lares, pela absoluta falta d'água, os jaguares aí se estabeleceram. Confiados na facilidade de obter presa, estes animais faziam grandes viagens em busca do precioso líquido, dali desaparecido, e voltavam ao predileto abrigo.

Dentre os animais que passam meses sem beber e que existem nesta fazenda em grandes proporções, atraindo as onças mencionaremos o mocó, o veado-catingueiro e o garapu.

O caititu e o queixada, conquanto não prescindam de água, passam dias seguidos nas ressequidas caatingas, mitigando a sede com raízes e tubérculos aquosos.

O imbuzeiro, árvore da família das terebintáceas (*spondias tuberosa*), é que fornece os mais suculentos tubérculos. Esta preciosa árvore, de inestimável valor para o sertanejo, deste merecia mais eficaz proteção.

No rigor da mais terrível seca, numa natureza aparentemente morta, ostenta ela folhas intensamente verdes; e os animais, que fogem aos ardentes raios solares, procuram abrigo na aprazível sombra do copado imbuzeiro.

Nada se perde desta árvore providencial! As folhas, flores e frutos são boas forragens para o gado vacum, quando esta espécie está ameaçada de extermínio, pela falta de alimento apropriado, causada pela seca.

As flores, alvas e aromáticas, e também as folhas, verdes e lustrosas, são empregadas em infusão, adoçadas com mel de abelhas ou açúcar, para combater os defluxos e bronquites.

Os frutos são aproveitados, desde muito verdes até completamente maduros. Verdes, são usados como legumes, dando agradável sabor aos ensopados de carne, aumentando-lhes as propriedades nutritivas e facilitando a digestão dos mesmos alimentos. Inchados, são preferidos para o preparo da imbuzada, delicioso manjar feito com a massa do imbu, cozida e misturada com leite, também cozido, e mel de abelhas ou açúcar. Maduros, sendo doces, são de sabor tão delicado, que nada ficam a dever à melhor uva.

Em alguns lugares, prepara-se excelente vinho com o suco do imbu. O doce e a gelatina do imbu são muito apreciados no sertão.

Por ocasião das grandes secas, os famintos, depois de se saciarem nos frutos, fazem no chão ligeiras formas quadriláteras, que revestem com cascas de imbu e nelas espremem o suco do fruto.

Com o calor do sol e a irradiação do terreno, dentro de algumas horas, uma gelatina rósea, translúcida e consistente se acha em cada forma.

Levantam-na, enrolam-na, como se fosse folha de papel, formando rolos cilíndricos, que são amarrados, para maior facilidade de transporte.

A gelatina, assim obtida, é conhecida pelo nome de *esteira de imbu*, e resiste, sempre em boas condições, por tempo indefinido.

E, por si, um bom alimento, e ainda presta-se para o fabrico de doces e imbuzadas.

Os tubérculos do imbuzeiro, doces e aquosos, são encontrados nas raízes da árvore e avidamente procurados pelos famintos, que com eles saciam a fome e mitigam a sede.

O sertanejo está tão prático na aquisição dos tubérculos ou *batatas de imbu*, como eles as chamam, que, chegando debaixo de uma árvore, conseguem saber onde se encontram as túberas pelas modificações de sons causados pelos batidos dos pés, ou olho de uma enxada, no terreno por onde o imbuzeiro estende suas raízes.

As batatas novas são muito mais doces e apetecíveis do que as velhas; já temos tido ocasião de saboreá-las com prazer.

Tão preciosa árvore é aqui encontrada, não só nos arredores das casas como pelas caatingas, mais além.

O vaqueiro Roberto, preto bem constituído e notável matador de onça, chegou logo depois de nós, oferecendo-nos excelentes imbus que trazia. Referiu-nos as suas caçadas e os seus esforços no perseguir as onças, fazendo ao mesmo tempo notar que o seu vizinho Chico da Lagoa Nova não era homem para essas caçadas.

Apresentando-nos algumas peles de onça, disse:

– Estas comeram muito gado; e eu, por uma que matava, só tinha uma boa vaca. Meu amo deveria dar-me mais uma gratificação.

O seu pedido foi imediatamente atendido; e, hoje, existem diversos prêmios, conforme o número de onças que o vaqueiro mata, estabelecidos por nós.

O gado desta fazenda é bom, porém, pouco; provavelmente, porque as secas e as onças não deixam a criação prosperar. As vacas, na



média, dão dois litros de leite, mas se encontra uma ou outra que fornece até seis litros.

À tarde partimos, seguindo a direção de oeste, sempre acompanhando a vereda de Mocambo, que serve de limite entre o município de Corrente, ao sul, e o de Paranaguá, ao norte, desde a serra que divide o Piauí da Bahia, até sua foz, na margem direita do rio Paraim, na Fazenda de Cima.

Ao atravessarmos a vereda (riacho seco), passando de um para o outro lado, o Roberto, que nos acompanhava, aproximando o animal, que cavalgava, de um jatobazeiro, disse:

– Esta vereda tanto tem de comprida quanto de soberba. O ano passado, em abril, a cheia foi tão grande que a água chegou acolá, em cima, naquela marca (e indicou com o cabo do chicote, erguendo-se nos estribos, o sinal no tronco da árvore). E em outubro, no rego da vereda não se encontrava um só pingo d’água! Nos açudes de Caraíbas, Roça Velha e Morros, também nada! No de Lagoa Nova e Mocambo, só se via laminha! Não sei mesmo como tudo não se acabou! Em União e Fazenda de Cima, morria tanto gado que o ar estava empestado! Felizmente caiu uma chuva copiosa, que tudo reanimou. Gado, meu senhor, é um bicho abençoado: pode estar deitado para morrer. Levando chuva no lombo, cria coragem, levanta-se, vai-se embora e não morre!

Assim conversando e andando, chegamos a Caraíbas, légua e meia a oeste de Morros, onde os vaqueiros nos ofereceram excelente qualhada e mel de abelhas, claro e saboroso.

As vacas deste sítio são mais leiteiras que as de Lagoa Nova e de Morros, por causa das forragens que são melhores.

Dentre as boas forragens, sem incluímos as gramíneas, de que o *mimoso* ocupa o primeiro e incontestável lugar, citaremos uma leguminosa, notável pela sua rusticidade e riqueza nutritiva, e que pode substituir a alfafa, com muita vantagem: é a planta conhecida pelo nome de *matapasto-cabeludo*, que atinge até três metros de altura, podendo fornecer diversos cortes durante o ano.

Esta planta, seca, é totalmente devorada pelo gado, principalmente o vacum e o cavalar.

Os vaqueiros têm tanta confiança no valor nutritivo desta forragem que dizem: “No ano de matapasto-cabeludo não há prejuízo.”

Seguimos de Caraíbas para Fazenda de Cima, a légua e meia daquela, e onde, pela primeira vez, depois de penetrarmos no Piauí, vamos encontrar uma vertente, o rio Paraim, que atravessa a comarca de sul a norte.

Nesta fazenda, onde pernoitamos, residiu por muitos anos o nosso avô, tenente-coronel Felisberto Francisco Nogueira, primeiro deste nome no Piauí, e chefe de numerosíssima descendência.

Atualmente, as condições de salubridade da Fazenda de Cima têm piorado por tal forma que pode ser equiparada à baixada do Estado do Rio de Janeiro, onde reina o impaludismo de modo aterrador.

O rio Paraim atravessa de sul a norte. Possui ótimas forragens e, por este motivo, é considerada uma das melhores fazendas do sul do Piauí.

Nas grandes secas é extraordinário o acúmulo de gado das fazendas limítrofes no perímetro desta, ocasionando mortandade espantosa! O prejuízo sofrido, por ocasião das secas de 1860 e 1899, excedeu de muito a 70%, podendo ser calculado, com maior aproximação da verdade, em 80%!

A mortandade é determinada pelo desaparecimento das aguadas, nas fazendas limítrofes, e aglomeração de uma extraordinária quantidade de animais, numa pequena área de terreno em quê, existindo água, desaparece a pastagem!<sup>7</sup>

Na memorável seca de 1899, o próprio rio Paraim secou, desde sua foz, na Lagoa de Paranaguá, até Niterói, cerca de 10 léguas!

Nos tempos normais, a criação prospera admiravelmente, máxime na margem esquerda do rio, onde existem vastos prados de *mimoso*, a forragem por excelência.

Grandes rebanhos de ovelhas e cabras ali crescem, sem muito trabalho para o criador.

---

7 Seria da maior conveniência a introdução da decantada pastagem da ilha de Sandwich, a *alaninia*, que conserva bem os animais, mesmo privados de beber.

Uma raça de cabras, digna de menção, é a de quatro peitos, notável não só pelo tamanho como pela grande quantidade de leite que fornece. Obtivemos esta admirável raça pela seleção.

A criação de cabras é feita em grande escala no Piauí, principalmente nas fazendas secas.

É não só importante fonte de renda, como útil pela resistência de que é dotado este animal, que pode passar muitos meses sem beber água, apresentando-se sempre nédio, além de fornecer abundante leite.

No dia 24, seguimos com alguns amigos para Retiro, atravessando lindíssimos prados em que pasciam centenaes de cabeças de gado, vacum e cavalar.

Em Retiro, três léguas a oeste da Fazenda de Cima, descansamos em companhia de alguns parentes e amigos.

À tarde, juntamente com o major Modesto Nogueira e seu digno irmão Alexandre Nogueira, seguimos em rumo sudoeste, atravessando várzeas e caatingas, até que chegamos ao alto de Tabuleirinho, onde a vegetação muda rapidamente.

Entrávamos, pouco depois, no terreno da Fazenda da Cruz e, uma hora mais tarde, no velho solar dos Nogueiras, onde tantas gerações de uma família se têm sucedido.

Lançando um olhar para as montanhas que se erguem ao noroeste e contemplando em seguida os velhos arvoredos enfileirados diante da casa, alguns deles, talvez, ainda plantados por nossos bisavós, uma intensa saudade dos nossos progenitores apoderou-se de nossa alma!

A fim de ouvirem a *missa do galo*, o tenente-coronel Josué Nogueira e família já haviam seguido para a vila. A velha Romana, fazendo as honras da casa, pediu-nos que esperássemos enquanto nos servia o café.

Entramos numa saleta, onde observamos antigos objetos que haviam pertencido ao tenente-coronel Felisberto Francisco Nogueira, o bandeirante, que, por ordem do governo, repeliu os índios Pimenteiros, Xerentes e outros do sul do Piauí, conseguindo, com sua gente,

penetrar pela primeira vez no sul do Maranhão e nordeste de Goiás, até a maravilhosa cachoeira da Fumaça, região que por muitos anos esteve sob a jurisdição do Piauí<sup>8</sup>.

Desta fazenda partiu, sob a direção do coronel José Martins, o capitão José Francisco Nogueira Paranaguá, para combater os balaaios; e foi um piquete, sob seu comando, que destróçou os rebeldes. Esta ação teve lugar na cabeceira do Baixão do Pequijeiro, vertente do rio Gurgueia, entre os Estados do Piauí, Bahia e Goiás.

Quanta reminiscência nos despertava o velho lar em que havíamos nascido e onde muitas gerações de uma mesma família se têm sucedido.

Percorrendo a antiga habitação, o coração se nos confrangia com tantas recordações saudosas! A casa de morada se conserva a mesma; mas a de *rancharia*, a das oficinas e outras têm sofrido alguma alteração.

O redil das cabras, o aprisco das ovelhas e os currais de pau-a-pique, para o gado graúdo, conservam-se nos seus lugares, desafiando a resistente aroeira a destruidora ação do tempo.

Convidados para tomar café, encontramos doces, queijos, requeijões, de que nos servimos à discrição.

Despedimo-nos da hospitaleira Romana, continuando nosso itinerário.

Tomando a direção do sul, deixamos o velho lar, sempre bem conservado; atravessamos uma velha chácara na vazante do riacho, onde cresciam laranjeiras, limeiras, jaqueiras e mangueiras altíssimas.

Cortando o riacho, a cuja margem esquerda fica o pomar, subimos uma pequena chapada e, logo em seguida, avistamos uma lindíssima floresta, composta quase que exclusivamente de uma espécie de árvore esguia e copada, conhecida pelo nome de *cagaiteira*.

Os ramos das elevadas copas entrelaçam-se, ao passo que, sob essa verdejante cúpula, se anda a cavalo, sem que se consiga alcançar, com o braço erguido, senão um ou outro ramo mais baixo.

---

8 E desta formidável e arrebatadora cachoeira, uma das mais notáveis e belas do Brasil, que deverá partir a estrada de ferro que, atravessando os Estados de Goiás, Maranhão, Piauí e Bahia, estabelecerá comunicação entre as bacias dos rios Amazonas e São Francisco.

Quando em florescência, as néveas e delicadas flores encantam a vista e deleitam o olfato, com inebriante perfume.

Esta mata, cuidadosamente tratada pela natureza, é bastante extensa e o seu terreno está alcatifado de gramíneas e arbustos em flor.

Esta árvore, pertencente à família das mirtáceas, dá um fruto muito semelhante ao abricó europeu, ora totalmente amarelo, ora violáceo ou vermelho, quando maduro. Tem sabor agradável, mas um tanto enjoativo. Serve para o fabrico de doces e de uma boa aguardente. É mais provável que forneça bom vinho, pois seu suco tem muito de análogo ao da uva.

Durante as chuvas, havendo por conseguinte abundantes forragens, esses frutos são vorazmente devorados pelo gado, tornando-se um bom estimulante para as vacas leiteiras; mas, não havendo pastagens verdes, são prejudiciais ao gado e provocam aborto nas vacas, o que determina sensível prejuízo. As raízes desta mirtácea são empregadas como sucedâneo da ipeca, pois produzem forte ação vomitiva.

Possuindo notável beleza e gozando de tais propriedades, parece-nos ser esta árvore digna de estudos sérios e convenientes.

Ao chegarmos a Alto da Boa Vista, gozamos de um admirável horizonte visual: colinas, montes e serras erguiam-se, aqui e além, a perderem-se no infinito!

Descendo morros, atravessando riachos e subindo montes, chegamos à fazenda Milagres, do amável e dedicado tenente-coronel Francisco Carvalho de Araújo, légua e meia distante de Cruz.

Sabendo aí que toda a sua família já tinha seguido para a vila, para lá também nos dirigimos, levando a grata esperança de em breve abraçarmos os caros parentes e afetuosos amigos que ali se achavam reunidos.

Cerca das 8 horas da noite, galgávamos o cimo do morro de Corrente, de onde avistávamos as pequenas luzes do povoado e seus reflexos luminosos, espelhando-se na superfície das águas do rio.

Um pouco mais tarde, apeávamos na vila, que estava em festa, causando nossa chegada grande regozijo.

Como é agradável rever a terra amiga, depois de longa ausência! Descansemos neste ninho ameno e aprazível, onde o clima é tão bom e o povo o mais dileto.

.....

## *Capítulo V*

### EXCURSÃO PELOS MUNICÍPIOS DE CORRENTE E PARANAGUÁ

**N**UMA BELA TARDE DE JANEIRO, saímos da vila em excursão pelas nossas fazendas.

Branquinha foi a primeira a que chegamos. Fomos ao encontro dos campeiros. Com que prazer percorríamos aquelas cochilas e campinas verdejantes! Com satisfação aspirávamos o ar perfumado daqueles campos, misturado ao cheiro peculiar do gado vacum, alegre e sadio, a brincando em escaramuças, na direção do curral!

Aqui, touros a brigar, ali vacas e terneiros a berrar; além, barbações a espadanar, desafiando os melhores cavalos e vaqueiros.

Como é pura, simples e alegre, a vida do fazendeiro do Piauí!

Vendo os vaqueiros correrem tão destemidamente, imitamo-los na primeira ocasião.

Cavalgando um brioso e veloz animal, em poucos segundos fizemos a uma novilha que tinha espirrado experimentar a força do nosso

rebenque. Saltos, quase inimagináveis, conseguimos fazer dar ao altivo *Nobre*, cavalo finíssimo, tão macio na andadura quão veloz na corrida. Logo que chegamos a casa, os campeiros se encarregaram de diferentes serviços. Uns foram tratar do animais; outros, separar as vacas dos bezerros; outros, cuidar dos animais doentes. Mais tarde, todos reunidos, cearam em íntima confabulação, tomando uma xícara do magnífico e popular chá de *campanha*, depois da refeição.

É muito frequente entre os vaqueanos ouvirem-se cantigas interessantes, que chamam *desafios*.

Por vezes cantam versos lindíssimos, uns improvisados na ocasião, outros que trazem na memória. Para dar uma ligeira ideia, citaremos alguns que nos ocorrem no momento:

Lá vai a garça voando,  
Co'as penas que Deus lhe deu:  
Contando pena por pena,  
Mais penas padeço eu.

Também cantam assim:

Lá vai a garça voando,  
C'oas penas que deus lhe deu:  
Tantas penas tem a garça,  
Quantas penas sofro eu.  
Esta noite tive um sonho  
E foi um sonho atrevido,  
Sonhei que estava abraçado  
Com a forma do teu vestido.

Com estes, muitos versos, naturais e expressivos.

No dia seguinte, pela madrugada, todos estavam apostos.

Uns ordenhavam as vacas, separando-as depois para o campo e os bezerros para a manga (cercado); outros cortavam o pêlo da cauda do gado; e, finalmente, laçavam, serravam e ferravam.

No momento em que o vaqueiro tinha de marcar a cria que lhe cabia por sorte, alegre e sorridente, recitando um dos versos da poesia “O vaqueiro”, do desembargador José Manuel de Freitas, de saudosa e veneranda memória, dizia:

“Ai que vida que passa na terra  
Quem o leite das vacas bebeu!  
Quem, cantando num dia de ferra,  
Vê-se dono do gado que é seu!  
Quem um gozo quiser verdadeiro,  
É fazer-se uma vez de vaqueiro”.

Concluído o serviço matutino, os vaqueiros se reúnem para o almoço e logo depois seguem para o campo.

Ao cair da tarde, as vacas e os bezerros, aos berros, se aproximam do curral; e, à proporção que aquelas vão chegando, os encarregados desses serviço vão metendo-as no curral e passando-as para a manga, a encontrarem-se com os filhos.

Às 6 horas da tarde, reúnem as vacas que, tangidas para o curral, são novamente separadas dos bezerros, indo estes para o campo e aquelas para a manga.

Os bezerros, satisfeitos, correm pelos campos e, pela manhã, ordinariamente, se reúnem na porteira do curral.

Os ordenhadores vão metendo para o curral, até o último, bezerros e vacas, à proporção que vão desleitando estas.

Com este processo, o gado torna-se manso e sadio. Os criadores inteligentes e ativos, que assim procedem, tiram resultado da indústria pastoril, aproveitando o leite em requeijões, queijos e manteiga.

Quando vai caindo a noite e as vacas paridas não aparecem, as pessoas encarregadas de tratar delas chamam-na *aboiando*.

O aboio é um som musical. Sonoro e langoroso, gostosamente ouvido pelo gado manso.

Logo que as vacas o ouvem, respondem com seus saudosos berros e se dirigem ao curral.

O piauiense, em geral, tem tanto amor à indústria pastoril, mesmo primitiva, como ainda se acha, que se lhe ouve repetir sempre:



“Quem gado não cria  
Não tem alegria”.

Ou o seguinte verso de José Manuel de Freitas:

“Só no campo se matam saudades,  
Pois no campo sossego se tem;  
Só no campo não tem-se vaidades,  
Só no campo se quer muito bem!  
Essa vida, essa vida é mui bela,  
Vale a pena morrer-se por ela”

Concluídos os trabalhos desta fazenda, fizemos o mesmo em outras e, por último, na denominada Jacaré, a nossa predileta e, em nossa opinião, a melhor do sul do Piauí.

Situada entre o grande lago encantado (lagoa de Paranaguá), que lhe fica ao norte, e uma vasta caatinga, impenetrável em grandes trechos, ao sul, oferecem-nos seus ubérrimos campos, em parte abertos a fogo, as mais ricas e preciosas forragens conhecidas no Piauí.

Dentre elas, mencionaremos as seguintes: mimoso-verdadeiro, mimoso roxo e branco, mimoso-de-caatinga, de jaó, de marreca e de capivara; panasco branco e açu, milhã, vermelhão (muito semelhante ao Jaraguá); marmelada roxa e branca, andrequicé, angola, pé-de-galinha, capim-tinga, graminha, ponta-de-lanceta e agreste, sendo esta gramínea de menor valor das que acabamos de mencionar.

Nos lagos, além das gramíneas conhecidas pelos nomes de capim-d'água, cabeludo e mole, existem outras espécies, sem denominação.

Nos campos, existem também espécies que ainda não são conhecidas por denominação alguma.

Diversas espécies foram ali por nós introduzidas, tais como: jaraguá, gordura-roxo e bromo-argentino – praga terrível que jamais deverá ter sido semeada em terra brasileira.

Dentre as leguminosas, citaremos, em primeiro lugar, o mata-pasto-cabeludo, por julgarmo-lo equiparável, se não superior, à luzerna ou alfafa, a melosa, o feijão-bravo, a fava-de-cavalo e o amendoim são

frragens riquíssimas, comparáveis à camaratuba, que ali viceja abundantemente.

Além dessas, existem muitos arbustos e árvores que produzem boas frragens, como sejam: joaz, surucucu, gameleira, timbó (cujos frutos são riquíssimos em ácido esteárico e óleo); miroró, mutamba, aroeira e outras. Quando estas frragens são destruídas pelos incêndios, acidentais ou proposítas, restam as cactáceas e bromeliáceas, para tais casos extremos.

Temos cultivado frragens, recomendadas como preciosas, em algumas regiões, mas fundados na observação, aconselhamos o mata-pasto-cabeludo, notavelmente rústico, vicejando com admirável vigor, tanto nas várzeas como nos terrenos altos.

Quando seco (melhor seria fenado), o gado cavalari, vacum, caprino e ovino comem-no com verdadeira voracidade. Existem outras frragens, cujos nomes ignoramos, não só em Jacaré e seus retiros, como em outras fazendas.

A fazenda Jacaré tem dois retiros ou amansadouros: Curral Novo, uma légua ao oriente, e Curaçá, uma légua ao ocidente de Jacaré, que é o corpo da fazenda.

Esta fica em frente à vila de Paranaguá, da qual está separada pela lagoa do mesmo nome, que é a maior e a mais linda do Piauí<sup>1</sup>.

No inverno, atinge mais de cinco léguas de comprimento sobre duas de largura.

Tem duas ilhas: a Grande e a do Meio.

As suas águas são vermelhas durante o inverno, mas, não obstante isso, a superfície líquida representa o papel de uma tela espelhante, em cuja superfície se vão refletir todos os matizes da abóbada celeste em suas mais variadas e caprichosas formas, reproduzindo ao mesmo tempo o colorido indescritível de um céu tropical, ora rubro, ora azulado, prateado ou esmeraldino.

As mais das vezes, é tão mansa e tão serena, que não apresenta a mais tênue ruga; outras, porém, é bravia e revolta, como o agitado oceano.

---

1 Uma espécie de nenúfar, que ali existe, fornece uma deliciosa batata que representa, por ocasião das secas, um precioso alimento.

Por vezes, as tempestades são tão fortes e as ondas tão potentes, que lançam à praia grande quantidade de peixe.

Parece incrível o que deixamos dito, mas é fato conhecido de todos os habitantes daquela circunscrição. Se o mesmo não sucede com o peixe do mar, é porque este nasce lutando e habitua-se com as ondas, o que não se dá com os da lagoa, pouco afeitos a essas grandes tempestades.

A ictiologia do Lago Encantado, nome pelo qual também é conhecido, merece estudo atento e descrição minuciosa, que só poderiam ser feitos, com proveito, por naturalistas provectoros.

Dentre as duas principais espécies, de escama e de couro, citaremos alguns dos peixes que ali temos visto.

Entre aqueles, notam-se: a curimatã, a corvina (*sciaema aquila*), a sardinha, o piau (duas espécies), a corcundinha, a piranha, a pirambeba e outros.

Entre as de couro, notam-se: o surubim (três espécies), o bico-de-pato, o mandibé, o mandi, o bagre, o sarapó, a arraia e outros.

O rio Paraim, os açudes e os lagos são abundantes em peixes. Dentre os anfíbios que ali existem, mencionaremos: o sucuri (de todos o mais temível), o jacaré (duas espécies), a lontra e a capivara.

Grande número de aves, de lindas plumagens e mavioso canto, como sejam: inhaúmas, patos-selvagens, marrecas, paturis, craúnas, sericoras, jaçanãs, mergulhões, garças brancas e pardas, colheireiras, jaburus, socós e muitas outras.

Nos campos e matas, adjacentes ao lago, encontram-se desde os mais pequeninos, delicados e mimosos colibris, belíssimos nas formas e indescritíveis nos matizes, até a ema, avestruz americano que, em grandes bandos, percorre os campos, limpando-os dos insetos e das cobras. Se a ornitologia desta fazenda é rica, riquíssima também é a sua fauna, que proporciona as mais atraentes e fortes emoções àqueles que se deleitam com exercícios venatórios.

Quanto à entomologia, encontram-se diversas espécies de abelhas, que fabricam grande quantidade do mais delicado e saboroso mel; mas tem, infelizmente, muitos outros insetos daninhos.

O gado vacum, além de tamanho notável, é de rara beleza, sendo as vacas muito leiteiras.

Em janeiro de 1898, conseguimos introduzir nesta fazenda o primeiro casal de gado zebu, tão apto a resistir aos agentes de destruição.

Os jumentos, de raça andaluza, são de considerável tamanho. O gado cavalariço, melhorado por cuidadosa seleção, durante muitos anos, e, ultimamente (1894), pela introdução de um garanhão puro-sangue inglês, é sem a menor dúvida o mais belo e o melhor que se encontra no Piauí – a terra clássica dos cavalos bons e resistentes, capazes de vencerem mais de 30 léguas em 24 horas!

O gado caprino e bovino é considerado como o melhor do sul do Piauí.

Não só pelas inúmeras riquezas naturais, mas também pelas benfeitorias que temos conseguido realizar na fazenda Jacaré, é ela uma espécie de fazenda-modelo e de considerável valor.

Depois da revista em que demos partilha aos vaqueiros e tomamos nota dos bois destinados à exportação, do gado solteiro e vacas com crias, seguimos para a vila de Paranaguá, passando pela fazenda Pedrinha, onde nos demoramos, admirando as belezas daquela situação.

A casa está edificada num local elevado, próximo ao lago<sup>2</sup>. A imensa massa líquida, que forma a lagoa, abrange um vasto perímetro em que se observam aprazíveis enseadas, graciosas e férteis ilhas e sobranceiros promontórios. E o que se pode dizer – um bonito panorama.

Um grupo de casinhas brancas, entre o lago e a serra, cuja cumieada se confunde com o firmamento, indica o lugar da vila de Paranaguá, a mais antiga do sul do Piauí. Com a impressão daquela belíssima paisagem nos dirigimos ao porto, recamado de seixos reluzentes, de variadas cores, onde encontramos, à nossa disposição, uma piroga amarrada à sombra de um copado jatobazeiro. Na ligeira embarcação, com alguns companheiros, tomamos lugar; e, dentro de alguns minutos, impelida por ótimos remadores, singrava ela o grande e majestoso lago.

A faixa formada pela infinidade de pedrinhas polidas e reluzentes, que dão o nome à fazenda, em pouco tempo desaparecia de nossas vistas, para ser substituída pela orla esmeraldina dos arvoredos distantes.

---

2 Este belíssimo mar de água doce é alimentado pelo rio Paraim e seus afluentes, o rio Fundo e seus tributários, os riachos Frio e de Mimoso e Veredas.

Enquanto viajávamos, tivemos ocasião de ouvir algumas das célebres e interessantes lendas que ali são conhecidas.

Uma delas é a *Lenda da Lagoa de Paranaguá*<sup>3</sup>.

A vila de Paranaguá, por corruptela *Parnaguá* e *Pernaguá*, tira seu nome do lago, que, na língua indígena, significa *pará* (mar) *na* (semelhante) *guá* (redondo).

O lago, *semelhante a um mar redondo*, tem, como vários lugares do sertão, as suas lendas<sup>4</sup>. Reproduzimos uma delas, tal qual nos foi contada por um dos remadores.

“Vivia no lugar Salina, extremidade oriental do povoado e à margem direita do rio Paraim, uma respeitável matrona, mãe de três encantadoras raparigas.

Como era de presumir, os rapazes daqueles sítios requestavam-nas com verdadeiro afã, querendo todos, à porfia, conquistar o coração de alguma delas. A mãe, porém, senhora prática e experimentada, desejava para suas filhas partidos mais vantajosos, do que os que se lhe ofereciam; e assim protelando ia o consentimento necessário ao casamento das moças, quando não podia impedi-lo de todo.

Com passividade e obediência, dignas de elogios, submetiam-se elas ao desejo de sua mãe e, não raro violentando afetos puros e desinteressados, esperavam pela melhor sorte que a ambiciosa senhora lhes vaticinava. Mas, se podemos dominar uma afeição, calma e serena, que nasce suavemente em nosso coração e dele se desapega, deixando uma vaga saudade que o tempo apaga, impossível é destruí-la, quando se nos apresenta sob a forma de indomável paixão, quando se apodera do nosso ser avassalando nossa consciência, com a mesma impetuosidade com que a água invade e domina as ribas arenosas ou verdejantes.

Miridã (flor, na língua de Camões), a mais velha das três irmãs, foi vítima de um destes violentos amores.

3 Veja-se “Lendas e Superstições do Norte do Brasil”, por João Alfredo de Freitas.

4 Uma outra lagoa notável é a da Ibiraba, onde se encontram ilhas flutuantes. Ibiraba fica 6 léguas a noroeste de Paranaguá e também tem as suas lendas.

Jorge, belo e robusto mancebo, varonil e ousado, que tanto atacava as onças na encosta da serra como as antas e lontras nos poços mais profundos do rio Paraim, foi o eleito de sua alma.

A tez morena do mancebo condizia admiravelmente com a basta e negra cabeleira que lhe ornava a fronte, altiva e meiga, a um tempo; os olhos negros, vivos e brilhantes, realçavam naquela fisionomia jovem e bem moldura da, onde uma leve penugem sombreava o lábio rubro e delicado.

Em breve tempo estas duas jovens e ardentes criaturas amavam-se perdidamente, ficando a mãe seriamente contrariada, pois este pretendente ainda não realizava o seu ideal para marido de uma de suas filhas.

Não tardou muito que o rapaz se arriscasse a pedir a mão de Miridã, a sua bem-amada e diletta flor.

Um terrível não foi a resposta que obteve o apaixonado moço.

O que se passou na alma dos dois infelizes que o digam aqueles que têm tragado o fel dos amores contrariados. E eles não achavam outra solução para tão incomensurável tortura senão a morte. Mas a esperança, esta santa e eterna companheira do homem, veio aconselhá-los a confiarem no futuro, de modo que o moço resolveu partir para sua terra natal, contando que a matrona se resolvesse mais tarde a consentir no seu casamento com aquela que se assenhoreara de seu coração.

Na noite da partida, porém, não podendo resolver-se a seguir sem ver uma vez ainda a sua adorada. Miridã, foi, afrontando riscos incalculáveis, dizer um terno e doloroso adeus à sua amada.

Como se adoravam aqueles dois entes!

Que música divina! que hinos celestes entoavam aquelas almas, em vibrações sentidas! que harmonia de beijos, nos lábios apaixonados e sequiosos de amor!

Entregues, enfim, aos impulsos dos seus desejos e dos seus sentimentos, trocaram os mais solenes e sinceros juramentos de amor eterno, e separaram-se, ébrios de ternura, de gozo e de dor.

Miridã voltou a reunir-se às irmãs, que não suspeitaram da sua escapada, mas trazia consigo a indelével mácula da seta de Cupido.

Algum tempo depois, chegou a dolorosa notícia de que Jorge havia perecido, vítima de sua abnegação, quando ajudava a salvar mulheres

e crianças numa casa incendiada pelos índios. A infeliz rapariga viu-se então na mais angustiosa das situações. Não só experimentava uma indizível dor pela morte do escolhido de seu coração, como achava-se irremediavelmente perdida, porquanto sua desonra ia se tornar patente.

Louca de desespero, não querendo que a sociedade viesse a conhecer a sua falta, cheia de vergonha, resolveu sufocar os sentimentos maternos e dar sumiço ao fruto do seu amor. Sem refletir nas consequências de um tão nefando crime, esperou o momento de dar à luz. Nascido o inocente, deitou-o em um tacho e o lançou ao rio, que por ali corria. Deu-se então um horrível cataclismo! Como se a própria natureza se horrorizasse do fato que testemunhara e tivesse um assomo de perigosa cólera, fez com que as águas se espalhassem, como por encanto, e cobrindo a imensa várzea circunjacente, formasse imediatamente um vasto mar de água doce! Na superfície das águas surgiu uma encantadora sereia, que, apoderando-se da criança e aconchegando-a ao seio com maternal carinho, dirigiu estas palavras à atônita e desgraçada mulher: — *Maldita sejas, mãe cruel, que não ousaste afrontar todos os perigos por amor de teu filho!* Depois submergiu-se.

Durante muito tempo, na época aniversária deste acontecimento, as águas se agitavam e um medonho vendaval convulsionava o lago. Ouviam-se, então, às horas mortas da noite, longínquos e dolorosos gemidos, bem como vagidos infantis que partiam do centro da lagoa.

A criança, arrebatada pela sereia, é conhecida pelo nome de *filho-da-mãe-da-água*.

Consideram-no menino, pela manhã; homem, ao meio-dia; e velho, ao anoitecer. Também chamam-no o barbas brancas, porque, dizem, os seus cabelos vêm tremeluzir na superfície das águas, ora dourados pelos últimos raios do sol poente, ora prateados pelos argentinos raios da lua.

A desditosa mãe, de tanto ouvir esses vagidos, que se repetiam anualmente, e perseguida também pelo remorso, perdeu o uso da razão.

Não obstante sua loucura, manifestava sempre entranhado afeto por toda criança que encontrava, sendo inexcedível o carinho e ternura que lhe dispensava.

Uma tarde, afinal, vagando melancolicamente pelas margens da lagoa encantada, julga divisar o tacho onde deitara outrora o seu pobre filhinho.

Um desejo louco, insistente, de vê-lo, de abraçá-lo, impele-a para o meio das águas, e aí ela se lança, soltando, num grito agudo e doloroso, estas únicas palavras: – *Meu filho, meu filho, jamais me separarei de ti!*

Sobre seu corpo, emagrecido pelas torturas de uma tão desgraçada existência, fecharam-se as águas da lagoa.

Nunca mais se ouviram lamentações e vagidos de criança; mas as águas plácidas e serenas, no seu eterno marulhar, guardam o segredo daquilo que se passou no seu íntimo seio,”

Ao terminar esta triste lenda, de que há mais de uma versão, o musculoso remador abicava a nossa piroga no porto da vila, onde já se achavam, à nossa espera, além de outras pessoas, os seguintes cavalheiros: desembargador José Mariano Lustosa do Amaral, de saudosa e veneranda memória; os drs. Raimundo Lustosa Nogueira, Júlio Lustosa do Amaral Nogueira e Georgiano Horácio Gonçalves, então juiz de direito da comarca; coronel A. Vieira de Morgado, major Virgílio Fábio Lustosa, capitão O’Donell de Alencar e outros.

Depois de afetuosas e cordiais saudações nos dirigimos para a casa do desembargador.

Durante os agradáveis dias que passamos na velha vila que, por corruptela, foi chamada *Pernaguá*, *Parnaguá*, mas que, segundo a etimologia da palavra, é *Paranaguá*, tivemos ocasião de ouvir as opiniões de seus munícipes a respeito das mais palpitantes necessidades locais. Apesar do imenso lago que ali víamos, o que mais preocupava a população do município era a falta d’água.

Uns diziam: “Não há campos de criar no Piauí, que se aproximem aos das maravilhosas várzeas de Curimatá<sup>5</sup>; mas de que serve tanta fecundidade, se o trabalho de uma vida é destruído por uma seca?! O governo, que tanto gasta em cousas de luxo, por que não se lembra de vir em nosso auxílio com o indispensável? Se pudéssemos construir bons açudes, que resistissem com água bastante às maiores secas, não haveria lugar superior a este.”

Outros diziam: “A falta d’água é que nos mata. Se ao menos houvesse bons açudes nas estradas que comunicam este município com a vila de

---

5 Foram encontradas nestas várzeas as providenciais batatas-de-veado, que socorreram milhares de pessoas na seca de 1899.



Rio Preto, a cidade de Barra, a vila de Pilão Arcado ou de Remanso, no Estado da Bahia, seríamos mais felizes, porque não se interromperia o trânsito e o prejuízo da criação não seria quase total, como acontece atualmente. Fazendas que têm milhares de cabeças de gado ficam reduzidas a dezenas!”

“Como seríamos felizes se nos dessem água” – diziam outros.

Quanto à riqueza mineralógica do município, informaram-nos encontrar-se abundância de carbonato calcário ao nordeste, e ouro, não só no riacho Latão, a 2 quilômetros da referida vila, como nas cabeceiras do riacho Curimatá, 120 quilômetros dali.

Depois de visitarmos os principais edifícios da vila, dentre os quais salienta-se a bela igreja-matriz, na qual está sepultado o benemérito e venerado padre Augusto Francisco Nogueira, que tão dignamente ocupou o lugar de vigário-geral do Piauí, depois de exercer a nobilíssima missão de exemplar chefe de família.

Percorrendo grande parte da região oriental dos municípios de Paranaguá e Corrente, onde a falta d’água é tão considerável, voltamos à vila de Corrente.

Apesar de não haver uma vertente com água, desde a ponta da lagoa da vila de Paranaguá até o sudoeste do município de Corrente, muitas fazendas existem ao lado de pequenos açudes. Estas fazendas, ou melhor amansadouros, são abandonadas com a seca, sendo a criação retirada para lugares distantes, por vezes para outros Estados.

Somente o rebanho de cabras é conservado na fazenda, porque não necessita de água para prosperar, continuando a fornecer abundante leite e carne, gorda e saborosa.

O vaqueiro, que teima em ficar no seu amansadouro, cava o solo e, de uma profunda cacimba, consegue retirar uma pequena porção d’água, indispensável ao seu consumo; e, para que animal algum participe do precioso líquido, cobre a cacimba com tábua ou alguma laje, de modo que nem mesmo as abelhas podem aí saciar a sede<sup>6</sup>.

---

6 Este problema será resolvido com a construção de poços, como têm feito os americanos do norte nas regiões flageladas pelas secas. Esperamos que o governo atual empregue os meios de resolvê-lo. Na seca de 1898, em toda esta zona, extinguiram-se os maribondos.

O perseverante e resignado sertanejo ali fica à espera que voltem as chuvas, nem sempre constantes, vendo prosperar o seu rebanho de cabras, que, sem beber durante meses, lhe fornece excelente carne e abundante leite.

Deixando esta região árida, mas onde se encontra um povo sadio, forte, amável e hospitaleiro, nos aproximamos da região do município de Corrente, cujos limites são: ao N., o município de Paranaguá; a L., o Estado da Bahia; ao S., os Estados da Bahia e Goiás; ao O., o município de Santo Antônio de Gilbués.

Atravessando a região meridional do município de Corrente, de leste a oeste encontram-se diversas vertentes, como sejam Palmeira, Paraim, Corrente, Santa Marta e Gurgueia, que nos produziram agradávelíssima impressão, quando tivemos ocasião de vê-las.

Observamos, em diversas moradas, roças bem cultivadas, onde a cana, o algodão, o milho, o arroz e a mandioca vicejavam vigorosamente.

Ao chegarmos à fazenda Cachoeira, residência do coronel Benjamim José Nogueira, perto da vila de Corrente, admiramos os belos e viçosos coqueiros da Bahia, que cresciam à frente de sua casa. Aí tivemos também ocasião de ver o gado turino introduzido no sul do Piauí por aquele adiantado fazendeiro, sempre colocado na vanguarda do progresso daquela terra.

Com o ilustre piauiense e outros parentes e patrícios, como o coronel Numa P. Lustosa Nogueira, de saudosa memória, identificado conosco na resolução dos grandes problemas sociais e políticos por que tem passado a nossa cara pátria, nestas últimas décadas, nos dirigimos à vila de Corrente.

Durante a viagem, recordamo-nos, com satisfação, da nossa propaganda abolicionista, para a qual o romance de Mrs. W. B. Stowe, “A Cabana do Pai Tomás”, exerceu tão benéfica e valiosa influência; do desespero em que ficaram os escravocratas com o projeto que apresentamos à Assembleia Provincial do Piauí, na legislatura de 1884 a 1885, criando um imposto de 50\$000, sobre cada escravizado, em benefício do fundo de emancipação provincial; das lutas pela proclamação da República; e, finalmente, da árdua missão que naquele momento preocupava o coronel

Benjamim J. Nogueira, como explicador dos Santos Evangelhos e fundador de um colégio, que facilitasse a instrução no centro do Brasil.<sup>7</sup>

Nesse momento a vila surgiu a nossos olhos, alegre, festiva, esperançosa e confiante no amor e dedicação de seus filhos, como a noiva afetuosa e meiga confia o futuro ao escolhido do seu coração.

Para as bandas do sul, os morros Redondo e do Papagaio erguem-se altivos, como sentinelas vigilantes; as serras Pedra Furada ou Itioca<sup>8</sup>, do Cercado e Gurgueia, levantam-se a O.; ao N., avistam-se, aqui, modestas e risonhas colinas e, além, montanhas altivas, como a de Taboca e Corredeira, cujos píncaros tocam as nuvens.

Estávamos na vila de Corrente, situada à margem esquerda do rio que lhe dá o nome e a mais meridional do Piauí.

O benemérito cidadão Manuel José Paz, natural de Portugal, comprou a fazenda de Corrente, onde se acha situada a vila, pela quantia de 8.600 cruzados.

A escritura de compra declara que a fazenda constava de légua e meia de sesmaria (cinco léguas em quadra), 1.300 cabeças de gado vacum, 30 cavalos e 11 escravos de fábrica.

Em frente ao sobrado de Manuel Paz existia sua capela particular, restaurada pelos seus descendentes, até que, em 1890, ficou concluída a igreja matriz, mandada construir pela Exa. Sra. D. Inácia Nogueira (baronesa de Paraim).

\*\*\*

---

7 No dia 10 de janeiro de 1904 teve lugar a inauguração, com extraordinária concorrência, no templo levantado a Jesus Cristo, na vila de Corrente, por iniciativa do coronel Benjamim José Nogueira. Nesse mesmo dia deu-se a instalação do Colégio Correntino Piauiense, sob a direção de Misse Julieta Barlow, que encaminha as crianças de 4 a 10 anos de idade no jardim da infância. Misse Barlow é também professora de inglês. Os outros professores são: Antônio Nogueira de Carvalho, de português elementar; José Francisco Nogueira Paranaguá, de português superior e geografia; o coronel Joaquim Nogueira, de francês, aritmética e álgebra. Depois da inauguração do colégio seguiu-se a da Biblioteca Correntina, tendo sido proferidos diversos discursos durante esta solenidade, sendo os oradores muito aplaudidos.

8 Muitas figuras de animais, provavelmente feitas pelos índios, são encontradas nesta serra, onde, em certa época do ano, vê-se um globo luminoso em movimento.

A vila de Corrente<sup>9</sup> é dividida em dois bairros por um córrego, atravessado por uma ponte de madeira, mandada construir pelo presidente da Câmara Municipal de 1878, Josué José Nogueira, presidente do primeiro clube republicano fundado naquele município.

A população da vila é pouco superior a 1.000 habitantes, sendo a população da comarca calculada em 16.000 habitantes. Possui duas linhas de correio, uma para a Bahia e outra para Teresina.

No dia 26 de junho de 1890, teve lugar a publicação da resolução n° 3, que criava aquela comarca.

Das comarcas do Piauí é a que oferece maior variedade na constituição geológica, sintetizando o que se observa em quase todo o Estado.

Podemos considerar dividida em três regiões distintas, que são:

A zona de L., compreendida entre Riachão, rio Paraim e a serra que separa o Piauí da Bahia. Tanto tem de ótima para a criação de gado, quanto de seca, pois é raríssima a aguada natural que nessa vasta região se encontra.

Quando os pequenos açudes ficam sem água, o que sempre acontece nas secas prolongadas, o prejuízo na criação é quase total.

A zona do N., ora coberta de matas atravessadas de ribeirões arenosos, que só dão água de cacimba, nas grandes secas, ora plantada de admiráveis campos ligeiramente ondulados, onde crescem gordas forragens, com rara, frondosa e copada árvore, de distância em distância, vendo-se ao mesmo tempo uma ou outra Serra, de onde surgem alguns filetes de água cristalina.

As zonas de S. e O., que são as mais irrigadas e, por consequente, as mais favorecidas pela natureza. É para as cabeceiras ou vertentes dos ribeirões Palmeira, Pindaíbas, Paraim, Corrente, Santa Maria e Gurgueia, que afluem o gado e a população da região de leste, nas ocasiões das grandes calamidades, quando se evaporam as últimas gotas d'água dos açudes.

Nestas duas últimas regiões existem elevadas serras, contrafortes da serra da Mangabeira, ou Jalapão, que separa o Piauí da Bahia e Goiás\*.

---

9 Foi o major J. D. Nogueira quem fez doação de meia légua de terra para patrimônio da povoação, a qual foi elevada a freguesia e vila por iniciativa do comendador J. F. Nogueira Paranaguá.

\* Hoje, Tocantins (n. rev.).

Abundantes e cristalinas vertentes irrigam os municípios do sul do Piauí, que ficam a oeste do município de Corrente, como sejam os municípios de Gilbués e Filomena, em toda sua extensão.

O clima de Corrente, bem como o de Gilbués e Filomena, são os mais amenos, temperados e salubres do Piauí; são também os municípios do Estado que ficam mais ao sul do Equador e que apresentam altitudes mais consideráveis.

Os minerais existentes em Corrente são ferro, concentrado em diversos lugares, principalmente nos morros que ficam nas proximidades da vila; e ouro, achado no próprio lugar onde a vila se acha<sup>10</sup>.

Tivemos ocasião de ver um anel, preparado pelo ourives Silvestre da Rocha Medrado, com ouro tirado de uma pequena baixa, que se encontra atrás da igreja matriz de Corrente.

Nas fazendas de Pedra Furada, Corredeiras, Borrachudo e Taboquinha, dizem existir esse precioso metal.

Pedras calcárias existem nos arredores da vila, quer nas colinas de Branquinha, quer junto dos morros que se lhe encontram a sudeste.

Na fazenda Branquinha existe uma fonte magnésiana, e nas fazendas Cercado, Corrente e Canabrava encontram-se fontes férreas.

O sulfato de alumínio e o clorureto de sódio são explorados com algum proveito e também são conhecidas algumas salitradas.

A flora do município é riquíssima.

Em madeiras de construção e marcenaria, possui todas as que se encontram no Estado, com exceção do bacurizeiro e guabiroba, que só vicejam sem cultivo ao norte e pouco mais.

Dentre as inúmeras plantas medicinais, lembraremos as seguintes: quina, ipeca, cagaita, angico, jucá, mutamba, aroeira, sambaíba, sicutupira, carobinha, caraíba, cajurubeba, velame, jalapa, batata-de-purga, taiuíá e muitas outras, que seria fastidioso enumerar.

Para melhor ideia se formar da pomologia piauiense, mencionaremos alguns dos frutos silvestres que são encontrados na comarca de Corrente.

---

10 Piauí, se bem que riquíssimo em minerais, principalmente em ferro, cobre, manganês, mercúrio, enxofre etc., não tem sido até agora explorado convenientemente.

Esses frutos, nutrientes e saborosos, contribuem para alimentar a população, que encontra os elementos indispensáveis de subsistência e conforto nos recursos naturais, tão profusamente espalhados em algumas regiões do município.

Entre outros, citaremos os seguintes: ananás, araçá, araçá-goiaba, araçá-mirim, ameixa-do-campo, anajá, abio-de-ema, araticum, ata-do-campo, ata-do-brejo, ata-dos-lagos, bacaba, bacupari (duas espécies), buriti, buritirana, bruto ou araticum-de-quaresma (três espécies), cajá, caju-verdadeiro, caju e cajuí, cagaita, creolí, carnaúba, catolé, camapu, xixá, cocoroatá, dendê, jenipapo, goiaba, grão-de-galo, ingá, imbu, joaz, jabuticaba, jatobá (quatro espécies), macaíba, mangaba (duas espécies), marmelada (duas espécies), maracujá (diversas espécies), murici, mutamba, maçaranduba, mucunã<sup>11</sup>, olho-de-boi, oiti (duas espécies), palmeiras (uma riquíssima variedade de espécies, talvez a mais rica do Brasil), puçá (diversas espécies), pequi (duas espécies), pitomba, tucum (duas espécies), veludo (duas espécies), xiquexique e outras de que não nos lembramos agora.

Além dos frutos indígenas da região meridional do Piauí, acima mencionados, muitos outros existem, aclimados e cultivados, não só da região setentrional deste Estado, como de origem asiática, africana e européia.

E tão abundante em frutas o município de Corrente, que poderia produzir, sem dificuldade, muitas espécies, de climas diversos.

A fauna é igualmente rica.

Sendo a onça a mais temível das feras que ali vivem, por ela começaremos a enumeração zoológica. A onça-verdadeira é, sem dúvida, a mais bela e possante; as suas manchas, brancas e pretas, são maiores do que em outra qualquer espécie. Segue-se-lhe o tigre, seu rival, com suas manchas pretas em fundo cor de chocolate. A onça canguçu tem as malhas miúdas. Os cabelos pretos são brilhantes, mas os brancos têm um tom amarelado. O canguçu-preto, se bem que tenha pequenas manchas negras, em fundo preto, são elas pouco visíveis.

---

11 A mucunã, além de fornecer magnífica forragem para o gado, fornece, de suas sementes e raízes, substâncias alimentícias muito apreciadas por ocasião das secas prolongadas.

A suçuaraná, onça vermelha, é a mais comum e daninha delas. Conhecemos três espécies de suçuarana: a do lombo preto, semelhante ao lobo-brasileiro; a maçaroca, da barriga branca; e a suçuarana, pintada de branco e amarelo, avermelhada. Esta espécie é tão rara, que só uma vez tivemos ocasião de ver uma pele grande e belíssima, em casa do tenente-coronel Teodoro Ribeiro, em Amarante, e soubemos da existência de uma outra, que fora vista em Gilbués.

Diversas espécies de gato-do-mato são aqui encontradas. Dentre elas, notamos o pintado (diversos matizes), o preto, o mourisco e o amarelo. Duas espécies de antas são encontradas, a preta e a rosilha. Nos lugares pantanosos, encontram-se capivaras, pacas e lontras; e nos lugares acaatingados, cutias, mocós e preás.

A suçupara, veado dos brejos, é a maior espécie brasileira, e já se vai tornando rara em Corrente; o galheiro, ou veado-do-campo, e o caatingueiro, das caatingas, são encontrados em abundância; mas o matreiro, de dia para dia, vai-se tornando raro.

O tamanduá-bandeira e o mirim são encontrados com frequência. O porco queixada vai rareando, enquanto o caititu vai-se conservando. O guará ou lobo-brasileiro, o cachorro-do-mato, a raposa, o papa-mel, o gambá ou sarigueia, a maritacaca, assim como o quati,

o macaco, o sagui, a guariba são encontrados. Diversas espécies de tatus, como sejam canastra, peba comum e peba cabeludo, tatu-verdadeiro, do casco preto e do casco laranja, tatuí, tatu-china e tatu-bola existem nesta comarca.

A ornitologia correntina é também riquíssima.

Para que possa ser convenientemente avaliada, citaremos os seguintes espécimes, que neste momento nos ocorrem: ema, seriema, jacu-verdadeiro e pamba, perdiz, zabelê, jaó, codorniz, sororina ou nambu-açu e nambu, pomba-verdadeira (duas espécies), roxa ou amargosa, juriti, de bando, rola (duas espécies) e graveto; tucano-da-serra e da mata, águia-brasileira, gavião-de-fumaça, de penacho e outras espécies; acauã, jacurutu, corujão e priangu; arara-preta, vermelha, amarela ou canindé, araruna, papagaio-verdadeiro e urubu, jandaia, curica, maracanã, periquito-da-serra, coroadó, rabudo-verde e verde-vassourinha, picapau (várias espécies), pega, canção, chorrochó, bem-te-vi, João-de-barro, lavadeira, sabiá (di-

versas espécies), cardeal ou cabeça-vermelha, canário (duas espécies), galinho-das-moitas, chico-preto, gaudério ou azulão-de-bando, azulão, joão-congo, rei-congo ou japiaçu; xexéu ou japi, primavera ou soldadinho-de-dragona; coleira, gravatinha, caboclinho, patativa, pintassilgo, tico-tico, carriça e outras espécies, além de uma infinidade de colibris, pequeninos e mimosos, cuja plumagem furta-cor apresenta tão notável variedade de brilho, que seria impossível descrever!

Numerosas e variadas espécies de aves aquáticas são observadas neste município, com especialidade na estação das águas: curicacas, inhaúmas, jaburus, socós, maçaricos, garças (brancas e pardas), craúnas (espécie de íbis preto), colheireiras, patos, paturis, paturis-mirins, mergulhões, marrecos, marrecas-verdadeiras, irerês, galinhas, jaçanãs e outras espécies dão aos lagos peculiar encanto, quer pelo colorido de suas plumagens resplandescentes, quer pelo alarido causado pelos inúmeros sons que desferem vozes diversas ao mesmo tempo.

Dentre os ofídios, que se encontram em profusão, mencionaremos apenas a terrível cobra de cascavel, terror das caatingas e veredas; a jibóia, que devora a cascavel; e o medonho sucuri, habitante das águas tranquilas e remansosas, onde com paciência espera a desejada presa.

As vias de comunicação, além de péssimas, muitas vezes se tornam intransitáveis por absoluta falta d'água, interrompendo-se as transações comerciais, que deveriam ser muito mais numerosas e importantes, se houvesse barragens regulares nas proximidade das estradas que vão para o Estado da Bahia, pois são as que servem com mais vantagem à exportação dos produtos locais.

Estes consistem, principalmente, em gado, couros secos e salgados, peles, queijo, requeijão e outros.

O povo da comarca, como o de todo o Piauí, é hospitaleiro, inteligente, progressista e notavelmente bom.

O seu amor à instrução é assaz pronunciado.

Sempre nos recordaremos, com satisfação, de uma encantadora manhã em que observamos interessantes crianças louras, caboclas e da cor do ébano, todas alegres e risonhas em caminho da escola.

Como marchavam garbosas com seus livros escolares! Como pareciam felizes ao penetrar a escola, esse templo de progresso, onde to-



dos se sentiam iguais, entoando cânticos patrióticos, que as estimulavam à conquista do primeiro lugar da classe, obtido só pelo estudo e diligente trabalho.

As crianças, encaminhadas por essa forma, amando a instrução, a ordem, e confiando no esforço próprio, são as que irão fazer da nossa cara pátria a mais próspera e feliz do continente americano.

Apesar das inúmeras dificuldades que encontram os habitantes desta comarca para adquirir conhecimentos científicos, existem, todavia, bacharéis, sacerdotes, médicos e engenheiros, filhos desta região central, berço de civismo e de liberdade.

.....

## *Capítulo VI*

### DE CORRENTE A RIOZINHO

**N**O DIA 24 DE JANEIRO, continuando nossa viagem para o litoral piauiense, deixamos a vila de Corrente, com o Dr. Georgiano Gonçalves e outros. Muitas pessoas, que vieram assistir à nossa partida, acompanharam-nos por algum tempo.

Ao despedirmo-nos dos amigos da terra querida em que havíamos passado a nossa infância, um doloroso e pungente sentimento invadiu a nossa alma.

Seguimos pela estrada de noroeste; e, ao sairmos da vila, ainda uma vez contemplamos aquela paisagem, onde o rio serpeia em leito de areia cor-de-rosa, por entre casinhas brancas e arvoredos verdes. Montes, serras e prados esmeraldinos se avistam além. Um pouco mais distante, no lugar Mata-Pasto, avistamos um imenso rebanho de ovelhas, cujo número excedia a 1.000 cabeças. Eram tão gordas e bonitas, como raramente acontece em tão considerável número de animais. Os pequenos córregos,

ressequidos durante o verão, se ostentavam agora com água cristalina. O gado vacum principiava a sair do mato para o campo, farto e contente, em busca das camas prediletas, no alto das cochilas, quando chegamos a Brinquinha. Aí, estavam os arrieiros concluindo as últimas arrumações, sobre a inteligente direção do incansável e dedicado Doroteu Nogueira.

Caía a noite quando dali partimos e fomos percorrendo campos e colinas. Ao galgarmos o último outeiro, avistamos um chapadão fertilíssimo e vasto, de terreno alvacentos, em contraste com o que acabávamos de deixar, de cor intensamente vermelha<sup>1</sup>.

A variedade da arborização é considerável, mas nenhuma planta ali encontrada, por mais preciosa e rica que seja, poderá equiparar-se à pequena palmeira, conhecida pelo nome de coco-dendê-piaçaba.

Para que o leitor possa fazer juízo seguro do valor desta planta, mencionaremos as aplicações que dela se fazem.

As folhas são empregadas para cobrir casas, durante as coberturas, quando feitas segundo os preceitos, mais de 20 anos!

O suco dos talos é considerado um ótimo depurativo, que combate não só a sífilis, como até o veneno das cobras.

A flor desta palmeira é por tal forma fosforescente, que bastam algumas recém-colhidas, colocadas num aposento, para iluminá-lo.

É a lâmpada dos pobres!

O fruto é de uma riqueza verdadeiramente providencial. Nele se encontra, abaixo do seu primeiro envólucro ou pericarpo, uma massa amarela ou de um amarelo esbranquiçado; chamada dendê, à qual não só é imensamente nutritiva, como de sabor delicadíssimo, prestando-se à composição de preciosos manjares. A amêndoa, riquíssima em óleo, fornece todos os produtos que se podem tirar do coco da Bahia.

O palmito, alvo, tenro e delicado, saborosíssimo; mas, só com dificuldade, será obtido, pois se acha encravado no subsolo. O valor desta

---

1 Neste ponto passa a linha que, de sul a norte do Piauí, divide a zona flagelada pelas secas da que não o é ou que só indiretamente sofre as consequências do flagelo. Ao lado da estrada vicejam os últimos pés de xiquexique e de cabeça-de-frade, que limitam as duas regiões do Piauí, tão diferentes entre si. O xiquexique e a cabeça-de-frade são plantas da família das cactáceas, utilíssimas nas grandes secas, não só ao gado, como principalmente ao homem, que delas retira diversos alimentos.

preciosa palmeira torna-se evidente, por ocasião das secas, quando milhares de seres humanos encontram, quase que somente nela, os recursos da subsistência. Admirávamos à fosforescência das flores desta interessante palmeira, quando ouvimos o ladrar dos cães da fazenda Taboca, que assim davam sinal da presença de pessoa estranha.

Os ilustres e amáveis cavalheiros Augusto José Nogueira e José Francisco Nogueira Paranaguá cumularam-nos de atenções e amabilidades extremas.

No dia 25, pela manhã, continuamos nossa jornada, em companhia de alguns amigos.

Durante a viagem, observamos bandos extraordinários de araras-pretas, que davam gritos agudos, algumas levando cocos nos bicos e rodopiando no ar, em torno de nós.

Na região do leste do Piauí, até o litoral do Brasil, não se conhece a arara preta, ou melhor, intensamente azul, que só existe desta zona em que nos achávamos para o oeste.

Algumas serras elevadas são percebidas da estrada.

Ao chegarmos em frente a Olho d'Água do Pote, um dos nossos companheiros nos indicou o rumo em que se acha uma sicupira tão grossa que um cavaleiro, colocado transversalmente, não é visto por quem estiver do lado oposto da árvore.

Nas margens do riacho das Pedrinhas, vimos um bonito rebanho de cabras; e, ao chegarmos a Olho d'Água da União do Velho, grandes e gordos cevados. Indagando o modo por que ali engordavam os porcos, responderam-nos que esses animais encontravam no coco dendê, buriti, araticu e outros frutos, os alimentos necessários à sua engorda.

Atravessando sempre o mesmo chapadão, chegamos ao lugar denominado Porteira, onde duas serras, uma ao norte e outra ao sul da estrada, desta se aproximam.

Adiante desta garganta, as serras se afastam, formando um vastíssimo saco. Ao chegarmos a Vereda Comprida, atravessamos o rio Santa Marta, outrora bem canalizado, mas hoje espraído, em consequência de haver caído na serra uma tromba-d'água, por ocasião de um vendaval, com grandes desmoronamentos. Esta tromba determinou a

queda de tamanha quantidade de terra, que as roças marginais, após a torrencial chuva daquele dia, ficaram transformadas em campo sem vegetação.

Em lugar de seguirmos dali pela estrada de Pindaibas, atravessando o ribeirão do mesmo nome e subindo a serra, percorrendo-a pela vereda de Capim Branco até descermos no aprazível sítio Lagoinha, onde os formosos e elegantes buritizeiros convidam ao repouso, seguimos a direção das águas do rio Santa Marta, ou Fundo, a fim de despedirmo-nos de parentes e amigos.

As fazendas Santa Marta, Saco, Rapada e Espírito Santo são consideradas boas, principalmente por não estarem tão sujeitas aos flagelos das secas, como acontece com as que ficam do chapadão de Taboca para leste.

Espírito Santo está distante da vila de Corrente 7 léguas, para o oeste, e a 700 metros acima do nível do mar. No alto do morro que fica em frente à casa, e que também tem o nome de Espírito Santo, está fincado um cruzeiro, numa altitude superior a mil metros, e até ao qual raras pessoas sobem, pelas dificuldades que encontram.

Aguçada a nossa curiosidade pelas informações do lugar, empreendemos a subida, vencendo não pequenos obstáculos para galgar o planalto da montanha. Na sua extremidade oriental, encontra-se o elevado cruzeiro, fixado no solo.

Um horizonte vastíssimo, cheio de paisagens lindas, risonhas e variadas, surge aos olhos do observador, extasiado no meio deste conjunto de maravilhas, onde serras, vales, florestas e campos são abrangidos num relance.

Que gozo imenso e inefável mesmo foi o que experimentamos, ao descortinar paisagens novas.

Fatigados, mas satisfeitos, voltamos à poética vivenda, erguida no sopé da montanha.

Pela manhã partimos, deixando os campos de Espírito Santo, o rio Santa Marta e o ribeirão de Cana Brava, e dirigimo-nos à fazenda de Lagoa. A serra do Gurgueia ergue-se diante de nós. As últimas malhadas (campos de terreno vermelho cobertos de gramíneas) já encostam na serra.

A estrada vai-se tornando medonha. A ladeira imensamente íngre-me e interrompida, ora por elevados blocos de pedra, ora pelas raízes de árvores, torna-se verdadeiramente intransitável.

Difícilmente os animais, mesmo aliviados das cargas, conseguem transpor semelhantes obstáculos.

Quando conseguimos alcançar o alto da serra, os animais estavam ralados pelas pedras e o pessoal fatigado.

Empreendemos a travessia do chapadão, aqui constituído por argila escura. A vegetação, no alto da serra, perde completamente sua exuberância; entretanto, uma ou outra árvore de porte elevado, como a mangabeira, o puçazeiro e a folha-larga, é, de quando em vez, observada. Mas a vegetação rasteira, em que predomina o tucum-mirim e o catolé, superabunda.

Os raios solares já se tornavam menos quentes, quando descortinamos as colinas risonhas do município de Gilbués.

Descemos pelo boqueirão de São Gonçalo, cuja estrada, apesar de ser considerada transitável, não tem qualificativo que lhe convenha, pois é péssima.

Os animais, ora escorregando, ora caindo, foram vencendo terríveis obstáculos, até que chegaram ao sopé da montanha onde um cristalino regato serpeia por entre altivos buritizeiros.

Com que prazer homens e animais ali saciaram a sede!

Minutos depois, tendo vencido apenas 4 léguas durante o dia, apeávamos no terreiro da aprazível fazenda São Gonçalo, doce remanso para aqueles que querem gozar de tranqüila existência.

A amável família do hospitaleiro cidadão Ricardo de Aguiar dispensou-nos as maiores atenções. No dia 27 vadeamos o rio Gurgueia, que serve de limite entre os municípios de Corrente a Gilbués, e fomos descansar na fazenda Maravilha, tendo percorrido os campos elevados e férteis desse riquíssimo município, onde os efeitos da seca nunca se fizeram sentir diretamente.

À tarde, em companhia do tenente-coronel Domingos José Ribeiro e outros cavalheiros, seguimos para a vila de Gilbués, que avistávamos também de Maravilha, apesar da distância de 2 léguas.

Era noite quando chegamos à vila, a 6 léguas do lugar de que havíamos saído, pela manhã.

Situada a povoação de Gilbués no planalto de uma colina, oferece vasto horizonte, cheio de lindíssimas paisagens.

A serra de Jalapão, que separa o Piauí de Goiás\* como encantadora cortina, entretecida de fios rubros e esmeraldinos, cerrava as magnificências daquele horizonte, quase infinito.

Outras montanhas, como as de Urucuzal e Lagoinha, erguem-se para leste.

Foi neste aprazível e pitoresco sítio que o benemérito capitão Antônio Nogueira Paranaguá, de volta do Paraguai, onde derramou seu sangue em defesa da pátria, fez doação de meia légua de terreno, para patrimônio da capela, em torno da qual devia surgir o povoado que foi outrora fazenda dos jesuítas e é a vila atual.

O capitão Zeferino Vieira, espírito altamente religioso, auxiliou-o neste elevado intuito.

Em 1884, foi criada a escola de primeiras letras da povoação, sendo seu primeiro professor o capitão Francisco de Sales Nogueira, que tem prestado relevantes e assinalados serviços à localidade.

Em 26 de setembro de 1890, foi criada a agência do correio.

Por decreto nº 68, de 14 de maio de 1891, foi criado o município, e a 14 de julho de 1892 inaugurou-se a vila, a qual é servida, presentemente, por duas linhas de correio, uma que estabelece as comunicações com o norte e outra com o sul do Estado e o da Bahia.

A vila estende-se pelas margens de um pequeno regato de águas transparentes e cantantes que desliza através do planalto da risonha e lindíssima cochila. Altos buritizeiros, desferindo sempre sibilantes cicios ou leves sussurros, conforme o soprar da brisa, acompanham o leito da corrente, onde existem chácaras bem plantadas, como a que foi do capitão Vieira, merecedor das bênçãos dos filhos daquela zona, e é hoje pertencente ao coronel Ferreira Lustosa.

A vila está a 700 metros acima do nível do mar; mas existem, no município, localidades com altitudes mais consideráveis. Muitos sítios férteis e pitorescos existem nos arredores, como sejam Santo Lenho, Flórida, Brejinho, Rocinha, Bom Jardim e outros.

---

\* Hoje, Tocantins (n. rev.).

O clima, no município de Gilbués, não só é o mais ameno e salubre do Piauí, como também um dos melhores da América do Sul.

Os campos criam considerável quantidade de gado cavalariço, vacum, ovino e caprino, que, apesar de pequenos, são de notável resistência.

O gado vacum tem o couro tão leve e resistente que, nos municípios vizinhos, os couros, empregados de preferência para cordas de laçar e outros misteres semelhantes, são de Gilbués.

Depois de havermos passado algumas horas em companhia do amável povo gilbuense, que sabe levar ao extremo a proverbial hospitalidade piauiense, deixamos esta bela localidade.

Ao afastarmo-nos daquela risonha vila, contemplávamos, extasiados, as belezas de tão encantadora região.

Como é agradável verem-se ali colinas verdejantes, de cujas cumeadas descem pequenas e cristalinas vertentes, e além, elevadíssimas montanhas, donde partem caudalosos rios.

Muitos amigos, que nos acompanharam até fora da vila, chamavam nossa atenção para os pontos mais interessantes daquela região incomparável.

Percorrendo os vastos e ondulados campos, cobertos de gramíneas verdes, onde o gado pascia e os bandos de emas fugiam à nossa presença, chegamos ao anoitecer à fazenda Vaquetas, 2 léguas distante da vila de Santo Antônio de Gilbués.

O povo deste município, amável, folgazão e extraordinariamente resistente, é, em grande maioria, de cor avermelhada.

O cruzamento com as raças europeias, que se vai generalizando, é de admirável beleza; mas o tipo predominante é o do brasileiro indígena – ágil, robusto, varonil e essencialmente sóbrio.

No dia 30, pela manhã, seguimos viagem, passando por diversas casas e pela florescente povoação de Meios, criação da família Barreira, um dos centros do maior número de habitantes do município, e fomos descansar na fazenda Prata, pertencente ao major Modesto Nogueira e irmãos, à margem do rio Uruçuí-mirim, 4 léguas distante do lugar em que havíamos dormido.

O rio Uruçuí-mirim ou Vermelho, durante o inverno, torna-se navegável; e por ele descem grandes balsas, carregadas de gêneros de



exportação, avultando, entre eles, peles, borracha de mangabeira, resinas e gomas diversas.

Depois do necessário descanso, continuamos nossa viagem e fomos pernoitar na fazenda Malhada Alta, situada à margem do brejo do mesmo nome.

O Sr. Ludgero, encarregado da fazenda, depois de contar-nos muitas histórias a respeito dos índios, que ocupavam esta região do Piauí, apresentou-nos um indígena da tribo dos Gaviões, moço robusto e de notável agilidade em atirar de arco e flecha.

No dia 31 deixamos Malhada Alta, onde prados ondulados em terreno vermelho intenso terminam, para serem sucedidos por uma vasta faixa que abrange o extremo sul do Estado; seguem-se-lhe campos gerais, de terreno escuro ou pardacento. As paisagens destes chapadões vastíssimos se encantam a princípio, pelo contraste com a região que acabamos de deixar, em breve tornam-se monótonas, pela sua repetição.

Por toda parte, imensos chapadões, veredas extensas, cobertas de casas de cupim, e buritizais sem conta, acompanhando abundantes cursos d'água sombreados por espessos matos de pindaibeiras.

E nesta região do Piauí que existem os maiores rebanhos de veados-galheiros (veados-do-campo) e do grande veado *suçuapara* ou o galheiro grande dos brejos e alagadiços.

A carne dos animais da primeira espécie, principalmente das fêmeas, é saborosíssima; ao passo que a dos da segunda é intragável.

O guará, lobo-vermelho, esconde-se nas matas dos brejos, para mais facilmente apoderar-se dos veados novos.

Nestas regiões, vêm-se montes elevados, de forma piramidal, como que colocados providencialmente para servirem de baliza aos viajantes.

Uma multidão de araras,; papagaios e arapongas, atroava os ares com uma gritaria interminável.

Deixando os últimos brejos, tributários do rio das Lontras, penetramos num chapadão arenoso até chegar à margem direita do majestoso rio Parnaíba ou Boi Pintado, já engrossado com as águas dos rios Lontras, Santa Isabel, Lourenço, Tucuns e outros menores.

Sob copadas árvores, que aí crescem, nos abarracamos, depois de ter andado 6 léguas. Os tropeiros e pajens trataram primeiramente de

preparar o necessário ao conforto dos viajantes, atravessando em seguida animais e bagagens.

Nem um morador ali existe, quanto mais canoa alguma! Tivemos de improvisar uma embarcação com talos de folhas de buritizeiros, a fim de transportar com mais facilidade nossa bagagem.

Como o rio estivesse cheio, levamos algum tempo nesse serviço, findo o qual arranjamos novamente as cargas, levantamos acampamento e seguimos viagem.

Chegamos à fazenda Angicos, à margem do ribeirão do mesmo nome e, depois de pequena demora, continuamos nossa viagem, conseguindo, ainda cedo galgar a montanha arenosa que serve de limite entre esta e a fazenda Promissão. Uma campina extensa, composta de uma arborização raquítica, onde predomina a canela-de-ema e arbustos sem importância conhecida, é o que se observa ao atravessar esta serra arenosa.

No cimo desta montanha, eleva-se enorme coluna de difícil ascensão, e nela se encontra uma espaçosa caverna, dentro da qual, segundo nos informaram, residiu por algum tempo um homem chamado França, que deu seu nome ao morro. Dali avistam-se diversas serras e considerável número de vertentes. Ao cair da noite, descemos a montanha, constituída, do lado de oeste, por uma muralha mangânica escura, que lhe valeu o nome de Pedra Preta. Já com a noite, chegamos à fazenda Promissão, cujas fertilíssimas terras de lavoura lhe deram o nome.

Os vaqueiros tinham chegado neste dia, do lugar onde estava sendo preparada a balsa em que devíamos embarcar. Muitos agregados compareceram e todos queriam saber novidades debaixo, como denominam o litoral, de que se acham tão distantes, vivendo quase isolados por falta de comunicações.

Depois de satisfazê-los, fomos imitar os nossos companheiros, que já dormiam fatigados da viagem de 10 léguas, que havíamos feito durante o dia.

No dia 1 de fevereiro, levantamo-nos e fomos dar um passeio pelo pomar, que possui grandes variedades de árvores frutíferas.

As laranjas desta fazenda são consideradas sem rivais, tanto pela qualidade como pela variedade.

O tamanho a que atingem as laranjeiras é tão extraordinário que causa admiração.

Um ribeiro, denominado Promissão, atravessa o pomar e as roças de pasto.

Os campos de criar não são bons; são suscetíveis, porém, de ser melhorados com algum trabalho.

O dia 2, passamo-lo ainda nesta fazenda, com redes armadas nos ramos de altíssimas e copadas mangueiras.

No dia 3, deixamos Promissão e seguimos nossa viagem, atravessando o rio conhecido pelo nome de Parnaibinha, no lugar denominado Porto Alegre.

Esta fazenda pertence aos nossos parentes Alexandre Lustosa e João Damasceno Nogueira. Fica à margem esquerda do Parnaibinha, uma légua ao sul de Promissão.

Atravessando ora matas de belas e frondosas árvores, ora campinas arenosas e de vegetação rasteira, chegamos, finalmente, à povoação de Riozinho, lugar destinado ao nosso embarque, 5 léguas distante de Porto Alegre.

Riozinho, além de ser o mais navegável dos rios que formam o Parnaíba, é o que tem origem mais ao sul. Quando forem estabelecidos os limites entre o Piauí e o Maranhão, provavelmente continuará este rio a servir de limite entre os dois Estados, sendo como é a linha divisória mais natural.

Em Riozinho passamos os dias 4, 5 e 6, à espera de que a balsa, que nos devia transportar, ficasse pronta e carregada, em condições de viagem.

Vamos citar algumas curiosidades que temos observado nesta parte do Brasil Central, enquanto esperamos a conclusão da nossa improvisada e primitiva embarcação.

Uma delas é o morro de Novo Acordo, de cujo elevado cimo, além do belíssimo panorama que se observa, constituindo uma verdadeira maravilha, avistam-se os Estados do Piauí, Maranhão, Goiás\* e Bahia, que ali se confinam. Bem poderia ser chamado o *Morro dos Quatro Estados*.

---

\* Hoje, Tocantins (n. rev.).

Em frente a Novo Acordo, que fica à margem direita de Riozinho, está a fazenda Galileia, na margem oposta, atravessada pelo ribeirão de Galileia, cujas águas, vistas em massa, são levemente róseas e possuem a admirável virtude de curar o de Basedow (papeira), seja qual for a forma por que se apresente, segundo nos garantiram.

Deixando a margem esquerda de Riozinho, no Maranhão, e galgando a serra do Jalapão em Goiás\*, depois de percorrer campinas extensas sulcadas de fontes e rios, observa-se uma vertente, na fazenda Itapiru, que fornece uma areia finíssima, alva e macia, gozando da propriedade de ranger entre os dedos, quando apertada.

Na fazenda Firmeza, situada entre o ribeirão Firmeza e os rios Águas Claras e Soninho, encontra-se uma fonte termal, com 38° centígrados, ao lado de uma outra cuja temperatura quase nunca excede a 25p centígrados.

O tosco banheiro de pedra, que recebe as águas termais ao emergirem da rocha, proporciona ao viajante o mais agradável e delicioso banho que se pode imaginar.

Aí vimos uma frondosa árvore, cujas raízes descem verticalmente do tronco, e em forma de tábua penetram pela terra. Basta serrar-se uma grande porção destas raízes para se conseguir uma grande tábua.

Em Firmeza possuímos uma mesa de raiz de barra larga, como é conhecida a curiosa árvore que fornece ao homem tão úteis raízes, a qual, para preencher os fins a que estava destinada a tábua, só recebeu os pés.

Nas inúmeras vertentes que partem da serra de Jalapão, encontra-se a bela e majestosa árvore denominada mirineiro, cuja casca em épocas determinadas adquire uma essência delicadíssima e tão ativa que basta uma pequena porção para perfumar um aposento.

Os moradores desta região central costumam deitar um pedaço de casca de mirineiro nos baús, para perfumar as roupas com sua delicadíssima essência.

Muitos outros vegetais preciosos, como a campanha, que fornece delicada bebida, preferida pelos moradores ao melhor chá-da-índia, e a congonha, também estimada, ali se encontram.

.....

## *Capítulo VII*

### DE RIOZINHO À CIDADE DE FLORIANO

**N**O DIA 7 DEIXAMOS A POVOAÇÃO DE RIOZINHO, na nossa embarcação improvisada, onde se encontrava somente o essencial e inteiramente indispensável.

O Noronha, como bom piloto, manobrava com perícia, para que a balsa ocupasse sempre o centro da maior velocidade das águas, a fim de tornar mais rápida a viagem.

As árvores, que sombreavam o rio, estavam cobertas de casas de formigas e maribondos, que, uma vez por outra, nos agrediam, maltratando consideravelmente a população.

À proporção que descíamos, tornava-se mais volumoso o rio, com o acréscimo dos tributários que ia recebendo.

O primeiro, notavelmente importante, já por ser navegável e já pela particularidade singular de entrar no Riozinho, de baixo para cima, é o rio Branco. O segundo afluente notável é o Parnaibinha. O primeiro, pela margem esquerda ou maranhense; e o segundo, pela direita, ou piauiense.

Por causa da grande quantidade de árvores inclinadas ou caídas, só viajávamos durante o dia.

Ao anoitecer, atracávamos a balsa e armávamos nossas redes às árvores, dormindo ao relento.

De quando em vez, encontrávamos caçadores de antas e suçupara, caças que, quando perseguidas, procuram as grandes lagoas e rios.

No fim do terceiro dia de viagem na balsa, 11 de fevereiro, chegamos à confluência do Riozinho, já sob a denominação de Parnaibinha, com o Boi Pintado, tomando, daqui em diante, a grande artéria o nome de rio Parnaíba<sup>1</sup>.

Os limites entre o Piauí e o Maranhão, deste ponto para o sul, não estão definidos: o mesmo também acontece ao delta parnaibano, em consequência da pretensão do Maranhão ao domínio exclusivo da barra da Tutoia, contra o direito do Piauí.

Sendo o rio Parnaíba conhecido, em sua parte setentrional, desde os tempos coloniais, outro tanto não acontecia com as suas vertentes.

A zona do sudoeste do Piauí foi a última a ser conhecida e povoada. A exploração e povoamento não foram feitos na direção da montante do rio, mas do oriente para o ocidente, o que deu lugar ao erro em que caíram os primeiros exploradores, considerando, como sendo o Parnaíba o primeiro grande afluente deste, que encontraram.

Não estando definitivamente discriminados os limites entre o Piauí e o Maranhão, nos pontos extremos do grande e majestoso Parnaíba, é de conveniência que seja confiada à comissão que tiver de continuar os trabalhos de desobstrução do referido rio a incumbência desse estude, quanto à parte geográfica.

Um relatório minucioso, relativamente à longitude, volume d'água e navegabilidade de cada vertente, será apresentado ao governo por essa comissão, de modo que os limites entre esses Estados possam ser estabelecidos definitivamente tanto nas cabeceiras como no delta do rio Parnaíba.

---

1 É deste ponto que devera partir a estrada de ferro, ligando as bacias do São Francisco e Tocantins à do Parnaíba. A belíssima cachoeira da Fumaça, no rio do Sono, em Goiás, e as inúmeras quedas d'água que existem no sul do maranhão, Piauí e oeste da Bahia, indicam o aproveitamento da hulha branca para o estabelecimento desta grande via de comunicação.

Dos rios que constituem o Parnaíba, qual deverá ser considerado como a principal vertente? O Parnaíba do Lourenço, o Santa Isabel, o Boi Pintado, o Tucuns, o Parnaibinha, o Riozinho ou o rio Branco? Sem um estudo consciencioso é muito difícil resolver.

Na confluência do Parnaibinha com o Boi Pintado, avistamos uma belíssima floresta, em que as bacabeiras ostentavam apetitosos cachos. Um grande bando de macacos, devorando os saborosos frutos, fazia uma gritaria medonha, que cessou rapidamente com um grito de um dos tripulantes. Encostamos a balsa e colhemos alguns cachos da importante palmeira; e, com inextinguível prazer, saboreávamos, mais tarde, o magnífico leite da bacaba, bebida tão agradável e delicada que pode ser comparável à da buritirana e muito melhor que o açai.

Admirando as encantadoras margens do Parnaíba, chegamos à vila de Vitória, cerca de 280 léguas do litoral e a mais meridional do Maranhão. Depois de a percorrermos, nos dirigimos à vila de Filomena, no Piauí, que lhe fica quase fronteira.

A vila de Filomena é o maior centro de população desta região e, pela uberdade do solo e amenidade do clima, poderá tornar-se de considerável importância.

Alguns parentes e amigos que ali residem, querendo demonstrar a superioridade do solo daquele município mostraram-nos algumas chácaras com admiráveis arvoredos frutíferos.

O cafeeiro pega de galho com muita facilidade e a cana-caiana atinge o comprimento de 9 metros!

Depois de passarmos um dia naquela importante vila, onde fomos muito bem obsequiados pelos dignos amigos tenente-coronel João Damasceno Nogueira e Alexandre Lustosa da Cunha, continuamos o nosso itinerário.

Muitos amigos vieram ao nosso embarque; e foi com bastante saudade que nos separamos dos amáveis habitantes daquela boa terra.

A nossa balsa descia suavemente o rio, enquanto fazíamos, agitando os lenços, as últimas despedidas.

Nos arredores da vila, existem alguns sítios nas margens do rio; mas, à proporção que nos vamos afastando, vão-se tornando raros. De distância em distância, consideráveis, encontram-se fazendas de criar, sem

melhoramentos, o que lhes dá uma feição especial do cunho primitivo da raça humana, quando principiou a fazer sentir o seu predomínio sobre os outros seres.

Quem não tiver conhecimento bastante do quanto é fácil a vida na região central do Brasil, suporá que esta gente, como que segregada da civilização, vive miseravelmente. É um verdadeiro engano. Não conhecemos povo que tenha menos preocupação e que seja mais feliz. Nos lugares em que vive, encontra os elementos necessários à satisfação de suas ambições. Trabalha uma semana e tem a subsistência garantida para o ano inteiro. Nas suas humildes habitações, jamais faltará franca hospitalidade aos viajantes. Se não tem grandes ambições, não tem grandes tristezas. Os seus desejos são modelados pelos seus costumes, simples e francos.

Deixando de parte este povo honesto e bom, reduzido, pela falta de comunicações, a viver, quase, como Adão e Eva no paraíso, admiremos as variadíssimas paisagens ribeirinhas, que se vão sucedendo, à proporção que a balsa vai deslizando sobre as águas do majestoso Parnaíba.

Vemos aqui montes, adornados de verdes árvores cobertas de flores de variadas cores e especiais perfumes; e, dos seus píncaros, ora em catadupas, ora em argentinos filetes, correm cristalinas águas; ali, campos extensos, cobertos de arbustos ou grandes árvores disseminadas, parecendo emergirem de um tapete verde; além, espessas matas de altas palmeiras, quer nas planícies, quer nos cimos das montanhas, a darem graça, beleza, colorido, atração e vida à natureza privilegiada e vigorosa do Alto Parnaíba.

Quanto é agradável viajar nesta região, onde a natureza se ostenta com os seus mais brilhantes e maravilhosos adornos!

Que música melodiosa e cheia de suave ternura é a das aves cantoras desta região!

Suas plangentes notas nos fizeram recordar as desferidas pelas cordas de uma guitarra, vibradas pelas delicadas e mimosas mãos de uma graciosa, delicada e angélica descendente da península hespérica, que encontramos algures em nosso país.

Corria brandamente a nossa embarcação pela superfície do majestoso Parnaíba, quando vimos um bando de aves, pousado nos ramos de árvores gigantescas.



Um dos pilotos, que havia andado pelo vale do Amazonas, nos disse:

– Ali tem irapuru.

– Que significa isto? – perguntamos-lhe nós.

Ao que nos respondeu:

– O irapuru é uma ave pequeníssima, como as nossas patativas, mas que canta tão bem, como nenhuma outra ave. As notas que desfere, agudas ou graves, reúnem todas as modulações. E esta avezinha, com seu inimitável canto, domina as demais, que a ouvem atentas. Segundo a tradição, esta avezinha é não só protegida por todas as outras aves que formam o seu séquito, como é por elas sustentada. O seu único perseguidor é o homem, que, considerando-a portadora de felicidade, pelo poder que tem seu canto de mitigar todas as mágoas, emprega os maiores sacrifícios para obtê-la, mesmo morta, acreditando conservar o seu inestimável condão. No Pará e Amazonas, elevadíssimo é o preço de um irapuru; e, segundo a crença, aquele que o possuir, será sempre feliz.

Enquanto concluía sua narração, surgia a lua por entre os arvoredos, refletindo os seus suaves raios nas límpidas e azuladas águas do majestoso Parnaíba.

O céu, à proporção que ia avançando a noite e mais cintilantes se tornavam as estrelas, mais belo se mostrava.

Quem deixará de contemplar extático esta natureza sem rival, em que o Criador deu mais brilho às estrelas, mais luz ao sol, mais suave e voluptuosa claridade à lua, e mais flores, perfumes e encantos à terra?

Que pesar se apodera do nosso coração, em não vermos utilizada pelo homem esta região abençoada, mas ainda não povoada.

Ao passarmos pelas pequenas povoações em formação, depois de muito viajarmos sem que encontrássemos habitações, vimos o nascente núcleo de Santo Estêvão.

Mais tarde, à proporção que descíamos, outras habitações iam surgindo, como Remanso e Foz do Uruçuí.

Esta povoação, futura cidade, está uma légua abaixo da foz do rio Uruçuí-açu, navegável cerca de 500 quilômetros, e em frente à foz do rio Balsas, como aquele afluente do Parnaíba.

O vale do Uruçuí-açu, riquíssimo em matas, nas quais a copai-beira é abundante, tem, ao lado das matas, campos ubérrimos.

No lado maranhense, principalmente nas margens do rio Balsas, existem os melhores campos de criação, conhecidos no Maranhão; e tal é o grau de gordura que o gado invernado naqueles campos apresenta que dificilmente poderá ele viajar, sem muitos prejuízos, para os mercados ou feiras.

Um grande estabelecimento de charqueada está naturalmente indicado na vila de Uruçuí, que se tornará um grande centro agrícola, comercial e industrial.

Esta povoação dista, daquela em que embarcamos em Riozinho, 110 léguas de 6.600 metros!

Infelizmente esta vastíssima extensão dos Estados do Piauí e Maranhão, limitados de sul a norte pela gigantesca artéria que constitui o majestoso rio Parnaíba, ainda se acha inexplorada.

A navegação do Alto Parnaíba é de tão urgente e palpitante necessidade para o engrandecimento dos dois Estados, que semelhante serviço se impõe aos poderes públicos.

Os dois afluentes do Parnaíba – o Balsas, do lado maranhense, e o Uruçuí-açu, do lado piauiense – são, para bem dizer, as linhas que indicam as regiões de melhor clima e maior futuro para esses Estados.

É nas cabeceiras do grandioso Parnaíba e seus tributários do sul que existem vegetais não estudados, de riqueza considerável, como o mirineiro, frondosa e belíssima árvore, cuja casca fornece a mais ativa e agradável essência; a maçaranduba, que fornece a guta-percha; a campanha é uma apreciada espécie de mate.

Quantos outros vegetais, de utilidade reconhecida, que se tornarão grandes fontes de renda sendo explorados, não existem ao sul destes Estados!

Se o governo se compenetrasse do enorme benefício que a conclusão do serviço de desobstrução traria aos habitantes da região do Alto Parnaíba e aos Estados de Goiás\*, Piauí e Maranhão, assim como à própria

---

\* Hoje, Tocantins (n. rev.).

União, não deixaria de empregar a maior atenção e esforço para que, quanto antes, tão importante melhoramento, iniciado há tanto tempo, fosse terminado.

Faz muitos anos que propugnamos por este importante melhoramento e não deixaremos de fazê-lo, enquanto não o virmos realizado.

Sabemos que o serviço a efetuar-se, sendo feito por administração, como tem sido até, hoje, levará muitos anos para ser concluído, além da grande soma de dinheiro que será dispendida.

Se o governo, porém, tomar o alvitre de pô-lo em concorrência pública, os engenheiros, que lá têm estado, o realizarão dentro de dois a três anos, no máximo, pela insignificante quantia de 500:000\$000 mais ou menos!

Se a desobstrução do Alto Parnaíba não for feita quanto antes, teremos de ver o Estado do Piauí e do Maranhão lutarem com grande dificuldade para dar saída à produção do sul.

Se, porém, for, sem mais delonga, o Alto Parnaíba aberto à navegação franca, muito crescerá a receita da União, naqueles Estados, com o aumento de suas rendas.

O Piauí estaria em condições precárias, se não fosse a maniçoba.

A indústria pastoril, que oferece recursos ao Estado para a sua manutenção, não pode atingir o grau de desenvolvimento que era para desejar, não só pelos enormes tributos, a que está sujeita, mas, principalmente, pela dificuldade, ou antes, absoluta falta de meios de transporte, quer para o gado, quer para seus principais produtos.

Seria conveniente a criação de prêmios que estimulassem a construção de açudes, e medidas indiretas que encorajassem os industriais, de modo que eles pudessem produzir maior quantidade e melhor qualidade.

Campos, que criam mil cabeças de gado vacuum atualmente, sendo melhorados, principalmente com aguadas (pois é a falta deste precioso líquido, em toda a região de leste do Estado, desde o extremo norte, o que maior dano causa aos fazendeiros), poderão criar o triplo da produção atual.

Os lugares mais convenientes à indústria pastoril são, justamente, os da zona acima mencionada; e, conseguintemente, os mais afastados, quer das margens do Parnaíba, quer do litoral.

Enquanto o Alto Parnaíba não for desobstruído e comunicações regulares, por meio de vias férreas, não forem estabelecidas, entre o Estado do Piauí e os do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia, que facilitem a exportação dos produtos piauienses, o Piauí não atingirá o grau de prosperidade que lhe está destinado pelas suas imensas riquezas naturais.

A comissão, encarregada do serviço de desobstrução do Parnaíba, já tem prestado valioso concurso à facilidade de comunicações, com os trabalhos que tem realizado, e tem contribuído imensamente para que as margens do Alto Parnaíba sejam mais conhecidas e povoadas.

Da foz do rio Uruçuí-açu para baixo, encontram-se muitos moradores, recentemente ali domiciliados, por causa do serviço no rio Parnaíba. Serão eles os fundadores de outras tantas povoações, que mais tarde figurarão entre as vilas e cidades do Piauí e Maranhão. Mencionaremos os seguintes núcleos de população: Santo Eusébio, abaixo da Nova Vila de Uruçuí e em frente a São José, do lado maranhense; Pilar, no Piauí; e, pouco abaixo, outras moradas, que não mencionaremos, porque o prático deixou de lembrar-se na ocasião; Buritizal, no Maranhão; e São José das Almas, no Piauí.

Chegamos, finalmente, à importante vila de Nova Iorque, no Maranhão, fundada por uma família da cidade de New York, da América do Norte, que aí se estabeleceu, ao terminar a Guerra da Secessão nos Estados Unidos da América.

Nesta vila, já teve a comissão de melhoramento do Alto Parnaíba o seu escritório, o que muito contribuiu para o desenvolvimento que tem tido.

O seu comércio já é crescido, principalmente para aqueles que descem o rio, onde os pequenos povoados ainda não adquiriram movimento comercial sensível.

Depois de percorrermos, rapidamente, esta vila, continuamos nossa viagem, descendo a grande artéria fluvial que separa o Piauí do Maranhão.

A balsa deslizava, serenamente, sobre as águas, e tudo corria da melhor forma.

O dia, que estava límpido e admiravelmente belo, principiou a tornar-se sombrio, por causa das nuvens espessas e negras que se acumulavam sobre nossas cabeças.

O rio aumentava o volume das suas águas, lenta e apenas perceptivelmente para as pessoas que têm bastante conhecimento dele.

O prático da balsa, José de Noronha, foi o primeiro a chamar nossa atenção, tanto para as espumas esbranquiçadas, levemente orladas de coloração rósea, como para as nuvens escuras que continuavam a condensar-se no firmamento.

– Hoje vamos ter borrasca e forte – disse Noronha, dirigindo-se a nós. Não querem os senhores dormir em terra?

– Não – lhe respondemos. Depois de amanhã é 21 de fevereiro e temos vapor de Colônia para Teresina. Não poderemos alcançá-lo?

– Pode ser, fazendo-se grande esforço – respondeu-nos o prático.

– Pois faça e previna aos tripulantes que terão boa gratificação se chegarmos antes da partida do vapor.

Estava tomada a deliberação de resistirmos à borrasca, navegando rio.

Os nossos companheiros, Dr. Georgiano Gonçalves e Benedito Nogueira, discutiam a respeito da beleza das paisagens do Parnaíba. Queria o primeiro que fossem mais lindas as do Maranhão, e o segundo as do Piauí.

Era difícil encontrar, na balsa, um árbitro, visto haver apenas, na embarcação, piauienses e maranhenses, interessados na questão e, consequentemente, suspeitos.

Os tripulantes empregavam força para fazer a morosa balsa correr mais que a própria velocidade das águas. O rio, que enchia, vinha em nosso auxílio.

Um relâmpago brilha no espaço. Um trovão, de fazer estremecer as pedras, retumba em seguida, de modo aterrador, a princípio, indo gradativamente diminuindo de intensidade, até transformar-se em murmúrio quase imperceptível. Antes de se extinguir o som do primeiro trovão, segue-se outro e muitos se sucedem.

Grossos pingos d'água caem, após os trovões.

No fim de alguns minutos, os grossos pingos tornaram-se em chuva torrencial.

De quando em quando, apareciam intermitências que deixavam a esperança de que ela passasse. Tal porém não acontecia.

Os tripulantes eram robustos e bem dispostos.

Trabalhavam com desejo de satisfazer-nos e arrostavam com denodo todos os obstáculos que nos viessem retardar a viagem.

Depois de viajarmos, dias e noites, com um aguaceiro medonho, chegamos ao lugar denominado Poço do Surubim.

As águas do rio tinham crescido admiravelmente.

A lua estava invisível. A chuva, se bem que fina, atualmente, continuava a cair.

Ao chegarmos a Poço do Surubim, o Noronha mandou que os tripulantes empregassem as varas e as vigas, com força, até que a balsa entrasse no canal aberto pela comissão de melhoramento do rio, o qual fica à margem direita do mesmo, cavado em pedra férrea. A primeira tentativa falhou, tendo-se perdido algumas varas.

A balsa foi impelida, pelas águas do remanso, do lado do Piauí para o do Maranhão, passando em frente ao leito normal do rio.

Tentamos segunda vez, com idêntico resultado; e, quando íamos tentar pela terceira vez a passagem pelo canal artificial, a balsa foi levada, com impetuosidade tal, ao centro do leito natural do rio, que foram infrutíferas todas as manobras empregadas.

Um grito de terror e desespero se fez ouvir; e a balsa, instantaneamente, foi levada pelas águas de um a outro extremo!

A submersão estava iminente e todos se preparavam para salvar-se.

Segundos depois, tínhamos atravessado a medonha gargantado Surubim, que tantas balsas e barcos têm engolido, sem sofrer mais outro acidente, a não ser o grande susto que corremos com o iminente naufrágio a que estivemos arriscados, e a bagagem molhada pelas águas que inundaram a balsa.

Ao sairmos, na parte inferior da medonha garganta, a balsa elevou-se por si à superfície das águas!

O Noronha gritou, satisfeito:

– Estamos livres e salvos deste precipício.

O contentamento irradiava em todos os semblantes.

O Noronha, querendo nos fazer conhecer o grande risco que tínhamos corrido, narrou, entre outros fatos, o seguinte:

– Em certa ocasião, estavam alguns pescadores, em suas pescarias, no Poço do Surubim. Um dos pescadores, jogando o seu anzol nágua,

este engancha numpedra. O pescador, não querendo perder o anzol, e esgotados todos os recursos para safá-lo, toma a resolução de ir desenganchá-lo. Seguro na corda do anzol, mergulhou para ir buscá-lo. Os companheiros o ficaram esperando. Tempos depois, não voltando o homem, espalhou-se a gente na beira do rio, para ver se ele aparecia. O homem não apareceu. Todos ficaram muito contristados. A mulher do pescador e os filhinhos tomaram luto, logo que tiveram convicção de que era impossível estar vivo o ousado pescador. No fim, porém, do terceiro dia, o pescador consegue surgir entre os seus camaradas que pescavam. A surpresa foi extraordinária! Indescriável a satisfação da mulher e filhos do pescador! Todos queriam saber, ao mesmo tempo, como era possível que ele tivesse passado três dias debaixo d'água e não tivesse morrido! O pescador narrou-lhes o seguinte: “Como viram, mergulhei para ir buscar o meu anzol, guiando-me pela corda que o amarrava. Chegando ao lugar em que o anzol estava enganchado, tirei-o e procurei voltar; mas, em vez de sair onde há pouco me viram surgir, quase sem fôlego, fui sair numa grande caverna que tem acolá (apontando para a margem direita do rio, onde este cavara a rocha para formar o seu leito), a qual é tão escura e fria que causa horror! Fiz diversas tentativas para sair, mas nunca mais acertei com o caminho. Fatigado, com a cabeça ferida pelas pedras, o sangue a escorrer-me da cabeça, procurei descansar, ou antes ali ficar sepultado. Sei que dormi; e, quando acordei, principiei a observar o lugar em que estava e a pensar no meio de sair dali. Apesar da escuridão, consegui observar o movimento das águas. Pedi a Deus que me auxiliasse a sair daquele túmulo e, resolvido a salvar-me ou morrer, lancei-me n'água, e por felicidade vim sair no lugar onde vocês me viram mergulhar, quando fui desenganchar o meu bom anzol – que aqui está, – disse ele mostrando-o. Eis o que me aconteceu, e como me salvei”. Todos gritaram: “Foi Deus quem te salvou, homem, a fim de cuidares de tua pobre família”.

– Uma outra ocasião – continuou Noronha – descia uma barca com carregamento de borracha, peles e outras mercadorias, quando, ao chegar ao remanso do Poço do Surubim<sup>2</sup>, as águas a engoliram. A tripula-

---

2 É crença, entre os ribeirinhos do Parnaíba, ser nas anfratuosidades deste poço a morada do legendários Cabeça-de-Cuia, do folclore piauiense.

ção safou-se; mas a barca, com o fundo para cima e os mastros para baixo, surgiu somente ao sair da estreita garganta, que ali se vê formada por uma montanha de ferro. Neste lugar, esse metal é encontrado em condições tão excepcionais, que se poderia dizer que existe quase quimicamente puro! Com muito trabalho e auxílio dos moradores, conseguiu a tripulação revirar a barca, encontrando no porão, sã e salva, a mulher que aí vinha e não tivera tempo de sair, e uma capivara que, procurando fugir aos gritos aflitivos dos naufragos, mergulhara no rio e ali penetrara”.

Como este, fatos análogos foram lembrados.

O tempo melhorava, apesar da espessa neblina. E ao passarmos pela foz do rio Gurgueia, notamos que estava com formidável cheia. Este rio, com mais de 100 léguas de curso, somente por ocasião das chuvas oferece curta navegação, mas proveitosa, graças aos serviços executados pela comissão del Castillo.

Passamos, em seguida, pela Cachoeira do Cajueiro, cuja destruição assistimos a 7 de setembro de 1890, em companhia dos distintos engenheiros Manoel Maria del Castillo, chefe da comissão de melhoramentos do Alto Parnaíba, e Artur Pinto, primeiro engenheiro da referida comissão.

O Dr. del Castillo, hábil e perseverante, tornou navegável a mais perigosa secção do Alto Parnaíba, compreendida entre o Poço do Surubim e a cidade de Floriano.

Eram 4 horas da madrugada, quando passamos pela vila da Manga, um dos mais antigos povoados do Piauí, mas que não tem tido desenvolvimento regular.

A população ribeirinha, daqui em diante, vai-se tomando mais condensada.

Aproximávamo-nos da célebre Corredeira da Vargem da Cruz, quando o prático nos indicou o lugar em que havia existido a “pedra do risco”, o terror da navegação do Alto Parnaíba, a invencível barreira que trancava as comunicações entre a secção, que a natureza tornara francamente navegável, e aquela que o está sendo pelo esforço humano.

Ao passarmos pelo local em que existia a pedra acima mencionada, erguemos um caloroso viva ao hábil e distinto engenheiro del Castillo, que, eliminando-a, prestou relevantíssimo serviço à humanidade e à navegação do Alto Parnaíba. Barcos de 60 centímetros podem fazer a navegação



do Alto Parnaíba, até 5 léguas acima da vila de Filomena, presentemente, sem dificuldade alguma. Quantos naufrágios não se deram por causa da célebre pedra, da qual hoje resta apenas a tradição!

Estamos entrando no Baixo Parnaíba. Esta grande artéria fluvial, de que acabamos de percorrer cerca de 160 léguas, é francamente navegável por barcos a vapor, daqui em diante, numa extensão igual à que acabamos de viajar.

Aproximávamo-nos da cidade de Floriano, o maior centro comercial do sul do Piauí, quando o hábil prático gritou:

– O vapor lá está e já fumegando para sair! Fizemos uma viagem de arromba!

Minutos depois, desembarcávamos em terra da antiga Colônia de São Pedro de Alcântara, cuja primeira casinha de palha foi edificada em 1871!

Em seguida, foi construído o estabelecimento, destinado a amparar os órfãos e filhos de escravizados.

O fundador e primeiro diretor deste estabelecimento foi o benemérito piauiense, de saudosa memória, Francisco Parente.

Entrávamos na região quente do Piauí, ou no Baixo Parnaíba, e aportamos em Floriano.

Em 19 de junho de 1890, foi a povoação elevada à categoria de vila, com o nome de Colônia; e, mais tarde, à de cidade, com nome de Floriano. É o ponto terminal da navegação regular do rio Parnaíba e, por este motivo, a cidade mais próspera do sul do Piauí.

O comércio de exportação consta, principalmente, dos seguintes gêneros: borracha de maniçoba, considerada a melhor do Brasil; borracha de mangabeira e outras variedades; gomas e resinas diversas; cera de carnaúba e seus preparados; couro secos e salgados; pelas miúdas, principalmente de cabra, veado e porco-do-mato; queijos e manteigas; algodão e fibras diversas

À nossa chegada, a bagagem foi baldeada para o vapor Piauí, em que tomamos passagem. Enquanto o vapor recebia os últimos carregamentos, despedimos-nos do hábil prático e dos tripulantes da balsa, que dali voltavam a seus lares.

.....

## *Capítulo VIII*

### DA CIDADE DE FLORIANO À BAIJA DE AMARRAÇÃO

**O**VAPOR, COMPLETAMENTE CARREGADO, partiu de Floriano, descendo pelo majestoso Parnaíba.

Nós experimentávamos a agradável transição da marcha vagarosa de uma balsa, preparada com talos de buritizeiro, para a de um vapor, cuja velocidade era de 2 milhas por hora e onde já se encontrava um relativo conforto.

À proporção que a nova e florescente cidade desaparecia de nossas vistas, surgiam sítios, fazendas e povoações pitorescas, circundados de virentes carnaubais.

Para que o leitor possa avaliar o que são os carnaubais piauienses, vamos transcrever da estatística publicada pela Junta Comercial do Ceará o seguinte tópico.

“Muita gente, no sul, não sabe o que é essa maravilhosa planta, espécie de providência das populações de alguns Estados do Norte.

A carnaubeira é uma belíssima palmeira, cujas folhas se abrem em forma de leque, muito regular.

Há regiões, desde o Piauí até ao Rio Grande do Norte, onde ela cresce em verdadeiras florestas.

O atual diretor da Escola de Farmácia de Ouro Preto, Sr. Schwacke, que foi naturalista viajante do Museu Nacional, costuma referir que, depois de ter visitado as florestas do Amazonas, se sentiu arrebatado no Piauí, quando penetrou um dos nossos vastos carnaubais”.

Nada se perde desta bela e utilíssima palmeira.

As raízes são empregadas pela medicina como o melhor sucedâneo da salsa americana. A madeira é notavelmente resistente e de grande aplicação na construção de casas, cercados e pontos.

As folhas são empregadas na cobertura das casas e no fabrico de esteiras e chapéus.

Sendo muito novas, os olhos fornecem abundante cera, objeto de importante comércio do Piauí com os Estados Unidos da América e com a Inglaterra.

O palmito fornece precioso alimento, por ocasião das secas periódicas. Os frutos, no estado natural, são apreciados pelo homem devorados pelo gado.

As sementes são empregadas como sucedâneo do café e, incontestavelmente, um dos mais agradáveis substitutivos da preciosa rubiácea.

Como dizíamos, velozmente navegávamos o majestoso rio, tocando o vapor em cada ponto em que se achava uma bandeira – sinal de carga ou passageiro.

No dia 21 de fevereiro, avistamos as florescentes cidades de Amarante e São Francisco: a primeira, piauiense; e a segunda, maranhense, separadas, uma da outra, pelo rio Parnaíba.

A cidade de Amarante fica na área compreendida pelos rios Canindé, ao sul; Parnaíba, ao oeste; riacho Mulato, ao norte; e uma colina, a leste.

Com uma população de 5.000 habitantes, tem ruas e praças arborizadas e um comércio bastante bravo.

Quando forem aproveitadas convenientemente as quedas-d'água do Mulato, poderá ser iluminada a luz elétrica e provida de melhoramentos indispensáveis, como o abastecimento de água e o estabelecimento de esgotos.

Numerosas chácaras e magníficos banheiros são encontrados nos arredores da cidade, às margens do riacho Mulato. Uma ponte de madeira, no Mulato, liga a cidade às povoações que lhe ficam ao norte.

É sensível a falta de uma ponte no Parnaíba, pondo em comunicação as duas cidades fronteiras, que assim mais desenvolveriam suas múltiplas relações.

No dia 22 de fevereiro, deixamos a próspera cidade de Amarante, levando as mais gratas recordações dos seus amáveis e hospitaleiros habitantes.

Logo após a partida do vapor, os passageiros encetavam relações com seus novos companheiros.

Os grupos iam se formando insensivelmente. Num, apreciavam-se anedotas interessantes e espirituosas, que provocavam riso; em outros, eram recordados acontecimentos políticos ocorridos no Piauí, em diversas fases por que tem passado aquela circunscrição territorial, desde o seu descobrimento, sob o domínio colonial português, até àquela época.

Alguns passageiros entregavam-se aos exercícios venatórios com terrível ardor, matando barbaramente inofensivos camaleões, despercebidas capivaras e inocentes ciganas.

A cada momento, surgiam novas e lindas paisagens, como do morro das Araras, bem digna de figurar nas coleções das primorosas paisagens piauienses.

As horas corriam agradavelmente, quando o apito do vapor veio anunciar-nos a chegada à vila de Belém, no Piauí, em frente à povoação de Queimadas, no Maranhão. Depois de pequena demora, continuamos a nossa viagem, passando pelo vapor Teresina que se dirigia à colônia Floriano.

Entre os vapores e seus passageiros houve troca de saudações. Ao lusco-fusco, chegamos ao porto de São Luís, na margem maranhense, onde existe um sítio tão aprazível e ameno quanto afável e atenciosa é a família que nele reside.

Tendo o vapor recebido, durante as primeiras horas da noite, o combustível necessário, continuamos, na manhã de 23, nossa jornada, passando pelas povoações de Bananeiras, Santo Antônio, Casa Nova, Angelim de Cima e Angelim de Baixo, na margem piauiense. Em seguida, vimos surgir o altíssimo zimbório da igreja de São Benedito, que indicava estarmos chegando a Teresina, bela, risonha e festiva capital do Piauí.

Os passageiros dispunham suas bagagens em ordem, ao mesmo tempo que o vapor ancorava em frente ao estabelecimento da empresa.

Feitas as despedias, desembarcaram os passageiros em busca de cômodos, havendo no porto grande número de pessoas que vinham ao encontro de parentes e amigos.

Teresina está situada numa chapada imensamente vasta e consideravelmente fértil, que se estende sobre as margens dos rios Parnaíba e Poti. Foi fundada, em 1852, pelo presidente José Antônio Saraiva, um dos estadistas mais sinceros e de veneranda memória, do nosso país.

Os motivos que o levaram a transferir a capital da cidade de Oeiras, à margem do riacho da Mocha, para o local em que se acha, foram falta d'água e dificuldade de comunicações com o governo central.

O clima de Teresina é quente, mas salubre. As noites são, quase sempre, agradáveis.

A cidade é dividida em quarteirões iguais, com praças e ruas espaçosas e bem arborizadas.

É a cidade de ruas mais bem alinhadas do Brasil. Sua população é de 15.000 habitantes.

Com a proclamação da República, o espírito de iniciativa tem-se desenvolvido notavelmente no Piauí. Diversas empresas foram organizadas com capitais piauienses e estão em condições prósperas.

Seus edifícios mais notáveis são: o templo de São Benedito, as igrejas das Dores e do Amparo, o palácio do governo, os quartéis federal e estadual, o mercado público, e o Teatro 4 de Setembro, um dos melhores do Brasil.

A instrução primária é obrigatória no Piauí e a secundária é ministrada no Liceu Estadual, equiparado ao Ginásio Nacional.

A grande riqueza do Piauí consiste na indústria pecuária, mas o município de Teresina é mais lavrador do que criador. A lavoura mais

notável do município, como a do Estado, é a da maniçoba. A cultura do algodão, do fumo e dos cereais tem regular desenvolvimento: e seria considerável, em consequência da fertilidade das terras, se houvesse facilidade de comunicações.

Observamos ali alguns frutos indígenas, bem dignos de serem cultivados, como por exemplo o bacuri, a guabiraba amarela, a tuturubá e outros.

Vimos curiosidades de algumas localidades do Estado, como os peixes petrificados, das cercanias da cidade de Jaicós, e objetos diferentes, retirados da Gruta dos Túmulos, no município de Aparecida. Pelas informações que colhemos, a vasta e interessante gruta, onde se encontra um cemitério dos índios, é bem digna de uma cuidadosa investigação científica, para elucidação da antropologia e etnologia, dos indígenas daquela região.

Em frente a Teresina, está a vila de Flores (Cajazeiras), em território maranhense, ponto terminal da Estrada de Ferro de Caxias, que liga os ubérrimos vales dos rios Itapicuru e Parnaíba.

A ligação desta linha com a de Sobral, no Ceará, através do Piauí, é da maior conveniência e da mais urgente e inadiável necessidade, a fim de facilitar a resolução do problema, que determinou a construção da de Sobral. Feito isto, os terríveis feitos das secas periódicas se tornarão perfeitamente suportáveis, sem ocasionarem mais perdas de vida.

No dia 5 de março, deixamos a bela e risonha capital piauiense, onde a graça e os encantos naturais se harmonizam com os costumes simples e bons daquele povo modesto, ordeiro e perseverante, que, dia a dia, se vai tornando mais industrioso e próspero.

A bordo do vapor *Conselheiro Paranaguá* nos dirigimos para a vila de Amarração, 100 léguas ao norte de Teresina.

Ao levantar âncora, o vapor seguiu a montante, executando uma bela manobra, ao tomar a jusante das águas. Agitaram-se os lenços, em sinal de despedida; e dentro de alguns minutos, perdíamos de vista as pessoas que se achavam no porto. Em seguida, as casas e, finalmente, o elevado zimbório de São Benedito.

Povoações diferentes vão aparecendo, como a do Poti, na foz do rio que lhe dá o nome, e notável pela abundância do peixe: Boa Vista,

Mata-Pasto, Melancias, Caiçara, Santa Rita e a florescente cidade de União, todas na margem piauiense.

Abaixo de União e em território maranhense estão as povoações de Riachão e Currallinho; e, abaixo desta, na margem piauiense, Conceição.

O rio, neste trecho, mais largo e menos profundo que nas secções do Alto Parnaíba, torna-se dificilmente navegável, durante a seca, se bem que durante o inverno seja ótima sua navegabilidade.

A viagem tornava-se sempre interessante, em consequência das novas paisagens e povoados que íamos observando, como Marruás, no Piauí. Nazaré e Repartição, na margem maranhense. Curvinas, na margem piauiense, é uma bela situação.

Ao escurecer, aportamos na importante vila maranhense Santa Quitéria, onde pernoitamos.

Com um luar bellissimo, percorremos a povoação, observando grupos de pessoas assentadas, formando semicírculos em frente às casas. A palestra estava animada e os assuntos variavam, desde as mais transcendentais questões políticas até ao mais difícil e delicado ponto de agulha.

A satisfação que transparecia no semblante daquela gente demonstrava sua despreocupação e felicidade.

No dia seguinte, ao alvorecer, viajamos.

A região do Baixo Parnaíba, se não tem as belezas e atrativos da do Alto Parnaíba, onde, ao lado de um clima ameno, existem matas umbrosas e milhares de aves, possui todavia mais importância agrícola e comercial, em consequência da maior população e mais próximos centros de consumo.

A bem situada vila de Porto Alegre, encantadora e próspera, surge na riba piauiense, onde nos aportamos; e, depois de pequena demora, deixamos a florescente vila, para avistarmos outros povoados, núcleos risinhos e futuras vilas e cidades piauienses.

Na margem maranhense, avistamos a vila de São Bernardo, onde o comércio e a agricultura vão tendo regular desenvolvimento.

O vapor marchava velozmente e o sol brilhava no ocidente, iluminando a terra com seus raios fulvos e quentes, quando passamos em frente à foz do caudaloso rio Longá.

Nas suas águas, aparentemente imóveis, qual espelho colossal, refletia-se o sol, tingindo os corpos circunvizinhos com as cores do arco-íris.

Como estimaríamos gravar em tela duradoura aquela cena majestosa, em que o sol, rubro e imensamente aumentado de volume, refletia na superfície líquida seus raios fulgurantes, prestes a sumirem-se no ocidente.

O vapor, seguindo seu itinerário, nos afastava da refulgente cena que tanto nos havia maravilhado e que, pesarosos, perdíamos de vista.

Aproximávamo-nos do delta parnaibano, quando notamos o varadouro que se dirige para o ocidente e que vai constituir, ao entrar novamente no grande rio, a ilha de Mariquita.

Na ilha do Poção, deixamos o rio principal, que também se dirige para o oeste.

Este rio vai formar diversas barras, sendo a mais importante a da Tutóia, entre o Piauí e o Maranhão, e considerada como uma das baías mais profundas e seguras do norte do Brasil (veja-se o “Almanaque Piauiense” de 1903, pág. 57 – Limites com o Maranhão – verb. *Tutoia*).

Dali, seguimos pelo braço oriental do Igarçu; e, às 8 horas da noite, chegávamos à cidade de Parnaíba, a mais importante e comercial do norte do Piauí.

Situada à margem direita do Igarçu, em frente à Ilha Grande de Santa Isabel, é a única praça comercial piauiense, emancipada da tutela dos Estados vizinhos.

Considerada como cidade marítima, tem seus portos nas baías de Tutóia e de Amarração. Fica com sua alfândega cerca de 10 léguas de Tutóia e 5 de Amarração.

A cidade de Parnaíba tem algumas ruas espaçosas e praças arborizadas. Os edifícios públicos são regulares e as construções particulares recentes têm melhorado consideravelmente. Parnaíba é o empório comercial do Piauí. Eis os principais produtos destinados a exportação: gado vacum, cavalo, ovino, caprino, suíno e aves domésticas, couros espichados, salgados, peles miúdas, sola, crinas, chifres, carne-seca ou de vento, sebo, queijos, requeijões, manteiga, borracha, resina de jatobá e outras, algodão, fumo, cera de carnaúba, velas, chapéus e outros produtos da carnaubeira; fibras, vegetais diversas e os apreciados doces de bacuri, buriti, cajuí, muri-



ci e muitos outros, verdadeiramente deliciosos. Além dos gêneros citados, exporta cereais, farinha de mandioca, polvilho, madeira de construção e de tinturaria e preciosas penas.

No dia 9 de março, nos dirigimos à vila de Amarração, um dos portos marítimos piauienses.

Notamos, durante o percurso pelo Igarçu, de Parnaíba a Amarração, pomares, engenhos de moer cana, canaviais e outras plantações, que alegravam e davam vida às margens do piscoso rio. antes de lançar-se na aprazível baía de Amarração, – contornada por montes arenosos onde dizem haver abundantes depósitos de areia monazítica.

O ancoradouro de Amarração é profundo e abrigado. A entrada da sua barra é arriscada, por causa de um banco de areia que vai tornando aquele porto impraticável. Nas grandes marés, alguns vapores transatlânticos ali penetram, mas o ancoradouro piauiense que nada deixa a desejar é o do Cajueiro, na baía de Tutóia.

As florestas marinhas do litoral de Amarração vão desaparecendo, talvez em consequência das devastações pelos incêndios ou das secas que têm assolado o Estado.

A vila de Amarração está situada à margem direita do Igarçu, no pontal que fica entre a baía e o oceano. Montes de areia movediça formam-se e desfazem-se, ora cobrindo, ora descobrindo casas e arvoredos.

Semelhante fenômeno nos parece digno de estudo, pois, conhecida a sua causa, poderá ser combatido o seu efeito.

Quantas vezes, durante a nossa estada em Amarração, não percorremos suas praias arenosas, em que as ondas bravias, com surdo e agonizante estertor, vinham morrer! Quantas vezes fomos fustigados pelo vento impregnado de areia, que soterra casas e arvoredos!

Durante nossa permanência ali, vimos coqueiros, de altiva fronde, ficarem submersos nas areias!

Apesar disso, a vila de Amarração tem seus encantos e é de notável salubridade. Os beribéricos e impaludados do Maranhão, Pará e Amazonas, encontram no clima de Amarração verdadeiro lenitivo aos seus sofrimentos.

Na radiante manhã de 18 de março, saímos de Amarração, a bordo do vapor *Teresina*, da Cross Line Company. Deixando a tranqüila

baía e passando a barra, começou o vapor a sulcar as verdes águas do vasto e profundo oceano, dominado pelo audacioso arrojo da intrepidez humana.

E, do alto mar, lançamos um saudoso olhar ao grupo de casinhas, que, como garças em repouso, indicava a vila. Uma faixa esbranquiçada, com esmalte verde, delineava, ao longe, o gracioso litoral piauiense, de que nos íamos afastando.

Apreciávamos o surgir da aurora, incomparavelmente bela, com seus listões de cores radiantes, aspirando o ar vivificador, no tombadilho, quando um companheiro nos indicou o farol de Amarração. Ergue-se no oceano, sobre o rochedo denominado Pedra do Sal.

O ilustre piauiense Davi Moreira Caldas diz o seguinte deste rochedo: “Encontra-se ali uma pedra, de configuração esférica, assentada sobre outras que a sustentam. Nas cavidades inferiores do rochedo, coilha sal muito alvo e, nas superiores, acha-se água doce, proveniente das chuvas. Nos dois poços de maior capacidade, um dos quais tem, aproximadamente, um metro, a água deverá conserva-se por muito tempo”.

Ao rochedo indicado lançamos investigador olhar; e, por um momento, contemplamos solitário que monumentalmente ali se ergue.

Quantas gerações não terão visto passar aquele marco, ali plantado, quem sabe, por que mãos?

Quantas revelações, sobre os tempos pré-históricos, e a etnografia do Piauí, poderá trazer, se for convenientemente estudado?

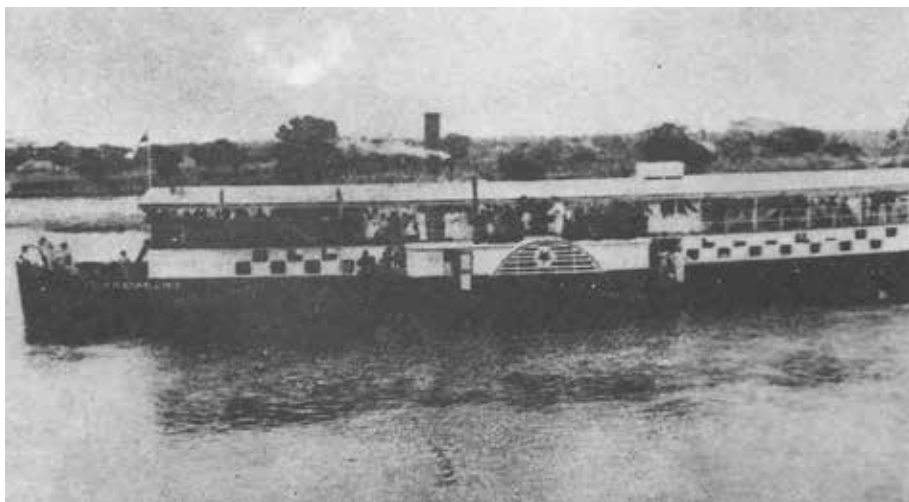
Fazendo estas considerações, cada vez mais nos afastávamos da costa. E, como sentinela, ali ficava o solitário rochedo, talvez algum sagrado dólmen.

Ao seu lado ergueu-se o farol de Amarração, que, com luz clara e cintilante, mostra a todos os povos o caminho da abençoada e ubérrima plaga piauiense.

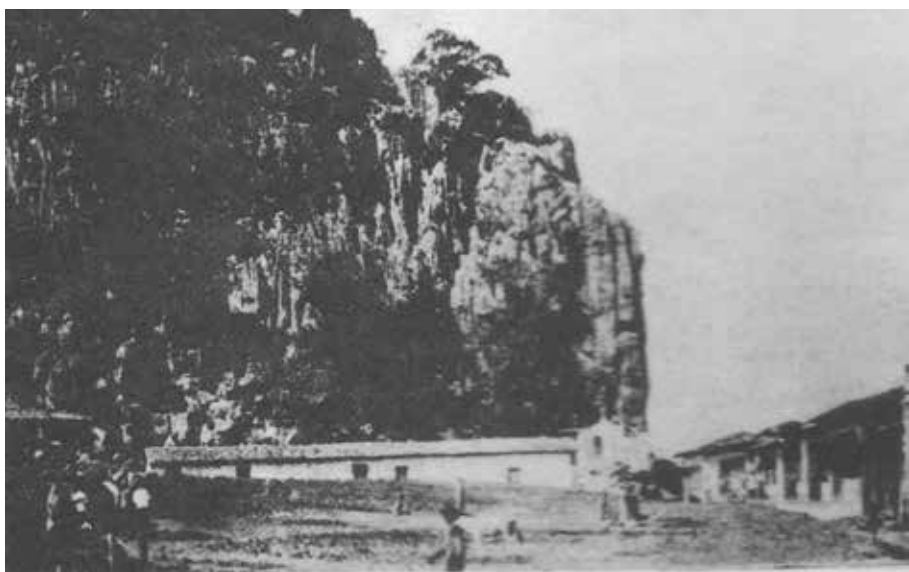
E nós, ao deixarmo-la, ao perdermos de vista a terra sagrada do Estado natal, tão vasto quanto despovoado, dissemos: “Adeus, pátria querida! Adeus, pátria, cujos portos se acham ligados a todos os continentes pelo vasto oceano! Abri os braços e ofereci abrigo, carinho e conforto, a todos os necessitados que vos procurarem e que tiverem amor ao trabalho. Que Deus guie, para vosso seio, todos os povos de sentimentos bons, de grandes, nobres, e generosas aspirações!”



*Primeiros tempos de Belo Horizonte, quando foi visitado pelo autor:  
A rua Guajajaras e a Praça da República*



*De vapor do rio São Francisco, ainda hoje usado, e no qual Paranaguá fez parte da viagem. Essa embarcação tem o apelido popular de Gaiola, tipo que também servia o rio Parnaíba.*



*Gruta da Lapa, em Bom Jesus da Lapa, Bahia.*

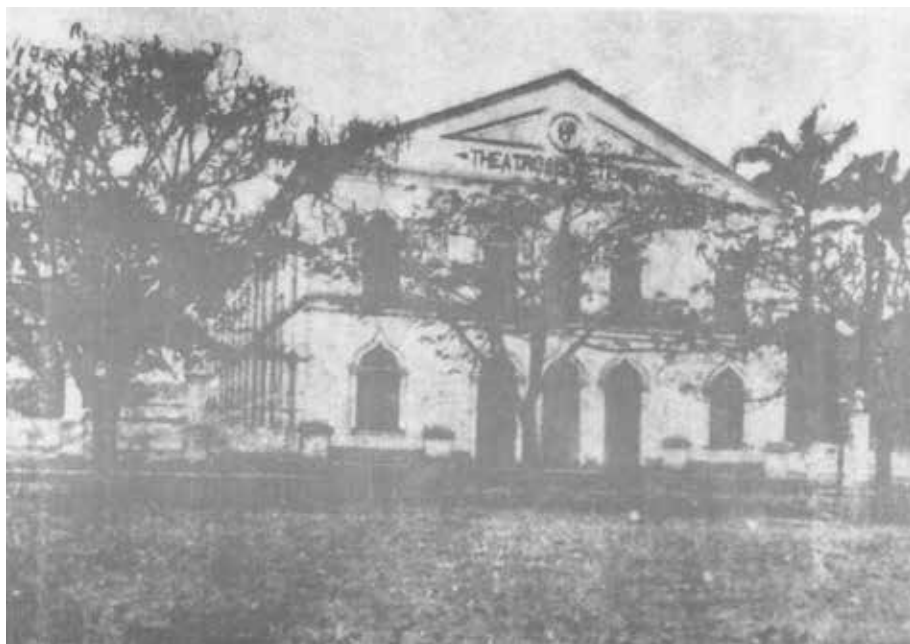
QUATRO ASPECTOS DE TERESINA AO TEMPO  
DA VISITA DO AUTOR.  
A CIDADE TINHA PERTO DE 50 ANOS



*Lagoa do Saraiva, hoje Praça Saraiva*



*Igreja de São Benedito*



*Teatro 4 de Setembro*



*Praça Deodoro. No prédio da esquina, a partir do começo do século XX, funcionou, até a década de 60, a Prefeitura Municipal.*



.....  
*Índice onomástico*

**A**

- ABREU LUSITANO – Ver LUSITANO,  
Manuel de Abreu Lusitano  
ABREU, Benício de – 79  
ABREU, Rodolfo de (coronel) – 37  
AGUIAR, Ricardo de – 123  
ALBUQUERQUE, Aurélio Pires de Car-  
valho e – 61, 62, 66  
ALEXANDRE HERCULANO – 71  
ALMEIDA, Antônio Roberto de (desem-  
bargador) – 79  
ALVES, Francisco de Paula Rodrigues  
(presidente) – 28, 39, 73  
AMARAL, José Mariano Lustosa do (de-  
sembargador) – 109  
AMÉRICO – 50  
ARAÚJO, Francisco Carvalho de (coro-  
nel) – 36, 98  
ATUÁ, Antero Simões Cuim – 66

**B**

- BARLOW, Juliatt – 112  
BARREIRA (família) – 125  
BIAS FORTES – Ver FORTES, Crispim  
Jaques Bias  
BOM CONSELHO (barão do) – 79  
BONFIM, Antônio Mariani do – 79  
BORGES, Abílio César – Ver MACAÚ-  
BAS (barão de)

**C**

- CALDAS, Davi Moreira – 151  
CAMÕES – 106  
CAMPEIO, Joaquim – 53, 54  
CANABRAVA (coronel) – 66  
CANUTO – 67  
CARVALHO, Antônio Nogueira de –  
112  
CASTRO, Alcides de – 68  
COELHO, Feliciano Pinto – 38  
CUNHA, Alexandre Lustosa da – 128,  
132

**D**

- DEL CASTILLO – 141  
DOMINGOS AFONSO – 88

**F**

- FALCÃO, Libânio Antônio – 61  
FERREIRA LUSTOSA (coronel) – 124  
FONSECA, Claudino da – 52  
FORTES, Carlos P. de Sá – 34  
FORTES, Crispim Jaques Bias – 36, 39  
FREDERICO (major) – 45  
FREITAS, João Alfredo de – 106  
FREITAS, José Manuel de (desembarga-  
dor) – 101, 102

**G**

- GONÇALVES, Aureliano Porto (juiz) –  
66



158 Joaquim Nogueira Paranaguá

GONÇALVES, Georgiano Horácio –  
109, 119, 138

GUIMARÃES, Luís de Assis – 52

**H**

HARGREAVES – 45

HERKMEN, Elias – 88

**J**

JESUÍNO – 64

JORGE – 107

JOSÉ FRANCISCO – 79

**L**

LEMUCHI, Amadeo – 35

LENCASTRE, João de (D.) – 77

LINDOLFO CAETANO – Ver SILVA,  
Lindolfo Caetano de Sousa e

LINS, Firmo de Oliveira – 67

LINS, Torquato de Oliveira (major) – 67,  
68

LOBATO, Henrique Correia (desembar-  
gador) – 78

LOPES RODRIGUES – 69

LUDGERO – 126

LUND – 39, 50, 52

LUSITANO, Manuel de Abreu (coronel)  
– 41, 49

LUSTOSA, Alexandre – Ver CUNHA,  
Alexandre Lustosa da

LUSTOSA, José da Cunha (coronel) –  
89

LUSTOSA, Virgílio Fábio (major) – 109

**M**

MACAÚBAS (barão de) – 80

MACHADO, João da Mata – 42

MACHADO, Virgílio – 42

MAIA, Emílio – 61, 73

MARCONDES, Urbano – 38

MARIANI (família) – 80

MARIANI, Pedro – 79

MARTINS, José (coronel) – 97

MASCARENHAS (família) – 52

MASCARENHAS, Francisco (coronel)  
– 52

MASCARENHAS, Pacífico – 52

MATA MACHADO – Ver MACHA-  
DO, João da Mata

MEDRADO, Silvestre da Rocha – 114

MIRIDÃ – 106, 107

MONTENEGRO, Tomás Garcez Para-  
nhos (desembargador) – 79

MORGADO, A. Vieira de (coronel) –  
109

MULLER, Lauro (ministro) – 39

**N**

NASCIMENTO, Francisco Alves do –  
51

NASSAU, Maurício de (conde) – 88

NEIVA, João Augusto (comendador) –  
79

NOGUEIRA, Alexandre – 96

NOGUEIRA, Augusto Francisco (padre)  
– 110

NOGUEIRA, Augusto José – 121

NOGUEIRA, Benedito – 138

NOGUEIRA, Benjamim José (coronel)  
– 111, 112

NOGUEIRA, Doroteu – 120

NOGUEIRA, Felisberto Francisco (tenente-coronel) – 91, 95, 96  
NOGUEIRA, Francisco de Sales (capitão) – 124  
NOGUEIRA, Inácio – Ver PARAIM (baronesa de)  
NOGUEIRA, João Damasceno (tenente-coronel) – 128, 132  
NOGUEIRA, Joaquim (coronel) – 112  
NOGUEIRA, José Francisco – Ver PARANAGUÁ, José Francisco Nogueira  
NOGUEIRA, Josué José (tenente-coronel) – 96, 113  
NOGUEIRA, Júlio Lustosa do Amaral – 109  
NOGUEIRA, Modesto (major) – 96, 125  
NOGUEIRA, Numa P. Lustosa – 111  
NOGUEIRA, Raimundo Lustosa – 109  
NORONHA, José de – 138, 139, 140

### O

ODILON (capitão) – 67  
O'DONELL DE ALENCAR (capitão) – 109  
OLIVEIRA LINS – Ver LINS, Torquato de Oliveira  
OLIVEIRA, José de Sousa Oliveira – 68  
OLIVEIRA, José Pereira de – 53, 54, 56  
OSÓRIO (general) – 28

### P

PARAIM (barão de) – 89  
PARAIM (baronesa de) – 90, 112  
PARANAGUÁ (marquês de) – 89

PARANAGUÁ, Antônio (capitão) – 124  
PARANAGUÁ, José Francisco Nogueira (capitão) – 87, 97, 112, 113, 121  
PAULA SANTOS – 49  
PAZ, Manuel José – 112  
PIRES E ALBUQUERQUE – Ver ALBUQUERQUE, Aurélio Pires de Carvalho e  
PIRES, Aurélio – Ver ALBUQUERQUE, Aurélio Pires de Carvalho e

### R

RIBEIRO, Domingos José (tenente-coronel) – 123  
RIBEIRO, Teodoro (coronel) – 116  
ROBERTO (vaqueiro) – 93, 94  
RODRIGUES ALVES – Ver ALVES, Francisco de Paula Rodrigues

### S

SÁ FORTES (família) – 34  
SALDANHA MARINHO – 37  
SANTA FILOMENA (barão de) – 89  
SANTOS, João Oscar de Almeida – 80  
SARAIVA, José Antônio – 146  
SCHWACKE – 144  
SEPÚLVEDA, Joaquim – 42  
SERRA, Gonçalves Coelho e – 82  
SILVA, Lindolfo Caetano de Sousa e – 67, 68  
SOLEDADE, Francisco da (frei) – 69, 71  
SOUSA, Benedito de (desembargador) – 79  
STOWE, W. B. – 111

**T**

TORRES, Cícero Diocleciano da Silva –  
67, 68

**V**

VANA, Luís – 80  
VIANA, Antônio – 52

VIEIRA, Zeferino (capitão) – 124

VILA DA BARRA (barão da) – 79

**W**

WANDER – 56

WANDERLEY (família) – 80

*Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país,*  
de Joaquim Nogueira Paranaguá, foi composto em Garamond,  
corpo 12/14, e impresso em papel polen soft 80 g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da Secretaria  
de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF, em Brasília.  
Acabou-se de imprimir em março de 2019, de acordo com  
o programa editorial e projeto gráfico do  
Conselho Editorial do Senado Federal.







Joaquim Nogueira do Paranaguá ficou marcado na História do Brasil por ter sido um dos defensores da transferência da Capital do Brasil do Rio de Janeiro para o interior do país no Planalto Central.

Ele escreveu a obra *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do País* seguindo a tradição dos viajantes que descreviam o Brasil percorrendo suas entranhas, como fizeram Von Spix e Von Martius, no século XIX, e Paul Walle, no início do século XX. A obra de Joaquim Nogueira Paranaguá, publicada em 1905, descreveu as dificuldades do povo e as belas paisagens interioranas brasileiras, da baía de Guanabara ao sertão piauiense em 1892.

Ao chegar ao sul do Piauí, depois de descer o rio São Francisco, descreveu a chegada em sua terra natal: “Ao aproximarmos da aba da serra do lado oeste, avistamos uma região imensa, ondulada de colinas, montes e campos virentes, circundada por uma serra em forma de ferradura, de concavidade voltada para o norte, a estender-se indefinidamente. É o Piauí que surge, e nossa alma ao contemplá-lo expande-se em íntimo júbilo”.

